# NOVA COLLECÇÃO

DE LIVROS CLASSICOS

POR UMA

## Reunião de Professores

## F. T. D.

Obedece ás seguintes normas:

1.º Respeitar sempre a moral mais rigorosa pelo culto a Deus, á Patria, á Familia.

2.º Suavisar o ensino, pelo emprego dos melhores methodos pedagogicos.

3.º Tornal-o pratico quanto possivel pela multiplicidade dos exercicios de applicação.

4.º Adaptar-se, no que diz respeito á extensão dos programmas, a todas as exigencias das Escolas Superiores.

Reformatado by:

† Livros Católicos para Download

**Os livros desta Collecção versam sobre todos os ramos do ensino primario e secundario.**

# MEZ DE MARIA

## DIA DA ABERTURA

Ave Maria! eu vos saudo, Maria! E' a palavra que está hoje em todos os labios, o grito que escapa jubiloso de todas as almas christãs; nas basilicas das grandes cidades como nas igrejas mais humildes do interior; na prece em commum, no seio da familia como na intimidade da oração privada, é sempre a mesma palavra terna e confiante: Ave Maria!

Nesta palavra abençoada, ha um sentimento feito de amor e admiração. Este sentimento reveste todas as formas, exprime-se em todas as linguas. Vós o encontrais na eloquencia dos panegyristas, nas estrophes vibrantes dos canticos, no brilho das flores, no fulgor das luzes e na pompa magestosa das ceremonias religiosas. Dir-se-ia que a terra em peso quer prestar a Maria homenagens iguaes, ou antes parece que a mesma brisa bafejou todas as almas, despertando em todas o mesmo estremecimento affectuoso.

Será necessario, porventura procurar as razões deste enthusiasmo? Acaso precisaremos justificar-nos a nós mesmos na expressão destes sentimentos de amor ardente? Não, absolutamente. E' uma cousa natural, espontanea. E' um arrebatamento, um impulso irresistivel, que traz comsigo a propria justificação. Não se pergunta á ave porque vôa, á folha porque cicía com o sopro do zephiro; não se pergunta á flôr porque desabrocha sob os calidos beijos do sol, nem á criança porque corresponde sorrindo

aos sorrisos da mãe ou adormece no regaço onde tantas vezes o amor a embalou.

Deus não faz brotar nos corações um amor que não tivesse motivos, e cada aspiração de nossa alma corresponde a uma necessidade. E' preciso pois admittir que o culto tão enthusiasta que prestamos a Maria tem razões profundamente theologicas e deita raizes no proprio pensamento de Deus. Essa verdade ha de apparecer como conclusão logica no fim das praticas desta estação do mez mariano; vamos, entretanto, desde hoje, entrever e saudar tão consoladora verdade.

Na origem do Christianismo, na base desta grande transformação religiosa da humanidade, acha-se uma mulher cuja presença e missão são indispensaveis nos designios de Deus: *Maria!* Na linguagem symbolica dos prophetas que a vaticinaram, é a tal terra arida donde brotará uma planta maravilhosa; é a vara de Jessé na qual desabrocha a flôr mystica; é a nuvem que ha de, um dia, transformar-se em orvalho benefico. Mas não se arranca do solo que a alimenta a planta, nem a flôr se tira do ramo que a ampara; e quando em nossos campos, respiramos as auras embalsamadas da manhã, logo cogitamos na poeira humida do orvalho que satura e refresca a doce aragem. Assim terá Maria, seu lugar ao lado de Jesus; com Elle, palmilhará o mesmo caminho e seguirá o mesmo trilho. Quanto fôr nella, simples creatura, Maria realisará os mesmos trabalhos. Inseparavel de seu divino Filho, verá projectarem-se sobre a sua fronte virginal immaculada os raios de gloria de Christo Redemptor; e, como Elle, cingindo diadema immortal, Maria participará eternamente do culto de amor que a Jesus consagram os seculos reconhecidos.

A humanidade de Nosso Senhor é obra prima de sublimidade e de grandeza, obra prima do supremo poder. Maria será a obra prima da graça suprema. Si a vida de

Jesus é uma maravilhosa epopéa com o desfecho no drama do Calvario, a vida de Maria será um poema delicioso, repassado dos perfumes do céu. Em seu rosto suave descobrimos o encanto que Deus poz na pureza dos anjos, o enlevo que nos attrahe na innocencia da virgem, a magestade que resplandece no papel santo da mãe, mas tudo isso ennobrecido, transfigurado, sublimado e impregnado de effluvios divinos que a terra nunca vira dantes nem póde tornar a ver.

Existe sem duvida neste mundo a belleza das almas que gravitam para Deus e delle se vão approximando pela perfeição sempre crescente de sua santidade; mas acima de todas estas virtudes, e caridades, e sacrificios, e heroismos, acima destes esplendores moraes, ainda vejo pairar, imponente, glorioso, dominador, um vulto: *Maria!* Maria, providencial medianeira entre o Céu e a terra, dispensadora dos dons que sanctificam... Maria modelo perfeito de todas as virtudes da terra.

Quando comparamos a vida dos santos mais eminentes com a vida da Rainha do Céu, exclamamos: "Qual a alma que trouxe diante do throno do Altissimo uma fé mais ardente, esperança mais firme, amor mais profundo e mais generoso? Qual a alma que concentrou em grau mais elevado como em foco mais intenso, estas sete chammas mysticas que são os dons do Espirito Santo?" Por isso a Igreja, imitando os prophetas, dá o arco-iris como symbolo de Maria, o arco-iris, faixa luminosa que após a tempestade, se desenrola no céu, envolvendo-o com as sete côres em combinação harmoniosissima.

Falando das grandezas e glorias de Maria, exclama São Bernardo: "O' homem, vê e considera quanta sabedoria e bondade Deus poz nos conselhos de sua Providencia! Queria resgatar a humanidade, e então entregou á Bemaventurada Virgem o preço desta Redempção. Depois, para nos ensinar a confiança que nella devemos

depositar, determinou que toda a esperança e todas as graças de salvação nos viessem por aquella que foi enriquecida com todos os thesouros do Céu. Opulento jardim enclausurado, sem duvida; mas eis que sopram as auras do alto; passam de continuo, e tornam a passar essas fragrancias incomparaveis que são as graças de salvação."

Pois bem! Esta alma, vamos estudal-a na virginal estação do mez de Maria. Esta vida completa ha de passar diante de nossos olhares; vida, depois da de Jesus, mais maravilhosa, e tambem mais tocante, mais graciosa e mais rica de preciosos ensinos. Hoje mais do que nunca tal estudo será opportuno e salutar. A sociedade actual é indifferente ou sceptica. Cada dia que se vae parece querer arrebatar alguma cousa do sagrado patrimonio de fé que herdamos dos nossos antepassados. Muitos ha que accreditam sómente no poder do dinheiro, no gozo dos prazeres. Para elles, dir-se-ia que o Céu se afastou e se vae perdendo sempre mais nas profundezas incertas de um horizonte sem realidade. Quantos ha que não sabem mais olhar para as alturas. Vemos corações amesquinhados, almas sem ideal que se assemelham ás aves feridas, arrastando as azas, maculando-as no lodo do caminho. Deixamo-nos captivar pelas vulgaridades. O que muitos reclamam, já não são as alegrias do dever cumprido, sinão emoções perturbadoras e febricitantes, oriundas da parte mais baixa da nossa misera humanidade. Esses, já se vê, pouco apreciam as cousas santas. Oxalá entendam a voz daquella justamente chamada Refugio dos peccadores!

Maria é um ideal, mas é ideal posto ao nosso alcance. Por delicado e fino que seja o modêlo, certo é que foi traçado para nós. A muitas almas tem excitado, muitos enthusiasmos inspirou, e só este culto de Maria explica heroismos sem numero e até então desconhecidos.

E' temeridade, sem duvida, tecer-se aqui o elogio de uma vida que São Bernardo não podia celebrar condignamente; e, mais do que ninguem tem razão o autor, fazendo

suas as palavras que um veneravel religioso escreveu no cabeçalho de importante trabalho sobre a Santissima Virgem: "Leitor, meu amigo, ficareis admirado ao verdes que depois de tantos espiritos peregrinos, de tantos e tão sabios escriptos tive a ousadia de falar ainda de Nossa Senhora, como si eu pudesse dizer algo de novo, que della e de vós merecesse benevolencia. Mas, si ha cousas que a unica vez que se dizem, já são importunas, outras haverá que mil vezes repetidas sempre agradam e sempre mais arrebatam. Nossa Senhora é a Virgem Santissima: não póde deixar de parecer e nova e bella.

E' tranquillisadora ainda esta consideração: existe no coração humano uma força que póde supprir todas as deficiencias; sentimento tão fecundo que muitas vezes tem inspirações geniaes, tão poderoso que supera todas as difficuldades. Pois bem! póde contar com este sentimento quem toma como lemma o programma que o Bemaventurado Padre Chanel, martyr da Oceania sellou com o proprio sangue: "Amar e fazer amar a Maria!"

Sim, ó Mãe nossa, amar-vos e fazer-vos amar: eis o nosso fim! Foi a nossa unica gloria no passado, hoje é a nossa unica força e alento.

Queremos desde já saudar-vos com um dos vossos mais eminentes panegyristas: "Salve Maria, cheia de graça, mais santa que todos os santos, mais alta que os céus, mais gloriosa que os Cherubins, mais honrada que os Seraphins. Salve pomba immaculada que nos traz o ramo da oliveira após o diluvio. Pomba immaculada, nuncio de paz e salvação, em cujas azas irradia o resplendor do ouro, a luz do divino Espirito Santo! Salve, ó Paraiso deslumbrante e delicioso plantado no Oriente pela mão omnipotente e bemfazeja de Deus para nos dar o lyrio perfumoso e a rosa immortal, remedios contra a morte eterna da alma, contra o amargor do peccado que commetteram os desgraçados filhos de Eva. Salve, Paraiso onde floresce em plena luz, a arvore maravilhosa

cujos fructos levam ao animo que os assimila germens de immortalidade."

## EXEMPLO

### *FLORES E CANTICOS*

*A tarde corria amena. Um padre dominicano ia atravessando o bosque. Segundo o seu costume, rezava o terço em voz baixa. Calmo, o céu; o vento silencioso. Nada havia que o distrahisse na sua oração piedosa. Entretanto, foi perturbado. Symphonias de infinita suavidade, um ruflar de azas frementes, um mixto de vozes e canticos pareciam sahir do fundo da matta. Attonito, o filho humilde de S. Domingos interrompe a prece e para, a escutar attentamente. Mas, no mesmissimo instante, cessam os cantos, e mal consegue o monge ouvir por intervallos um farfalhar das folhas nas frondes das arvores.*

*"Illusão minha, pensou o frade comsigo. Não ouvi nada; foi a minha cabeça louca. Quem conhece todas as artes do demonio para nos impedir de rezar?"*

*E foi continuando a recitação da Ave Maria. Outra vez, canticos alegres e o doce rumor de azas, sempre mais proximos, mais distinctos, formando como que milhares de echos á sua prece amorosa. Novamente parou, e novamente escutou... Nada! Nem siquer um vôo de insecto, nem o ciciar da aragem. Tornou a andar, e caminhava e orava. Então as vozes do côro invisivel pareciam acompanhal-o, maviosas. Sem duvida, estavam presas ás contas do seu rosario. Chegado que foi á orla do bosque, alli, em frente do céu azul, onde apenas bruxoleava o crepusculo agonizante, viu de repente as nuvens que se abriam e se separavam. Uma claridade subita jorrou pelo espaço. Sentada numa aureola incomparavel, appareceu-lhe a Virgem Santissima em meio de um immenso cortejo de anjos. A cada Ave Maria que o religioso deixava escapar do seu coração abrazado, resoavam cantos melodiosos e os anjos espalhavam em profusão lyrios,*

*rosas e boninas.* Fulcite me floribus, *enviai-me flôres, dizia a celeste rainha e inclinando-se, recolhia as grinaldas embalsamadas que os anjos lhe teciam. As flôres, por si mesmas, se mesclavam entre os dedos de Maria numa surprehendente escala de matizes e côres, e esses fios vaporosos que nas manhãs primaveris, vemos disseminados na grama, se entrelaçavam, artisticos, vinculo subtil, aereo, diaphano, a rematar enfeites de estupenda belleza.*

*Maravilhado com tão extraordinario espectaculo, o bom Dominicano até perdeu a fala e se esqueceu da oração. Logo os canticos morreram; cahiram murchos, os braços erguidos para espargirem flôres; a Virgem Maria tambem parecia triste, acabrunhada, vergada ao peso de uma dôr pungente.*

*"Oh, minha terna Mãe, donde vem, exclamou o religioso em pranto, esta tristeza? Porque esses olhares tão meigos e magoados? Não ouço mais as harmonias dos anjos, porque será? Não mais vejo thesouros de flôres, porque será?"*

*Com accentos de maternal censura, respondeu a Virgem "E' porque, Irmão, cessou a tua oração!"*

*Não duvidemos. O Dominicano, com novo fervor, terá prolongado a visão, espalhando essas preces singelas e floridas que acham direitinho a porta do Céu.*

## ORAÇÃO

O' Deus que alegrais nossos corações fazendo-nos celebrar a bemaventurada Maria, concedei-nos, vol-o supplicamos, a graça de louval-a, de honral-a tão perfeitamente nesta vida que mereçamos sentir os effeitos da sua maternal protecção em todas as nossas necessidades e principalmente na hora da nossa morte, afim de qùe possamos gozar com ella no Céo, da eterna felicidade. Assim seja. S. BOAVENTURA.

# PRIMEIRO DIA

## PREDESTINAÇÃO DE MARIA

Quanta emoção, lendo a historia da Santissima Virgem: a mão treme, o coração palpita com mais força, dos olhos deslisam suaves lagrimas, porque si é a narração das suas grandezas, e privilegios, é tambem a narração dos seus padecimentos e prantos.

Todavia, este primeiro sentimento breve desapparece diante de outro mais poderoso: este livro nos fala das graças que Maria nos alcançou; traz os ensinamentos que nos ministrou, as esperanças que alimenta; e, si em frente de algum profundo mysterio, conturba-se nossa razão, o coração exulta por deparar a cada passo com provas irrefragaveis do seu amor ardente pelas almas e com rasgos providenciaes da sua protecção sobre nós.

Observando as riquezas trazidas pelas inundações periodicas do Nilo, o viajante sente-se instinctivamente impellido a remontar o curso desse rio, talvez porque imagina descobrir, na sua nascente a explicação de tão portentosa uberdade. Remontaremos com maior razão e acerto do que os exploradores do Alto Egypto, o curso desta existencia para pedir no proprio pensamento de Deus o segredo da grandeza de Maria. Remontaremos além dos prophetas, além do Paraiso terrestre, além do Fiat creador que aos milhares arremessava os mundos na immensidade do espaço.

1.º — Do nada ainda não tinha Deus tirado a creação; ainda não tinha armado acima de nossas cabeças essa abobada azul cravejada de constellações de ouro, ainda não tinha feito a terra e suas roupagens; estava ainda sósinho comsigo mesmo no repouso de sua eternidade e

na immensidade de seu poder. Onde se achavam, então, os mundos? Onde se occultavam os sêres? No pensamento divino; não substancialmente e na sua realidade sensivel, mas virtual e typicamente; estavam em seu pensamento, como o pensamento está na alma antes de revestir forma sensivel.

Na ordem hierarchica, ali jaziam com o lugar que haveriam de occupar um dia, com a missão que haveriam de desempenhar. Deus os via e alguem occupava antecipadamente pois, neste oceano dos pensamentos divinos, o lugar superior; qual é, entre todos estes sêres possiveis aquelle que occupa a culminancia da hierarchia? Pergunta indiscreta, quiçá temeraria; mas, teve resposta.

Deus resolvêra coroar a sua obra de maneira digna delle, collocando acima da creação alguem que fosse como que a sua synthese sublime. Teria podido, é certo, enviar-nos o seu Filho debaixo de feições angelicas, ou mesmo, revestil-o de corpo impassivel e immortal: não quiz. Sem duvida, um Deus assim incarnado, elevado assim muito acima de nós, não teria sido vinculo bastante intimo entre a humanidade e seu Creador. E' outro motivo plausivel que o homem, tendo peccado, parece-nos mais justo que a culpa seja expiada pelo soffrimento. Naquelles planos remotos de Deus, o Verbo divino tomava, pois, um involucro mortal, e já Deus pensava na cooperação de uma mãe.

Maria estava desde então associada á obra da Incarnação, e a predestinação della não mais se separava da predestinação do proprio Jesus Christo.

O' Maria, sois, vós tambem, a *Primogenita* das creaturas e eis o vosso primeiro direito á nossa admiração! Predestinação unica na historia da creação, porque vos colloca numa ordem á parte e fóra de toda a hierarchia, e tem por objecto immediato vossa maternidade; a graça

e a gloria vindo depois como apanagios e ornamentos; predestinação admiravel em seus resultados, já que vos dá uma grandeza que existiu antes de vós e que vossa origem se perde, não na noite dos tempos como dizemos das celebridades humanas, mas na luz inaccessivel da Santissima Trindade.

Podeis fazer-vos a applicação da palavra que nos é referida pela Sabedoria de Deus: "Possuiu-me o Senhor no principio de suas vias... Ainda não existiam os abysmos, e eu já era conhecida... Fui gerada antes das collinas."

Esta predestinação deu lugar á scena grandiosa tão magnificamente narrada no Apocalypse.

Depois da creação dos anjos, Deus, diz-nos o historiador destas maravilhas, houve por bem apresentar-lhes o espectaculo completo de sua creação futura. Appareceu nessa visão de perspectiva infinita, o painel dos tres mundos superpostos da natureza, da graça e da gloria; e, acima da sublime hierarchia, o Verbo Incarnado remate da obra inteira e tendo ao seu lado a Virgem escolhida por Mãe. Deus, ordenou ás phalanges angelicas que reconhecessem este plano da creação e prestassem homenagens ao mysterio do Deus Incarnado.

Ora, sabemos que muitos anjos recusaram. Parecia-lhes que Deus para manifestar-se debaixo de forma creada, devia escolher a natureza angelica e não uma creatura inferior. O crime dos revoltosos foi punido. Travou-se, conta o texto sagrado, grande combate no céo; Lucifer e seus seguidores foram desbaratados, ao passo que os espiritos fieis e submissos, prostrando-se no santuario eterno saudavam com admiração aquella que se elevava "bella como o sol", e no mesmo tempo "terrivel como um exercito em ordem de batalha". A predestinação de Maria foi mantida e preparou a Obra redemptora da Incarnação.

2.º — Tambem nós, temos a nossa predestinação. Menos brilhante do que a de Maria, é, porém, igualmente antiga e divina em sua origem.

Primeiro fomos predestinados á vida. A vida é presente de Deus; presente cujo valor effectivo dependerá do bom ou mau uso que delle fizermos, mas, é um dom intrinsecamente real.

Somos ainda predestinados a uma missão particular neste mundo. Menor ou maior, escura ou brilhante, Deus quer esta missão: por isso é bella. Nenhuma alma, por modesta que pareça, occupa lugar inutil, nenhuma deixa de ter seu fim.

Somos, acima de tudo, predestinados á graça, e temos emfim a promessa divina de chegarmos á gloria, si observarmos fielmente os preceitos do Senhor. Reconheçamos o inappreciavel beneficio da vocação á fé, que tantos outros não conhecem e esta singular preferencia que nos fez nascer numa familia christã. "O que sou, eu o sou pela graça" dizia São Paulo. Nós tambem, devemos a uma misericordia inteiramente gratuita, a uma indulgente predestinação o termos tido uma juventude embalada ao murmurio da prece e o levarmos ainda na fronte a dupla impressão que ahi deixaram a agua do santo baptismo e o beijo de uma mãe christã. O' Maria, fazei que, seguindo o vosso exemplo, sejamos sempre fieis ao que Deus deseja das nossas almas!

Como é triste o espectaculo daquelles homens que se deixam escravisar pelas preoccupações humanas, nada ambicionam e amam fóra das realidades terrenas, andam com a fronte curvada sem um pensamento, sem um olhar siquer, para o céu e cahem indifferentes, scepticos, incredulos neste "desconhecido" que desdenharam ou desprezaram.

Mais entristece ainda vêrem-se outros que, não satisfeitos de romperem todas as relações com Deus, guerreiam

encarniçadamente tudo quanto tráz o sello divino, solapam crenças, amontôam ruinas moraes e fazem-se cumplices do anjo rebelde.

Frustrado nos seus planos a respeito destes homens, não usará Deus de represalias? e as maldições reservadas aos individuos, não alcançarão tambem as familias e as sociedades? Deixemos passar reverentes e humildes a justiça de Deus!

## EXEMPLO

### *ORAÇÃO EFFICAZ*

*Um missionario da Sociedade de Maria pregava certo dia em uma igreja de Lyão. Falava do poder da S.S. Virgem. Entre outras cousas, disse que se converteria quem trouxesse com devoção a medalha milagrosa, e sobretudo quando rezasse tres vezes a linda invocação que se lê na mesma medalha. Depois da pratica, distribuiu aos fieis avultado numero destas medalhas.*

*Ora, no meio do auditorio estava uma menina que ouviu as palavras do missionario, accreditou e quiz aproveitar. De volta em sua casa appressou-se em mostrar a medalha ao papae: "Veja, papae, dizia ella, acariciando-o com as mãozinhas, que bonita medalha o padre me deu, não acha?" — "E' mesmo," replicou o pae, tomando a medalha; e distrahidamente ia lendo a preciosa invocação: "O Maria, concebida sem peccado, rogai por nós que recorremos a vós!" A meiga criança satisfeitissima o abraçou e retirou-se: "Está direito, dizia ella baixinho, está direito, já rezou uma vez."*

*Poucos instantes depois, voltou a menina prazenteira e carinhosa; segurava ainda na mão a medalha. "Papae, disse, faça favor de lêr outra vez aquella oração porque gosto muito" — "Ora filha, respondeu o pae, vae com mamãe agora; lerá o que você quizer" — Qual o que!*

*papae. quero, é que o Snr. mesmo leia." E tanto insistiu e tanto afagou que o pae, para se vêr livre pronunciou pela segunda vez a oração. E despediu a pequena:"Você agora está contente, não? Vá embora e me deixe em paz."*

*A menina estava feliz devéras, entretanto, reflectia na difficuldade. Para que seu pae proferisse a mesma oração terceira vez, julgou melhor esperar até o dia seguinte, supplicando do fundo da alma o auxilio da S.S. Virgem nesta empreza arriscada.*

*Chegou a hora propicia. Sem contar nada a ninguem, fez-se muito bôazinha, mais que de costume: e, como ella visse que seu pae se deixava enternecer, apresenta-lhe a medalha com signaes do jubilo mais expansivo e confiante. "Estou vendo, disse o pae sorrindo, que você está doida por sua medalha." — "Estou mesmo, papae," redarguiu a criança; e poz-se a ler, devagarzinho a oração.*

*"Papae, disse ella repentinamente, leia commigo, sim?" O pae, naturalmente não queria ler, quem sabe si não desconfiava, suspeitando alguma travessura innocente da sua criancinha. Certo é que tentou resistir:"Já li duas vezes. Você pensa que não me lembro? E creio que chega." Mas a menina era teimosa, começou a beijar tão affectuosamente seu pae; renovou o pedido com vóz tão melliflua e comovente que elle, subjugado por força mysteriosa, leu, terceira vez, a oração: "O Maria, concebida sem peccado, rogai por nós que recorremos a vós."*

*A menina não cabia em si com seu triumpho, sua victoriazinha. "Mas, o que tem? filha, disse o pae admirado. Está louca, filha, está louca!" — "Nada, papae, absolutamente, respondeu a criança; mas o padre disse que rezando tres vezes esta invocação a gente se convertia e vivia depois como bom christão. Logo, o Snr. vae se converter e mamãe ficará muito alegre, pois ella sempre fala: "Você precisa rezar muito para que papae este anno vá commungar cumprindo sua obrigação pascal." Muito commovido, o pae*

*sentiu as lagrimas correrem dos olhos; apertou com ternura sua filha ao peito e fez o que todos esperavam desde tanto tempo.*

## ORAÇÃO

O' mãe amavel, vós que fostes bella aos olhos de Deus, desde o instante de vossa concepção virginal, tende compaixão de mim que nasci no peccado e, desde o dia de meu baptismo tenho, mil vezes talvez, manchado minha alma. O Deus que vos escolheu como filha, mãe e esposa, que vos preservou de toda a mancha, acaso poderá recusar-vos alguma cousa? O' Virgem santa, deixai que vos diga com São Felippe de Neri: "A vós cabe salvar-me."

S. AFFONSO DE LIGORIO (1)

---

(1) Todas as orações transcriptas neste volume foram tiradas do *Psalterio da Gloriosa Virgem Maria*, de S. Boaventura, ou da obra tão apreciada de S. Affonso de Ligorio: *Glorias de Maria*".

# SEGUNDO DIA

## MARIA E AS PROPHECIAS

*Salve Rainha!* Hoje saudemos com estas palavras gloriosas Aquella que hontem entrevimos nos resplendores da Predestinação e logo vae ser revelada á terra.

No principio de sua existencia, o homem peccou; e, si a Escriptura Sagrada e a tradição universal dos povos não nos tivessem transmittido a lembrança desta queda, bastaria o estudo de nós mesmos para constatarmos que nossa alma é justamente um palacio arruinado.

Quarenta seculos correram entre a queda e a reparação; entretanto, neste longo intervallo, a humanidade não ficou desamparada; recebeu promessas alimentando esperanças.

Esperanças de uma mulher maravilhosa, anunciada por Deus, esperanças sempre mais vivas, até o dia mil vezes abençoado em que se operou a realisação.

Não nos furtaremos á satisfacção de estudar Maria nas prophecias, no anceio do povo de Deus. Ali deparamos nossos primeiros titulos de grandeza e como que a origem nobilissima de nosso nome de christão.

1.º — Appellando para o testemunho dos symbolos e das prophecias biblicas, dir-se-ia talvez que esse testemunho consta apenas de interpretações de conveniencia ou de approximações mais engenhosas do que bem documentadas. Mas taes signaes propheticos não são o apanagio exclusivo do christianismo; os pagãos os fornecem numerosos e concludentes nas chamadas *Tradições messianicas.*

Guardava, o Egypto, memoria de uma mulher extraordinaria que devia dar ao mundo o libertador. Na sua admi-

ração, collocavam-na, aquelles povos, entre os signaes do zodiaco, e, como nós, consagravam-lhe um mez no anno. A historia do antigo imperio chinez refere-se a uma virgem, chamada á honra da maternidade, privilegio portentoso concedido pelo contacto encantado do nenuphár, flôr graciosa que ali tem o appellido expressivo de *lirio das aguas.*

Virgilio, o inclito poeta latino, em versos verdadeiramente inspirados, narra o nascimento de um menino que obrará prodigios. Narra tambem o nascimento admiravel da mãe. Os commentadores em vão procuraram na historia do povo-rei, o homem que correspondesse ao retrato esboçado pelo poeta. O imperador Augusto, perturbado com essas predicções, consultou Júpiter no seu templo; e ali teve segundo contam uma visão mostrando uma mulher com o filho. Desabou o Capitolio; permaneceu, porém, a lembrança desta apparição; e o Christianismo, substituindo o culto dos falsos deuses, perpetuou a memoria da visão erguendo um templo, a *Ara Cœli.*

Mas, é principalmente na historia do povo hebraico que as tradições são vivas. E' um povo extraordinario, menos pelos milagres com que foi cercado do que pela sua historia, que se póde considerar como antecipação do Evangelho.

No inicio de nossos livros sagrados, Maria vem anunciada aos nossos primeiros paes culpados. Explicam os interpretes que Deus teve compaixão delles e deixou entrevêr as feições daquella que fôra promettida. Que alegria, que esperança consoladora quando reconheceram aquella de suas filhas que havia de fazer succeder, á culpa immensa, uma misericordia maior ainda!

Esta esperança, confirmou-a Deus a Abrahão. O patriarca, chegado na planicie de Sennaar, dirige seus passos para o monte onde immolará seu filho; mas, no momento em que vae ferir o menino, Deus lhe detem o braço, prediz que será abençoado na sua raça e que delle sahirá a "Salvação de Israel."

Eis agora David, o mais afamado dentre os antepassados de Maria. Rei e propheta; symbolisa a realeza de Jesus Christo ao passo que narra a divina missão de sua Mãe, e esta Mãe, nos psalmos, é forte de poesia amena, de inspirações empolgantes. Maria será filha de David. Este conhece-a e della fala com todo o orgulho do amor paterno; e todavia, julgar-se-ia ouvir os dôces queixumes de um coração invadido por sentimentos inteiramente novos.

"Escuta, minha filha, *audi filia,* tu te esquecerás da casa de teu pae e da terra de teus avós, porque o Senhor te chamará. Hão de chegar as virgens de Sião e cumular-te-ão de presentes." Qual! é filha delle, e elle pede que o deixe e se esqueça de seu povo! Sim, porque ha de nascer ella, não para um povo, mas para os povos todos; já não é mais sua filha: é filha de Deus, é mãe de todos os homens.

Estas alliança, estas nupcias mysticas da humanidade com Deus por Maria, vêm symbolisadas em outra passagem. Póde-se conceber alguma cousa mais tocante, mais deliciosamente poetica do que o encontro do servo de Abrahão com Rebecca á margem do poço? O mensageiro é enviado a tratar da alliança de uma joven com Isaac, seu amo; mas elle pediu a Deus um signal que fizesse conhecer a feliz Predestinada. Rebecca chega á fonte, levando sobre o hombro a talha, segundo o costume das mulheres judias. O ancião entretem com ella esse dialogo em que transpira uma alegria discretamente contida. A donzella, obedecendo ao impulso de seu coração, inclina a talha sobre o braço e dá de beber ao viajante. Era signal de approvação. O ancião cumprimenta-a e offerece-lhe as joias, penhor da alliança.

2.º — Antes de Maria, a mulher, nos differentes povos do mundo, vivia sem honras, sem dignidade nem prestigio; lar, muitas vezes não tinha e quasi sempre desamparada.

Era isto uma como consequencia da maldição original que pesava sobre ella. O christianismo levanta-a; restitue-lhe na familia o devido lugar; consagra-lhe os direitos e prerogativas; impoz a todos para com ella a obrigação do respeito que a caridade ordena se tenha para com todos, mormente para tudo quanto é impotente e delicado. A mulher recuperava sua influencia e aparecia mais digna das tarefas espinhosas que lhe fossem confiadas. Em todas as nações christãs, ella vive honrada e vem a ser a alma da maior parte dos commettimentos generosos e elevados.

Entretanto a mulher que deixa de ser christã, regressa ao paganismo, ou desce ainda mais baixo, pelo abuso que faz de graças especialissimas. Qual o remedio? qual o preservativo? Imitar a Maria Santissima. De facto, emquanto Maria, com seu vulto suave, dominar o mundo, não se perderá jamais o typo da mulher christã.

E que espectaculo bellissimo apresenta essa mulher christã, segundo o modelo de Maria Santissima!

Quando, sob o imperio de idéas subversivas, os costumes se estragam até dizer-se que é vulgar e humilhante, a vida santa e socegada do lar, vêde a senhora verdadeiramente catholica. Sempre fiel a suas obrigações, acceita corajosamente a missão que Deus lhe confia. Passa entre nós aformoseada pela doçura e pelo sorriso. Embora caminhe, neste mundo cheio de perigos, em terreno todo enlameado, ella assim mesmo não participa do contagio commum; como Maria, é o lirio no meio dos espinhos. Os vicios que ella vê entristecem-na, certamente, porém nunca conseguem ingresso em sua alma. Ella luta energicamente contra o mal. Ella esconde os máus exemplos para não offender a innocencia; sabe afastar com mão firme as influencias perniciosas e inculcar, na alma de seus filhos, a fé que fortalece, as virtudes que honram.

## EXEMPLO

### *UM ALTAR ENTRE OS PAGÃOS*

*Ensinava a tradição que uma Virgem mãe geraria o Libertador esperado por todos os povos. Esta tradição encontra-se por toda a parte, mas a historia da antiga Gallia nos dá um exemplo mais claro e interessante.*

*Perto da cidade de Chartres, estendia-se uma densa floresta onde os druidas realisavam as ceremonias de seus mysteriosos ritos. As mattas presenciaram muitas vezes, infelizmente, sacrificios sanguinolentos exigidos por divindades crueis; mas quando o viajante abandonava os caminhos frequentados para se embrenhar na sua temerosa profundidade, chegava a uma lapa, cuidadosamente occulta a todos os olhares. Alli, deparava com um altar encimado desta inscripção: "A' Virgem que deve dar á luz." Neste lugar, a estatua de uma mulher com uma criança no regaço, recebia as homenagens dos Armidas. Assim se perpetuára a promessa feita a nossos primeiros paes delinquentes, no mesmo instante em que para sempre iam se afastar do Eden; assim, no meio das trevas do paganismo, a Virgem, mãe do Redemptor era almejada qual aurora de paz, de salvação e misericordia. Maria, esta mulher predestinada para ser mãe e reparadora do genero humano, honravam-na as Gallias antes do seu nascimento; e a serie dos seculos posteriores veiu pressurosa confirmar estas primeiras homenagens.*

*Os apostolos nas origens do christianismo mandaram S. Dionysio o Areopagita a evangelisar as Gallias. Ora, naquelle tempo, a Mãe de Jesus ainda estava sobre a terra e S. Dionysio tinha ás vezes a felicidade de contemplar as feições mortaes daquella que era mãe de Deus. Estando para partir foi ajoelhar-se aos pés della, pedindo-lhe, a*

*bençam e sua intercessão a favor da região idolatra a que pretendia levar a lei de Jesus.*

*Maria ergueu as mãos aos céus e a Igreja das Gallias era fundada.*

## ORAÇÃO

Salve, Maria, mais bello ornamento do céu! Sêde para sempre bemdita, ó vós, por quem suspiraram todos os seculos, vós que nos merecestes e derramastes a graça! Desventurados filhos de Eva, banidos do paraiso, a vós bradamos: Não nos rejeiteis; mas soccorrei-nos nas provações, sustentai-nos em nossas fraquezas e depois deste exilio, mostrai-nos a Jesus, bemdito fructo do vosso ventre.—Assim seja.

S. BOAVENTURA

# TERCEIRO DIA

## NATIVIDADE DE MARIA

Hoje, já não é mais uma grande esperança, já não é mais uma visão, o que se nos depara na historia de Maria: mas é uma realidade, será este mimo tão delicado, tão lindo, tão risonho, que chamamos o berço. *Soror nostra parva*; "nossa Irmã é pequenina", diz o Cantico dos canticos. Sim, Maria é nossa irmã, e entra na vida como nós mesmos, *pequenina.*

Mas, em redor deste berço, quantas irradiações, quantas emoções suaves, quer no céo, quer sobre a terra! Berço que remata os tempos antigos, fecha a serie de quarenta seculos de erros e de vicios, em cujo decurso tantas almas dirigiram para o céo este brado de angustia: "Oh! como é longa a noite para o soffrimento que não dorme!" Berço que apaga o anathema a pesar sobre a humanidade. Berço emfim, que dá gloria immensa a Deus, e aos homens alegria sem par.

1.º — Gloria, palavra fatidica, cheia de seducções; perspectiva attrahente que desnorteia tantas almas; que é a gloria? "E', no dizer de Lacordaire, a illusão da infancia e de todos aquelles que por ella gastam as outras estações da vida."

Em relação a Deus, é a homenagem prestada a suas perfeições. Esta homenagem é essencial, absoluta, immutavel, quando considerada na contemplação delle mesmo por elle mesmo; mas, torna-se accidental e susceptivel de um realce cada vez maior, quando tributada pela creatura. Esta gloria, Deus a deseja; elle a reclama para si, não quer que lhe seja arrebatada. O orgulho é crime odioso

a Deus, justamente porque rouba ao Creador esta gloria, attribuindo a si mesmo bens que pertencem ao Altissimo.

Antes do Christianismo, Deus não recebêra de suas creaturas sinão uma gloria imperfeita. Um propheta, é verdade, fala magnificamente dos céos "que narram a gloria de Deus"; e um sabio, depois de haver descripto o harmonioso movimento dos astros, termina seu livro com este brado de admiração: "Cantei um hymno ao meu Creador!"

Muito embora, por magnifica que seja a homenagem prestada a Deus pela creação inteira, não passa de gloria cega e inconsciente; a mesma palpitação de um coração que ama, o menor movimento da alma que se volte para Deus, a dizer-lhe "Meu Pae!" vale infinitamente mais do que a orchestra dos mundos revolvendo-se a seus pés segundo orbitas sapientissimas. Ora, Maria foi a primeira a tributar a Deus esta gloria em proporções taes, que nunca, jamais, poderão ser attingidas por outra creatura. "Quem poude contar, dizia um dia o Senhor, os grãos de areia da praia, as gottas de agua cahidas em noite de tempestade? Quem mediu a altura dos céos, a extensão do globo terrestre, a profundidade de seus oceanos?" Com mais razão póde-se perguntar: Quem comprehenderá jámais as bellezas ineffaveis da alma de Maria Santissima? Comtudo, temos a medida de sua santidade pela medida do papel que lhe coube. Quando Deus destina alguem a uma grande obra, outorga-lhe os dons, as qualidades proporcionadas; dá-lhe em especial essa abundancia de graças adequadas á obra que deve realisar. (1) São Paulo formula esta verdade dizendo que a graça nos é concedida "segundo os diversos ministerios a que somos chamados (2) ".

(1) *Unicuique datur gratia secundum quod elegitur.* (S. Thomaz).

(2) *Idoneos nos fecit ministros Novi Testamenti.* (Corinth., III, 6).

Mas, não será porventura a maternidade divina a dignidade mais alta a que uma creatura póde ser chamada? E então, que oceanos de graça inundam esta alma! Diz um doutor que de algum modo se esgotaram os thesouros do Espirito Santo: *Totam sibi hauserat Spiritus Sancti gratiam.*

2.º — Dentre os berços com que apraz á divina Providencia honrar os nossos lares, até os que trazem mais jubilo e maiores esperanças despertam sempre vaga impressão de dôr e de lagrimas. Que virá a ser esta criança? qual será o seu quinhão de amarguras nesta existencia onde entra chorando? Um só berço, desde a origem do mundo, trouxe a paz sem inquietações nem tristezas: — o berço de Maria. Refere-o certo poeta: "quando nossa primeira mãe levou a mão ao fructo prohibido, a terra espantada soltou um profundo gemido." Tambem, quando Maria nasceu, o mundo inteiro estremeceu, mas foi de prazer, porque soára a hora da reparação; e a Igreja, até o fim dos tempos ha de cantar estas bellissimas palavras: "*Nativitas tua gaudium annuntiavit universo mundo*: Vosso nascimento, ó Maria, enche de alegria o mundo inteiro."

Não ha nenhum exagero em fazer remontar até a Maria quanta paz das almas e quanta alegria dos corações o Christianismo introduziu no mundo.

Mas, para termos uma idéa exacta da ventura real que o berço de Maria proporcionou á humanidade, seria mister conhecer cabalmente o estado da sociedade antes do Christianismo. O mundo pagão era um misero doente abandonado por todos; Maria trazia-lhe, sinão o fim de seus males, ao menos consolações sufficientes. O mundo pagão era um exilado, repellido para bem longe de uma patria que parecia perdida para sempre. Maria trazia-lhe a esperança.

3.º — A santidade do berço de Maria nos lembra a santidade dos nossos berços, santidade que a civilisação moderna deixará de comprehender quando cessar de ser christã; santidade que faz a honra das familias e dá aos nossos lares este caracter augusto que recorda a majestade dos santuarios.

Esquecei esta santidade do menino, esquecei a alma que habita este corpo debil, despojai essa fronte infantil da aureola que lhe deixou a agua baptismal: e então não passa, o berço, de cousa mui vulgar, de acontecimento imprevisto, circumstancia incommoda de que é bom livrar-se. Esquecei esta santidade: e então a mãe já não é mais digna deste nome, na bella significação que costumamos lhe dar; não comprehende mais seu dever; a primeira educação da criança será um trabalho enfadonho quando não repulsivo, que será entregue a mãos estranhas e mercenarias. O pae não terá mais o sentimento de sua dignidade, ambos perdem a noção desse respeito que os proprios pagãos recommendavam para com os filhos: "*Magna debetur puero reverentia.*"

E precisamente porque foi olvidada a santidade dos berços vêmos diariamente que são ridicularisados, conspurcados, os deveres mais sagrados da familia.

Reboul, em versos sublimes, immortalisou a santidade do berço collocando-o na atmosphera de uma visão verdadeiramente celestial. Amorosamente debruçado sobre a fronte da criança adormecida, o anjo descobre sua propria imagem nas feições deste innocentinho de alguns dias. Ah! este anjo do gracioso poeta não é sómente fruto da imaginação, existe, e encontra-se muitas vezes. E' uma mãe christã abrindo sobre o berço que lhe é confiado, aquellas duas azas que Deus lhe deu: seu coração e sua alma, seu amor e sua fé.

## EXEMPLO

### *O TERÇO DO DOUTOR RÉCAMIER*

*....Já referi, diz o Dr. Massé como conheci o professor Récamier durante a epidemia de cholera de* 1832.

*....Entre os amigos intimos do famoso lente, contava-se um desses homens que parecem enviados á terra pela Providencia para demonstrar a amabilidade da religião: era antigo official de cavallaria, de nome celebre, de trato delicado e fino e da mais perfeita urbanidade, o conde Mallet. Já era idoso, quando abraçou a carreira ecclesiastica e unia á piedade mais profunda a amenidade e toda a graça da alta nobreza.*

*Certa noite, meu pae pediu que o acompanhasse á casa do padre conde Mallet. "Como não passa muito bem, disse-me elle, é provavel que o Dr. Récamier o visite e será bôa occasião para travar relações com elle."*

*Fui. Mas ao entrar em casa do venerando ecclesiastico, meu coração palpitava de tão commovido, não sabia onde me esconder tamanhos eram minha apprehensão e meu acanhamento.*

*Eis que repentinamente a porta se abriu e o criado annunciou o Dr. Récamier! Ao ouvir este nome, pareceu-me aparar um choque violento no peito; uma nuvem perpassou-me diante dos olhos. O doutor entrou com vivacidade. Dirigiu-se pressuroso e affavel para o doente e depois retribuiu cortezmente os nossos cumprimentos. A conversa animou-se. Não tive nem de longe a audacia de tomar parte nella; mas, sentado á beira de minha cadeira, como que occulto atraz do meu chapéo, eu examinava com cuidado e escutava com attenção.*

*Tanto Récamier se afigurára á minha imaginação duro e severo, quanto agora se mostrava bom e gentil; tanto por seus livros me apparecêra abstracto e difficil de entender, quanto agora sua palestra revelava um espirito lucido e simples. A scena fechou-se com um episodio que quero mencionar.*

*Erguia-se Récamier para as saudações de despedida quando, fingindo recordar-se de uma cousa desde muito esquecida, collocou novamente o chapéo em cima da meza com a bengala ao lado; e, levando a mão a um dos bolsos da calça: "Ora! ia-me esquecendo de um negocio muito serio!" — "Que será?" interrogou o ecclesiastico. — "Aconteceu-me uma desgraça, Reverendo." — "Qual!" — "Sim, uma desgraça que só S. Revm.ª póde reparar." — "Vejamos de que se trata." — "Trata-se de uma fractura que sem duvida S. Revm.ª concertará perfeitamente; é uma ligeirissima operação que lhe peço." Dizendo isso, o egregio professor, retirava a mão do bolso e ostentava triumphalmente... adivinhai... um terço! Fiquei pasmado. Elle, o illustre Récamier, o celebre professor não só da Faculdade de Medicina de Paris, mas ainda do Collegio de França; elle, o medico dos magnates, dos principes e dos reis; elle, cuja fama enchia a Europa inteira, rezava o terço com a simplicidade de um neo-commungante, de um seminarista ou de um religioso! Não havia sombra siquer de orgulho naquelle homem tão digno; praticava a virtude devòtamente, santamente direi, e quando, ás vezes, narrasse qualquer cousa, sempre o fazia com a maxima sinceridade e a maior singeleza.*

## ORAÇÃO

O' Virgem santa, tão humilde fostes a vossos proprios olhos, tão grande porém aos olhos de Deus, que Elle se dignou de escolher-vos como mãe. Vós que sois cheia de graças, alcançai-me graças de Nosso Senhor, d'Aquelle que esteve comvosco desde o vosso nascimento, mas que estreitou ainda mais esta união fazendo-se o vosso Filho. Mãe de Deus, sêde tambem a nossa, mãe de nós todos pobres peccadores. — Assim seja.

S. AFFONSO DE LIGORIO

# QUARTO DIA

## MARIA SOBERANA

*Et nomen Virginis Maria.* "E o nome da Virgem era Maria." Todos nós conhecemos a importancia dos nomes, o papel que desempenham nas relações ordinarias da vida. E' como que uma forma graciosa da propria pessôa, é a sua physionomia, sua voz, seu sorriso. O nome alegra ou entristece; ora é lembrado com acatamento, ora banido de nossas conversas, conforme a pessôa ou as circumstancias que elle evoca. Quando se trata de pôr um nome ao recem-nascido, escolhe-se um nome que seja como que o prenuncio de seu futuro; parece que a creança ha de naturalmente reproduzir as qualidades ou as virtudes lembradas pelo nome. Si a mãe é piedosa, consulta a sua fé e faz questão de dar ao filho o padroeiro por ella preferido.

Deus tambem teve esta solicitude. A maravilhosa menina que, ainda hontem, saudavamos no berço, recebeu, pois, um nome prophetico; nome mysterioso e suave que o coração repete com amor e que a intelligencia admira, tantas e tamanhas são as correspondencias harmoniosas que existem entre a significação desse nome e a vida de nossa augusta Mãe.

Maria quer dizer "*Soberana*" é primeira significação. Maria foi rainha pelo imperio que exerceu sobre si mesma; rainha pela autoridade de que foi revestida na Sagrada Familia; rainha, emfim pelas magnificencias do culto que lhe tributa o mundo inteiro.

1.º — Os antigos philosophos diziam que a alma humana é um mundo pequeno, *microcosmo.* Descobriam

nella a organisação de nosso mundo physico; sua superficie movel, suas noites escuras e seus dias claros; suas horas calmas e suas borrascas, suas perturbações incessantes, suas paixões revoltadas. "Em mim, dizia São Paulo, sinto dois homens. Infeliz que sou, não faço o bem que amo e faço o mal que detesto." Um dia, as alumnas de Saint Cyr cantavam as bellas estrophes de Racine, repetindo estas palavras do Apostolo. Luiz XIV, inclinando-se para a Snra. de Maintenon, segredou-lhe ao ouvido: Conheço muito bem estes dois homens."

Quanta força não seria necessaria para subjugar tantas paixões, para dominar tantas inclinações contrarias? Maria teve este imperio. Certamente não precisava sustentar lutas contra os instinctos baixos que nos solicitam: isenta da mancha original, não soffria suas humilhantes consequencias; nunca sua alma fôra manchada, nunca sua intelligencia se obscureceu nem sua vontade se enfraqueceu. Mas, excluidas estas paixões, ella tambem podia ter seus gôstos licitos, suas preferencias legitimas, suas inclinações que não condenava nem prohibia lei alguma. Havia nella capacidade immensa de soffrêr, um coração susceptivel de todas as amarguras, de todos os desfallecimentos, uma alma exposta a todos os sacrificios! Um dia, Deus lhe pedirá a renuncia de muitos sonhos dourados, a acceitação de muitos deveres rigorosos, de muitos padecimentos até então desconhecidos. Maria annuirá a tudo; e, dominando o grito da natureza vencida, repetirá sem cessar o triumphante *Fiat voluntas tua*, "Seja feita a vossa vontade!" Todavia não era sinão o primeiro florão de seu diadema real; ella foi Soberana pela autoridade que o Altissimo lhe deu sobre o Menino Deus.

Foi Deus quem instituiu a familia. Dictou para ella as leis hierarchicas da dependencia e autoridade. Elle é quem dá aos paes e mães a sua missão. Associando-os ao seu poder creador, elle os investe no mesmo tempo de uma

parte de sua autoridade. E' portanto Elle quem cinge a fronte das suas creaturas com a aureola materna? Quanto mais elevado fôr o menino em dignidade, tanto mais ella mesma será engrandecida aos olhos de todos.

Lembra-se muitas vezes o admiravel contraste de Deus ficando no céo soberano omnipotente e vivendo na terra humilde e submisso a uma mãe. E' verdade, pois este menino que agora vêdes obedecendo na humilde casa de Nazareth, vêde-o trinta annos mais tarde: é um propheta, mais do que um propheta, é um Deus sob a forma humana. Passa no meio das multidões com o prestigio de um poder material e espiritual a que nada resiste. Seu olhar penetra até o fundo das consciencias; sua palavra arrebata as turbas; seu poder enche de milagres a terra da Galiléa. Ora, esse propheta, esse Deus, é o mesmo de quem o Evangelho referia esta palavra de uma eloquencia tão concisa e tão real: *Et erat subditus illis,* era-lhes submisso." Mas, estas duas realezas são o penhor de uma terceira ainda mais refulgente e que vae assumir o caracter de um facto, prolongando-se, sem interrupção nem desfallecimento, atravez dos seculos christãos; é a propria realeza de Jesus Christo repartida com Maria Santissima.

Serão eternamente admiraveis este mesmo amor e esta mesma confiança saudando igualmente o filho e a mãe; e, salvo a distincção theologica que a nossa fé ha de pôr sempre entre o culto prestado a Deus e o que prestamos a sua mãe, será sempre verdade dizer que as mesmas homenagens se dirigem a um e a outro. O culto catholico desenrolará successivamente a nossos olhos todos os grandes anniversarios da vida de Nosso Senhor; mas, ao mesmo tempo, terá festas analogas em honra de Maria; ao lado de cada altar erecto á Eucharistia, vêr-se-á um altar á Rainha do céo, e, em qualquer parte onde virmos a Cruz, alli tambem se levantará a imagem de Maria. As grandes cathedraes são templos de Deus da Eucharistia, mas, como

complemento e remate, muitas dessas cathedraes são consagradas a Maria Santissima. Si, á beira das estradas, como allivio e consolo para quantos andam em fadigas e provações, grandes christos levantam seus braços supplices para o céo, muitas das mais bellas collinas são tambem thronos opulentos levantados a Maria dominando com o olhar suave, a planicie. Ali ella lembra aos corações que necessitam de confiança e amôr, que existe uma soberana cheia de misericordia.

Nossos antepassados acharam uma palavra amavel entre as que mais o sejam para designar esta dôce Mãe do céo; elles diziam, e nós vamos repetindo, *Nossa Senhora.* Esta palavra exprimia confiança e admiração. E' homenagem graciosa prestada pelo amor a esta soberana. "Nossa Senhora" queria dizer tudo e nada perdia de sua tocante significação quando accrescentassem outro termo: *Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora da Esperança,* etc. Brado das almas para Aquella cujo poder era universalmente reconhecido; e, hoje, como sempre, a palavra que mais frequentemente se encontra em nossos cantos liturgicos é a palavra Rainha: *Regina.*

3.º — Si o berço santificado de Maria nos lembra a santidade de nossos berços, não evocará tambem a realeza de Maria, a realeza de nossas mães? O christianismo, restituindo á mulher seu lugar de honra no lar, restituiu-lhe simultaneamente todos seus privilegios com toda sua grandeza. E' a religião que ensina o papel de mãe no seio da familia. Ensina que Deus, considerando a natureza delicada da mulher, não quiz que ella lidasse com os rudes elementos da vida, com o dinheiro, com as armas, com os calculos aridos, as combinações positivas; não quiz que estivesse a braços com os perigos violentos, guerras, revoluções, exilios. Mas, em compensação, Elle a quiz associada a todas as obras do coração, a todas as emprezas que exigem o tacto finissimo da intelligencia e a perse-

verança do amor nunca desanimado. Sua influencia se exercerá pela doçura paciente, pela autoridade terna e bondosa, pelo perdão affectuoso que constituem o fundo de sua natureza.

Assim hão de ser infallivelmente as mães que fôrem sinceramente christãs.

## EXEMPLO

### *O TERÇO DO DR. RECAMIER (Continuação)*

*— "Pois não, meus amigos, rezo o terço," disse o doutor voltando-se para nós com o sorriso nos labios. "Quando estou inquieto, quando o estado de um doente me dá serias apprehensões, quando exgotei todos os recursos e a medicina se declara impotente, inefficaz a therapeutica, dirijo-me áquella que sabe debellar todos os males. E' minha diplomacia. As occupações, sabeis, me deixam pouco tempo. Logo aproveito a caminhada. Tomo a S.S. Virgem como intermediaria quando vou á casa de meus clientes, e rezo uma ou duas dezenas de Ave Marias. ....Nada mais facil, não achais? Estou tranquillamente sentado no meu carro; enfio a mão no bolso e... abro a conversa. O terço é meu interprete: ora, já me servi tanto dos seus bons officios que ficou cansado, está doente; por isso peço a S. Revma. que o examine, dê uma consulta e faça operação si fôr preciso; emfim peço que o cure."*

*Papae approvou com duas ou tres palavras; eu applaudi com algumas simples reverencias. O conde Mallet tomou o terço estragado, prometteu pôl-o novamente em bom estado, e o Dr. Récamier nos deixou.*

*De noite, ao deitar, tinha a cabeça e o coração muito occupados com aquella visita: não pude deixar de pensar nos motejos insulsos de certas pessôas para quem o terço não passa de beatice qualquer e que julgariam comprometter sua dignidade si repetissem as mesmas Ave-Marias.*

— *"Meu amigo, dizia-me mais tarde Récamier nesta linguagem florida, pittoresca, expressiva, que lhe era tão familiar, o terço é uma "campainha", cada Ave-Maria é uma "intimação" ou melhor uma "petição" com todos os ff e rr e devido carimbo. Diariamente, chegam a Paris uma multidão de parasitas que vêm interceder junto ás autoridades, solicitar os poderosos e os ricos. Ora, para conseguir uma audiencia nos ministerios, é indispensavel ter bôas recommendações, padrinhos altamente collocados; para penetrar nos aposentos dos poderosos, são necessarias muitas diligencias e a benevolencia dos officiaes e ás vezes do proprio porteiro. Para falar a Nossa Senhora, nada mais simples: toca-se a campainha, isto é, toma-se o terço; immediatamente a porta se abre e a S.S. Virgem é tão bôa que, a não ser o caso de força maior, a oração é logo attendida."*

## ORAÇÃO

O' Virgem poderosa, sei que na qualidade de Rainha do universo, sois minha soberana; quero pois de modo muito particular unir-me a vós de tal forma que possaes dispôr de mim conforme quizerdes. Eis porque vos digo com S. Boaventura: "Reinai sobre mim, ó Mãe Santissima, e não me abandoneis a mim mesmo." Recebei-me como propriedade vossa e cuidai da minha eterna salvação. — Assim seja.

S. AFFONSO DE LIGORIO

# QUINTO DIA

## MARIA, FÓCO DE LUZ

São Jeronymo, e após elle, santo Isidoro e muitos outros, acham que o nome de Maria significa "Fóco de luz", ou "Leva luz". Por outra parte, sabemos que os prophetas a symbolisam na aurora a illuminar o horizonte, e donde o sol parece surgir. Uma das denominações mais familiares e significativas sauda a Maria com o nome de "Estrella do mar". Não custa perceber a realidade e o fundamento destas harmonias deliciosas. Só Deus podia achar um nome que lembrasse de maneira tão completa os destinos de Maria.

1.º — Antes do Christianismo, póde-se dizer que o mundo jazia em trevas no ponto de vista moral. Andavam baralhadas as noções mais elementares. A maior parte dos homens, não mais distinguiam o bem e o mal. Os ultimos restos das tradições primitivas iam se apagando rapidamente. A propria idéa de Deus alterava-se a ponto de cahir no dominio da fabula. Os pagãos chegaram ao excesso de divinisar até as paixões e os vicios. "Tudo, diz Bossuet, era Deus, excepto o proprio Deus!"

E é no meio destas trevas que apparece Maria. Não era, ella mesma, a luz, mas trazia nas mãos a luz; mostrava ao mundo essa luz, como aquelles fachos que postos em lugar elevado, espargem longe os raios luminosos que nos guiam. A maternidade divina de Maria foi o astro providencial que, no mundo, accendeu a luz brilhante que illumina nossas intelligencias. A Igreja lembra esta verdade consoladora quando canta: *Lumen œternum mundo effudit.* "E' a propria luz eterna que Maria gerou."

Mas esta missão de derramar luz perpetua-se entre nós, e póde-se assegurar que si ha alma esclarecida pela graça sobrenatural, é sempre devido á intervenção benevola de Maria. As almas, é verdade, pódem achar-se immersas em trevas. Sob a influencia dos erros e preconceitos, alteram-se as verdades na intelligencia, diminue a fé a pouco e pouco, e ás vezes, apaga-se completamente: é noite escura. Sem duvida, não faltam a Deus os meios para reaccender o facho apagado; todavia, podemos dizel-o: Aquella que foi collocada á origem de toda luz terá de intervir para a realisação do milagre. Jesus a quem chamamos "Sol de Justiça", por ser Elle Verdade e Luz, ha de brilhar nessas almas sómente quando Maria, como auspicioso arrebol, surgir no seu horizonte. A confiança em Maria é o ponto de partida de uma sincera conversão.

Ah! entendemos muito bem as piedosas inspirações de nossas mães christãs: logo com as primeiras esperanças de sua maternidade, já querem grangear protecção para o entezinho promettido, a protecção tão poderosa de nossa bôa mãe do Céo! Numa hora de recolhimento religioso e fervorosa oração, consagram-no a Maria Santissima. Ser-lhe-á entregue, mesmo antes de poderem tomal-o nos braços. Supplicam a favor delle uma bençam, mesmo antes de poderem depôr na sua fronte esse primeiro beijo pelo qual a mãe tanto suspira e do qual jamais se esquecerá. E nisso, inconscientes talvez, sempre obedecem a esta lei que colloca Maria na origem de toda a luz para as intelligencias.

2.º — Maria não é sómente a aurora que irradia jorros de luz no mundo das almas: é tambem a estrella que guia. "Oh! Maria, exclamava o sabio e piedoso Gerson, Estrella do mar, a nós volvei os vossos olhares, e guiai-nos no meio das tempestades deste mundo!" Não raras vezes, os marinheiros são acossados pela borrasca em alto mar. A noite mais profunda envolve esses infelizes e a tormenta atira-os fóra de seu roteiro. Uma unica esperança

lhes resta: é lobrigarem, entre os rasgões das nuvens, aquella estrella maravilhosa que parece ter sido engastada no firmamento para salvar os marujos em perigo. Mostre-se ella uma vez: a coragem abatida se reanima, as frontes vergadas ao peso da tristeza se illuminam, a estrella será a bussola e o guia seguro que os conduzirá ao porto.

Existe porventura imagem mais viva, na sua realidade empolgante, daquillo que acontece tantas vezes com a nossa alma? Nós tambem, cruzamos as aguas do oceano cheio de escolhos e desalentos. E quantas existencias naufragam cada dia, no pélago do desespero mais horrendo! De que servem nossas mesquinhas luzes para explicar tantos enigmas que nos desnorteiam e agastam? Ai! somos mesmo parecidos com aquelles desgraçados que erram, sem bussola, em noite caliginosa por cima de um abysmo prestes a tragal-os.

Mas, ouçamos São Bernardo: "Sopra o vento das contrariedades! diz elle; sois atirados de encontro aos rochedos da tribulação? Olhai então para a estrella. Chamai a Maria: *Respice stellam, voca Mariam!* Nos perigos, nas angustias, nos negocios difficeis ou duvidosos, pensai em Maria, invocai a Maria. *Mariam cogita, Maria invoca.*"

Um autor moderno, inspirado sómente por sua admiração, assim condensa numa pagina bellissima a influencia do nome de Maria: "Em todas as epocas, o nome de Maria teve o feliz condão de consolar, de enternecer e arrebatar as almas. Desde a primeira desgraça até ao ultimo infortunio, sempre trouxe a esperança. Sempre foi a salvação e a vida das gerações. Animava os antigos prophetas com visões magnificas e accentos sublimes. Foi o poder dos apostolos, a coragem dos martyres, o triumpho das virgens, o genio dos doutores, o enthusiasmo dos fortes e o refugio dos fracos. E' este nome que, ainda hoje, invocam o viandante em perigo e o nauta desamparado. Murmuram-no a viuva abandonada e o orpham

desprotegido, o pobre implorando á porta do rico e a alma christã lutando contra a tentação. Vosso nome, oh! terna Mãe, é suavissimo aos labios, cheio de reconforto para os corações de vossos filhos, porque é mais forte do que o inferno."

Certo dia, um barqueiro transportava passageiros para a outra margem do rio. Um delles notou que o esquife respondia ao nome de Maria. Vendo nisso a manifestação de sentimentos religiosos, felicitava o dono. "Sua barca, dizia o viajante, tem um nome lindo." "Pois não, atalhou o dono, é o nome de minha filha!" Havia na sua voz tal accento de ternura que todos os passageiros ficaram commovidos. Esculpira o nome da filhinha no humilde batel, afim de que esta lembrança o acompanhasse na tarefa perigosa a recomeçar cada manhã com os primeiros lampejos da aurora. E, sem duvida, quando o tempo estava sombrio, quando o rio, transbordado, tornava a travessia mais espinhosa, o espirito do pobre pae socegava e serenava ao contemplar no flanco da barca agitada o nome desse anjo da oração e da paz.

Numerosissimas são as pessoas que, como o esquife do barqueiro, têm o nome de Maria, ou foram, desde pequenas, consagradas de modo especial á Santissima Virgem. Uma piedosa mãe, certamente, foi quem teve essa feliz lembrança, alcançando assim para essa alma uma invisivel protecção. Que auxilio valiosissimo para estas almas, nos dias da tentação, si ellas entenderem este pensamento de suas mães, pois terão em Maria o melhor dos recursos!

Todos nós, em sentido rigorosamente exacto, trazemos na fronte o mesmo signal do christão. A piedade de nossa mãe, nossa educação religiosa, nossos habitos catholicos, uma confiança por assim dizer innata fazem de nós os filhos de Maria, e nos collocam debaixo de seu maternal amparo. Oh! nome mil vezes abençoado entre todos os

nomes, sede a defeza e o sustento de minha alma na passagem do tempo para a eternidade!

## EXEMPLO

### *O TERÇO DO DR. RÉCAMIER (Continuação)*

*A respeito do seu terço, o Dr. Récamier contou-nos o seguinte piedoso facto:*

*....O digno medico tratava um moço que habitava a rua do Bac, a pouca distancia da igreja tão conhecida das Missões Estrangeiras, e andava muito preoccupado com esse cliente.*

*Após trez mezes de luta apesar de toda sua pericia e coragem, pareceu-lhe que havia chegado a hora do desenlace fatal. Atacado de hypertrophia cardiaca, o paciente estava a todo o momento ameaçado de uma dessas rupturas fulminantes que são rupturas de aneurismas. Contra este primeiro perigo, Récamier muito tempo alimentára a mais firme esperança, achára o meio de accorrentar, por assim dizer, o centro da circulação, de impedir as palpitações bruscas e amortecer os choques perturbadores.*

*Mas, eis que um novo mal repentinamente se declara, profundo, tyrannico, quasi insuperavel: tisica pulmonar. Escarros de sangue annunciam a apparição desse outro inimigo e a pouco e pouco o exame medico demonstra que os pulmões estão sendo devorados pelos detestaveis microbios.*

*Era a condemnação á morte, sentença irrevogavel perante a qual devia o medico inclinar-se confessando sua impotencia.*

*Mas, mesmo quando não póde curar, o bom medico traz consolo ao doente; e, apesar da tristeza que lhe causava este desengano cruel, Récamier vinha todos os dias com palavras de conforto, e com remedios destinados a mitigar os derradeiros soffrimentos.*

*Certo dia, de manhã, assustado pelas feições decompostas e pelo pulso de seu cliente, o grande Récamier ausculta o coração. Examina os pulmões, perscrutando-lhes minuciosamente as paredes. Applica novamente o ouvido á altura do coração.*

*Ah! naquelle momento foi-lhe precisa toda sua energia para não deixar ler em seus olhos contristados a verdade pungente. Retirou-se com a convicção intima de que não precisava mais voltar. Por outra parte a familia era muito religiosa. Gozava de todas as consolações e beneficios de uma pratica constante e esclarecida. Récamier, então, pensou que o doente tivesse recebido os ultimos sacramentos; limitou-se a dizer ás mulheres em prantos: Coragem! rogai a Deus, ou antes roguemos todos nós." Ao sahir, tendo-se encontrado na escada com um criado, recommendou-lhe que o avisasse em caso de catastrophe.*

## ORAÇÃO

Nós vos saudamos, oh! vós que gerastes o Sol de justiça; nós vos honramos como a Mãe da eterna Luz. Oh! Maria, estrella sempre brilhante, espancai as trevas de nosso espirito com o esplendor de vossa presença; dignai-vos, instantemente o pedimos, de guiar-nos no mar procelloso deste seculo, principalmente quando attingirmos o termo desta miseravel existencia, afim de que, debaixo de vossa maternal protecção, cheguemos ao porto da celeste Jerusalém. — Assim seja.

S. BOAVENTURA

# SEXTO DIA

## APRESENTAÇÃO DE MARIA NO TEMPLO

"Nunca pedi sinão uma só cousa; é tambem a unica que procuro realisar: morar na casa de Deus!" E' a palavra de um antigo propheta; mas, é tambem a palavra de muitas almas, ainda hoje. Ah! as almas que soltam este grito do coração, pouca gente as comprehende. Evidente, taes almas chegam muito tarde num mundo muito envelhecido e abastardado.

Entretanto, essas almas obedecem a uma lei admiravel da natureza. O homem, de facto, não foi feito para se embrutecer nos gozos terrestres; recebeu um destino incomparavelmente superior. Por isso o vêmos apesar dos extravios de sua natureza corrupta, cogitar muitas vezes no infinito, a procurar uma grandeza moral que as realidades da terra não proporcionam. Felizmente para satisfazer esses pobres anceios Deus collocou, nas origens do christianismo, um modelo que ha de santamente apaixonar as almas de escól e attrahil-as para os sublimes sacrificios da virtude.

1.º — Esta criança que deixámos no berço, mal contava tres annos quando abandonou tudo para se consagrar a Deus. Com effeito ensina a tradição que seus amorosos progenitores, lembrados da sua promessa de offertar a Deus a criança que viesse cumular esperanças tão longas, quizeram quanto antes cumprir a promessa. Partiram, pois, para Jerusalém e ahi entregaram a menina ás piedosas mulheres que serviam no templo.

Mas, embora não tivessemos a autoridade de uma tradição, remontando aos primeiros seculos, razões de alta conveniencia bastariam para nos revelar esta cir-

cumstancia da vida da Santissima Virgem. Como admittir que uma alma chamada a um destino tão sublime, alma tão maravilhosamente preparada pela graça para a missão que a esperava; como admittir que uma alma, feita tão exclusivamente para Deus, passasse os primeiros annos de sua vida, em contacto com o mundo, nos cuidados vulgares de uma existencia toda profana? Não, mais do que qualquer outra, era uma dessas almas delicadas que parecem incapazes de permanecer no meio de nossas realidades grosseiras e que o céo cobiça emquanto se demoram neste degredo.

Naturezas frageis, de textura debil, que se partiriam no embate com as cousas desta terra; flôres mimosas, aereas que a mão, por mais leve e carinhosa que seja, não póde tocar sem lhes empanar o brilho, sem viciar-lhes a fragrancia; almas purissimas, pombas immaculadas da arca santa que não encontram onde pousar num solo enlameado. Porventura, houvera, Maria, de deixar a sua alma expandir-se ás irradiações envenenadas de uma atmosphera corrupta? Não, mil vezes não. Pelo contrario, chegando ao templo, e tendo atravessado os primeiros atrios, escapa das mãos de sua mãe e sósinha transpõe os quinze degraus que a separam do vestibulo. Bem mostrava desta forma que agia espontaneamente e não apenas para obedecer á vontade alheia.

Nesse acto, apparentemente tão natural e simples. de Maria subindo ás pressas para os altares e offerecendo-se ao Altissimo representado pelo Summo Sacerdote, havia a submissão mais completa e mais bella que jamais fôra ou jamais ha de ser feita a Deus. Como a planta inteira, com suas flôres, perfumes e fructos se acha no humilde grãozinho que germina aos primeiros raios do sol primaveril, assim tambem a maravilhosa vida de Maria, estava toda resumida naquella offerta de seus primeiros annos.

2.º — Além disso, na Apresentação, Maria inaugurava uma ordem de cousas que só o Christianismo devia entender. Ah! Deus quão sabiamente obrava confiando á virtude inviolavel de uma Virgem a realisação dos planos da Redempção. Introduzia no mundo uma physionomia inteiramente nova, typo a um tempo manso e forte e poderoso cuja influencia encheria os seculos. Examinando em redor de nós havemos de vêr que, geralmente, um ministerio nobilissimo de acção e de oração cabe á virgem desde a obra sublime da immolação no claustro até ás occupações mais humildes da enfermeira dos pobres. Dir-se-ia que uma lei immutavel une invariavelmente a caridade, no que tem de mais bello, de mais perseverante, com a pureza de um coração que votou seu amor exclusivamente a Deus.

A virgindade de facto não era totalmente desconhecida no mundo antes do christianismo. Sem duvida, os proprios pagãos faziam idéa do seu valor sobrehumano. Cercavam-na de um culto quasi religioso; appellavam para a intercessão das virgens nas calamidades publicas.

Nas Gallias, o prestigio e a gloria pertenciam ás Druidisas. Appareciam nas assembléas publicas e sua voz era ouvida como a voz de um oraculo. O respeito creava-lhes uma existencia mysteriosa; e, no meio das multidões, eram consideradas como entes sobrenaturaes. Os Romanos tiveram suas Vestaes honradas com as dignidades dos patricios. O ouro, salario desta virtude, proporcionava ás Virgens uma existencia folgada e opulenta até ao dia em que esses corações impacientes e mal refreiados recuperavam alfim sua liberdade.

Assim mesmo eram poucas que escapavam á corrupção geral! E quantas concessões se lhes faziam para conseguir um sacrificio momentaneo! Duas cousas sempre faltaram á virgindade no paganismo: a *espontaneidade* e o *desinteresse*.

Pois bem! doravante, seguindo os passos de Maria Santissima, legiões de almas entrarão no caminho que

ella traçou. Não têm esperanças de compensações terrenas, nem conservam saudades das cousas abandonadas. Prezam virtudes que o mundo despreza; querem offerecer a Deus um amor maior e mais perfeito. Querem dar um campo mais vasto á sua dedicação. Querem merecer sempre melhor a confiança das almas ignorantes ou perturbadas. Querem repartir mais generosamente o pão da consolação com os que soffrem. Querem inclinar-se mais amorosas e compassivas para todas as dôres. Querem offerecer ao mundo egoista e invejoso um exemplo frisante das caridades que Deus inspira.

Ah! reverentes deixae passar estas almas, inclinae-vos em respeito, perante a força mysteriosa que as anima; e, saudae-as; são mensageiras de Deus, são anjos da terra! O' Maria, inspiradora e amparo de tantas virtudes, alcançai-nos a graça não só de as apreciarmos como merecem, mas tambem de as imitarmos na medida de nossas forças!

"Consagro-me a vós na pobreza, si a pobreza fôr minha partilha, afim de não me esquecer nunca que vós, por sêrdes pobre, dignificastes a pobreza.

Consagro-me a vós na prosperidade para que não me ensoberbeça; nos revezes, para que nunca sejam para mim causa de desespero ou desanimo.

Consagro-me a vós na saúde, para que me ensineis a usar bem della; na doença, para que me seja um meio de sanctificação.

Consagro-me a vós na alegria do coração, pedindo-vos abençoar aquelles a quem amo; nos abandonos, para que a ingratidão dos outros não me amargure o coração.

Consagro-me a vós em tudo, afim de que tudo em mim seja de vós e para vós. Na vida e na morte; na vida, longa ou curta, para que a cumuleis de beneficios; na morte, hoje ou amanhã, para que a cubraes de esperanças. Si não tiver como vós, excelsa Virgem, a ineffavel felicidade

de morrer pela força do amor, dae-me, como aos verdadeiros christãos, a consolação de morrer nos vossos braços."

## EXEMPLO

### *O TERÇO DO DR. RÉCAMIER (Continuação)*

*A' noite do mesmo dia, o doutor não tendo recebido nenhuma communicação, voltou mais uma vez á rua do Bac. Mas, antes de subir para os aposentos do doente, lembrou-se de interrogar o porteiro.*

*— "Então, quaes são as noticias?" — "Sempre na mesma, Snr. Doutor, este pobre moço vae baixando rapidamente."*

*O Dr. Récamier, galgou a escada meneando a cabeça e, emquanto ia batendo nos degráos com a ponta da grande bengala que sempre o acompanhava, perguntava a si proprio como é que o moribundo, no misero estado em que o deixára de manhã, podia ter vivido doze horas inteiras.*

*Era apenas o principio de sua surpreza, de seu assombro.*

*O tuberculoso viveu ainda na manhã do dia seguinte! Mesma situação á tarde e no dia depois!*

*"Ora essa! pensava o medico, os dois pulmões estão atacados; a hypertrophia está augmentando e comprime sobremodo o peito; physiologicamente, e mesmo mecanicamente, parece impossivel a respiração, e a vida deste moço é milagre ininterrupto. Avistei alli, presos por um cordãozinho, um bentinho e uma medalha. Pretenderia a S.S. Virgem, por acaso, salvar o doente?" Occupado com estes pensamentos, um dia, o doutor chega á porta do quarto do enfermo, casualmente aberta e entra sem ser anunciado pelo costumado toque de campainha.*

*Uma scena inesperada se estava desenrolando nesse recinto da dor. "Eu peço, meu amigo!" dizia a joven*

*senhora debulhada em lagrimas, e abraçada a seu pobre marido. A mãe, ajoelhada junto do leito, segurava nas suas mãos, tremulas de emoção, as mãos frias do moribundo; e, com a instancia do coração materno falava por entre soluços:*

*"Has de ver, filho, isto nos dará felicidade, a todos nós: quantas vezes não acontece que essa ceremonia attrahe as bençams do céo e restitue a saùde?" — "Que é isso? o que ha?" indagou o clinico, entrando. — "Escuta, exclamou então a mãe erguendo-se, o doutor póde dizer, porque o terá constatado muitas vezes. Não é verdade, doutor, que os ultimos sacramentos salvam frequentemente doentes em perigo de vida?" — "Certamente," replicou com enthusiasmo o Dr. Récamier, para quem esta pergunta valia por uma revelação completa. Infelizmente, o doente já irritado com as supplicas da familia, não gostou de ver um estranho admittido nestas intimidades do lar; e, revolvendo-se na cama, com os modos de um homem aborrecido: "Deixai-me em paz, murmurou elle com a voz rouca, porque me atormentais assim á tôa? Chega de amolação... quereis ser meus assassinos?!" Em circumstancias dessas, o bom medico transformava-se. Era um verdadeiro apostolo. — "Estou convencido que tão é difficil contar as almas que arrancou á perdição eterna, como enumerar os doentes cujos dias conseguiu prolongar." Mas, nesta occasião, o medico, intelligente, entendeu que tal discussão era um perigo gravissimo. Todos conhecem as funestas consequencias de qualquer emoção nas pessoas que têm aneurismas; ninguem ignora como se apaga de repente a ultima chamma da vida num tuberculoso ás portas do tumulo. Por isso o Dr. Récamier acenou immediatamente á mãe e á esposa para que se calassem.*

*— "Vamos, Frederico, disse elle, chegando-se para o doente, dai-me a mão e sejamos sempre bons amigos.*

*Pensai que vossa bôa mãe, vossa esposa tão dedicada e eu, só queremos uma cousa: supprimir ou, quando menos, alliviar vossos padecimentos physicos, e vos conservar a calma, a serenidade de espirito...*

*Agora, não faleis nada... ficai tranquillamente deitado. Voltarei quanto antes para fazer-vos uma visita; dai-me a mão outra vez." Sahiu. "Senhoras, segredou o medico ás duas mulheres que o accompanharam, prudencia e confiança; não digais mais nada ao doente, a respeito de religião, mas pedi ao Céo que faça fructificar a bôa semente que foi lançada. Vi o escapulario sobre o peito de Frederico: isto me dá certeza que Nossa Senhora o protegeu milagrosamente de alguns dias para cá; supplicai á Santissima Virgem que remate sua obra e repetindo a Ave Maria, esforçai-vos por conseguir o que tanto desejamos."*

## ORAÇÃO

Oh! Maria. Filha predilecta de Deus, quem me déra ter-vos offerecido e consagrado os primeiros annos de minha vida! Ah! como vão longe esses primeiros annos! Mas, não era melhor começar desde já, embora tarde, do que ficar para sempre rebelde? Hoje, pois, venho consagrar, sem reserva, ao vosso serviço, e ao serviço do meu Creador, os dias que ainda tenho de passar nesta terra. Acolhei favoravelmente a offerta de um peccador e alcançai-me a graça da fidelidade até a morte. — Assim seja.

S. AFFONSO DE LIGORIO

# SETIMO DIA

## ESPONSAES DE MARIA

Maria crescêra na solidão religiosa do templo, entregue exclusivamente ás communicações intimas de sua alma com Deus; tinha chegado áquella idade em que, segundo o curso ordinario das cousas, sua vida seria definitivamente orientada. A maternidade a que fôra predestinada, não era como a de nossas mães; e todavia, por razões obvias, era preciso que Maria unisse sua vida á de um moço forte, dando assim á sua fraqueza natural o apoio de um coração que Deus lhe havia preparado. E tambem, segundo a palavra de Santo Ambrosio: "O senhor preferiu não deixar sombra alguma sobre a maravilha de seu nascimento, e não quiz que pairasse a menor duvida sobre a virtude de sua Mãe."

E' inutil lembrar as graciosas tradições que formam uma atmosphera tão suave, tão poetica em redor dos preliminares desta alliança santissima: o ramo de amendoeira milagrosamente florido, e o vôo de uma pomba, intervindo, ella tambem, para designar o feliz noivo de Maria. Semelhantes presagios não são raros na historia dos santos, e as lendas profanas collocam outros ainda mais extraordinarios na origem de certos personagens famosos da historia. O que merece mais reparo, é o cunho profundamente piedoso desta scena evangelica, que ficará sendo o ideal de todo matrimonio christão.

Foi debaixo das vistas do pontifice, ao murmurio de preces inspiradas e no cumprimento de ritos augustos que os dois noivos trocaram seus juramentos; e, acima de tudo isso, um como véo de dôce e profunda majestade cahindo das abobadas do templo envolvia nas suas dobras a

devota assembléa. Si nos fosse permittido lêr naquellas duas almas, haviamos de vêr que obedeceram sómente á vontade de Deus, unico consultado. Naquellas duas almas não foram tomados em consideração calculos humanos e si sonharam gozos, aquelles gozos são dos que não pódem empanar a inviolavel pureza de suas vidas. Nunca a phrase de S. Paulo, tomada ao pé da letra, recebeu applicação mais real no que chama "a honra das allianças e a casta virtude do leito nupcial."

Pertencia a Maria Santissima dar este exemplo sublime ás nupcias christãs. Assim lembra aos moços, noivos de amanhã, o que ha de sagrado neste acto tão commum e tambem ensina ás moças que trocarem um dia sua corôa de Filhas de Maria por aquella outra corôa mais austera, o sentimento, a comprehensão exacta de sua missão materna.

A humanidade sempre guardou uma lembrança vaga da divina origem do matrimonio, e o povo hebraico especialmente foi encarregado de conservar este caracter. Ao christianismo, porém, cabia restabelecer a santidade primitiva do matrimonio.

Ora, as nupcias da Santissima Virgem, melhor do que qualquer livro, ensinam-nos que Deus deve estar como base da familia humana. Impossivel, sem Elle, fundar, dignamente e para sempre, aquella reunião santa que chamamos o lar; impossivel, sem Elle, associar almas, estreitar corações com o fim sublime de dar filhos á terra e eleitos ao céo.

Deus poz no coração humano um sentimento mysterioso e profundo que parece garantir ao matrimonio uma estabilidade sobre a qual se póde contar. Quando o moço alcançou esta idade que já não é mais adolescencia, que ainda não é a idade madura, si Deus não o chama para alguma vocação que dispense de formar uma familia, sente em si o despertar de novas aspirações. A solidão o

enfada; quer sahir do isolamento, encontrar um coração ao qual se ampare nas horas sombrias de uma existencia que os acontecimentos breve tornarão arida quando não dolorosa.

No enthusiasmo de uma primeira felicidade, na embriaguez daquellas emoções que realisam talvez um sonho, de ha muito afagado, sob o enlevo daquelle ideal que nossa ingenuidade julga ter attingido, parece impossivel qualquer desencanto, qualquer desapontamento. Ah! quantas desillusões! que de amarguras dolorosas a seguir tão de perto essas curtas alegrias que haviam de ser eternas!

Tudo foi dito acerca da fragilidade das affeições e das dôres lancinantes causadas pela inconstancia deste pobre coração. E' no tocante ao amôr que o homem merece mais vezes a censura que se lhe faz de ser "fluctuante e voluvel." "Nada mais instavel do que as affeições humanas," dizia Bourdaloue, "muitas vezes levam annos para se formar e num instante se desmancham." Ouçamos o Padre Lacordaire: "Oh! diz elle quantas infidelidades não chorei na vida! A amizade é uma arvore vetusta, carcomida. Para mim, não tem mais do que algumas poucas folhas de outono, quem sabe si não as verei cahir ainda!"

O Concilio de Trento disse que o sacramento do matrimonio "aperfeiçôa o amor." Logo não o despoja de seus bellos enthusiasmos, de sua sinceridade admiravel; mas o sacramento realça, ennobrece o amor, e dá a estas brilhantes manifestações do coração o merito da duração, porque lembra ao homem que é Deus quem forma o vinculo conjugal, quem recebe os juramentos, os santifica e dá á fidelidade este caracter de um dever imperioso.

A Escriptura ensina que a formosura é "enganosa e os donaires, ephemeros." Por demais o sabemos. Os encantos mais attrahentes têm o destino das flôres. E' comparação sediça, chapa gasta. Porém poucos se lembram

que esta comparação feita para lisonjear, encerra a sua propria condemnação. A flôr é linda, sem duvida, é linda mas logo murcha e fenece. O tempo realisa ligeiro a sua obra, quando não haja outros muitos inimigos destructores a lhe tomarem a dianteira. Apaga as côres do rosto, traça na fronte profundas rugas, estraga a belleza; debalde querem reagir, mas as aguas de cheiro e o pó de arroz são remedios anodinos, totalmente inefficazes. O amor, "aperfeiçoado", pelo sacramento, não se importa com as transformações fataes da materia. Longe de se commover e perturbar, sabe divisar sob um rosto de belleza ephemera, meritos solidos e duraveis, qualidades e virtudes de real valor. As formas, para elle, não passavam do involucro mais ou menos gracioso de uma alma extremamente querida. No olhar descobria um pensamento e este pensamento não se apagou com o brilho dos olhos. O sorriso era a linguagem de um bom coração; e tal bondade ha de sempre realçar a doçura do sorriso. Mais, o verdadeiro amor saberá reconhecer, numa fronte encanecida, os traços amenos de uma dignidade e elegancia austera a substituir vantajosamente os passageiros attractivos de uma belleza illusoria e essencialmente fugaz.

Que temos ás vezes em lugar de taes pensamentos? Que consideração merece, entre as preoccupações de muitos, este acto tão grave em suas consequencias? Para alguns, o matrimonio, é negocio qualquer, apenas requerendo mais um pouco de habilidade, maior diplomacia. Já não é mais a união de dois corações num mesmo amor puro e desinteressado: são duas fortunas que se ajuntam em proveito de uma só ambição.

Vae! pobre donzella, acreditaste na lisonja, nas apparencias seductoras; tua candura deixou-se engazopar por uma meiguice calculada, talvez pelo feitiço de um sorriso ou simplesmente pela habilidade do alfaiate. Não indagaste do que se occultava debaixo destas exterioridades

faceiras. Não indagaste do caracter, da alma que se disfarça sob estas manobras insidiosas, cortezia de encommenda. Amanhã, sabel-o-ás. Mas será tarde: o mal é irreparavel. Dos teus sonhos apenas sobreviverá a perspectiva de uma longa e silenciosa resignação.

Um philosopho moderno, no intuito de substituir a autoridade do Evangelho e proporcionar alguma compensação á santidade desprezada ou esquecida do matrimonio, propunha um compromisso entre o poder civil, representado pelo marido e a autoridade religiosa, representada pela mulher. Semelhante solução seria possivel si não fosse absolutamente chimerica: façam o que quizerem, será sempre preciso voltar ás antigas theorias, "a graça que santifica os esposos, eleva, aperfeiçôa e acrysola seu amor natural."

## EXEMPLO

### *O TERÇO DO DR. RÉCAMIER (Continuação)*

*Era bastante tarde quando o Dr. Récamier deixou a rua do Bac. Correu para o Sacré Coeur onde tinha alguns doentes, e, a todas as freiras que encontrava, desde a irmã porteira, até ás Madres enfermeiras, pedia uma Ave Maria para uma pessôa por quem elle se interessava muito. Logo depois voltou junto do Padre Mallet para narrar-lhe o occorrido e reclamar, não algumas Ave Marias, mas um terço completo.*

*Em casa do Dr. Récamier rezava-se a oração da noite em commum: tocante costume patriarchal, o qual, seja dito de passagem, introduz no lar domestico todos os habitos da vida christã e constitue o penhor mais seguro da fiel observação dos outros preceitos religiosos, porque traz sempre comsigo a graça, a autoridade e persuasão do bom exemplo. Nesta mesma noite, antes de encerrar a oração pelo costumado signal da cruz, o venerando chefe de familia annunciou que ia accrescentar tres Ave Marias para a con-*

*versão de um doente, já ás portas do sepulcro. Pode-se imaginar com que fervor foram rezadas essas Ave Marias.*

*Finda a prece, Récamier ergueu-se. Neste movimento, bateu sem querer com o relogio de bolso num braço da cadeira junto da qual estivera ajoelhado. Nesse mesmo instante ou por effeito do choque, ou por mera coincidencia, a mola do relogio quebrou-se e as rodas desandaram com um barulho tão forte que uma das pessoas presentes perguntou: "Que é isso?" — "E' o diabo que está fugindo," retrucou o piedoso clinico. Depois, tirando do bolso o tal relogio: "Vão te concertar, meu sujeitinho. Na verdade, estavas-me servindo desde muitos annos; mas tu te canças mais depressa do que eu."*

*No dia seguinte, ás seis horas Récamier já está a caminho para a rua do Bac, a saber noticias do seu cliente. Mas, que significam esses transportes de jubilo?! A mãe do doente agradece a Récamier, com effusão; a joven esposa beija-lhe as mãos em signal de gratidão. O moribundo, sentado numa poltrona, exclama ao avistar o medico: "Vinde, Doutor, vinde; agora, sinto-me feliz devéras! Reconciliei-me com Jesus que tanto amais... dai-me agora um abraço."*

*Récamier não se faz de rogado e senta ao lado do enfermo. Então ouve todos os pormenores da conversão. Foi o proprio Frederico, quem pediu o sacerdote. Foi o proprio Frederico que, depois de confessado, pediu o Viatico e a Extrema Uncção. Récamier regosija-se com Frederico e declara que tinha organizado uma verdadeira cruzada de orações a favor delle. Novas manifestações de alegria e novos abraços.*

*Estava realizado o desejo. Cinco minutos depois o doente com um sorriso suave exhalava o ultimo suspiro! Frederico, morto!... As infelizes senhoras, mãe e esposa, passaram então da alegria para as lagrimas, da felicidade para a dôr. Mas o Dr. Récamier, apontando para o busto*

*de N. Snra., que dominava na meza do quarto funebre, as consolou: "Animo! minhas senhoras, pedi coragem á S.S. Virgem e lembrai-vos com fé e esperança de quanto ella já fez em vosso favor. Frederico estava perdido, este desenlace era inevitavel, desde muito tempo. N. Snra. prolongou-lhe os dias milagrosamente para que tivesse tempo de se preparar. Frederico não tolerava que lhe falassem dos sacramentos. N. Snra. inspirou-lhe o desejo de recebêl-os... Mas, dizei-me, a que horas pediu o enfermo que chamasse o padre?" "Hontem de noite, ás nove e meia, Doutor."*

*Ouvindo esta resposta. Récamier tirou o relogio e soltou uma dessas exclamações que lhe eram familiares: "Puxa! Nove e meia! Pois foi justamente nessa hora que acabavamos nossas Ave Marias por intenção de Frederico! Sei, porque a mola do meu relogio quebrou-se naquelle instante e estais vendo que marca nove e trinta. Tendes razão, minhas bôas senhoras, rogai muito a S.S. Virgem e tende a certeza que ella vos dará toda a força de que necessitais neste momento angustioso."*

## ORAÇÃO

Ave Maria! Virgem cheia de todas as delicias celestes, vós, que illuminais com os raios da vossa misericordia aquelles que vivem longe de vós, alcançai-me a plenitude de todas as virtudes e a tranquillidade da alma, emquanto permanecer nesta região das sombras da morte, afim de que eu possa, com o vosso maternal amparo, chegar á mansão da eterna felicidade. — Assim seja.

S. BOAVENTURA

# OITAVO DIA

## A ANNUNCIAÇÃO

O casamento de Nossa Senhora fecha o primeiro periodo de sua vida, periodo da formação, do recolhimento e da oração, periodo de preparação. O segundo abre-se então, e abrange até o Calvario: haverá angustias e padecimentos; será um martyrio para esta alma tão meiga e compassiva. Mas quantos gozos ineffaveis não desfructará na privança intima com seu divino Jesus!

Ia soar a hora da Incarnação, momento solemne em que o proprio céo parecia fazer-se mais attento na espectativa do que havia de succeder. E' no Evangelho que se lê esta scena da Annunciação, admiravel de simplicidade e de grandeza, de majestade e de suave deleite. Um anjo foi enviado á futura mãe do Salvador, como outrora a Zacharias. Era para communicar uma nova incomparavelmente mais faustosa do que a vinda do precursor João Baptista.

Mas, para onde dirigirá os passos o anjo portador da celestial mensagem? Em que cidade famosa irá tratar deste negocio que um Padre da Igreja chamava o negocio da eternidade: *negotium æternitatis?* A que mulher offerecerá o encargo sublime?

Talvez Roma, cidade dos Césares, rainha do mundo, que seus poetas favonearam com as mais lisongeiras promessas de immortalidade? Talvez Athenas, rainha das intelligencias, patria das letras, terra classica das bellas artes e tambem cenaculo dos sabios?

Talvez Jerusalém, a cidade santa, tão orgulhosa de seu sacerdocio e de seu templo, maravilha do mundo, de seu propiciatorio e de suas pomposas solemnidades; tão

orgulhosa de seus livros sagrados em que fôra delineada, muito tempo antes, a historia heroica de Dario e Alexandre? Não, nem Roma, nem Athenas, nem Jerusalém terá a felicidade, a honra insigne de hospedar o embaixador de Deus.

Havia na Galiléa uma aldeia humilde de nome predestinado, fadada a cousas extraordinarias. Era Nazareth, a *santa*, segundo uns, a *florida*, segundo outros. Naquella aldeia uma pobre casa, e naquella casa sem lustre, uma joven desconhecida que, como a violeta sob a folhagem, escondia na escuridão o perfume de suas virtudes e a gloria de seu nascimento. A esta donzella é que o anjo, plenipotenciario de Deus, vem procurar.

Espectaculo admiravel; estas duas creaturas em presença uma da outra, o anjo e a Virgem, têm muitos traços de semelhança. E pertencem á mesma familia, unidos como irmão e irmã por inauditas harmonias. Os anjos são as virgens do céo; e nós, na terra, compenetrados de admiração grata e reverente, chamamos ás virgens de anjos da terra.

1.º — Este encontro lembra-nos outro que não podemos silenciar, porque ambos se collocam na origem do mundo e tiveram consequencias infinitas.

Um anjo mal fadado mostra-se no paraiso terreal, e a tentação de Eva é o ponto de partida de uma serie de dôres e vergonhas. Mas um anjo de luz baixa em Nazareth e sua missão abre a era das reparações. O anjo do Eden occulta-se sob a forma seductora da serpente, porque seu coração é máo; o anjo de Nazareth apparece sem disfarce, diz seu nome, porque é mensageiro de salvação. O primeiro nos perde, o segundo nos salva; um nos conduz á morte, outro nos leva á vida. Dir-se-iam duas copias do mesmo modelo; mas, aquella em fundo preto, de côres sinistras; esta, radiante de luz, fulgurante de promessas maravilhosas.

Tambem, estas duas mulheres pódem, pelos contrástes dar logar a reflexões captivantes. Ambas são como o bom e o máo genio dos tempos que se seguiram. Ambas existem nas tradições e nas lendas dos povos: a primeira evoca lembranças pavorosas, tetricas; a segunda traz as mais fagueiras esperanças; ambas sobrevivem a si proprias, no genero humano, e nelle continuam a desempenhar o mesmo papel. Eva permanece entre nós, a exercer fascinações funestas que a tornam cumplice de Satanaz. Quantos ha que renovam as falsas desculpas de Adão e poderiam dizer a Deus: "E' a mulher que nos destes que nos enganou."

Maria prosegue igualmente na sua obra de salvação com as que a imitam. Muitas almas poderão com todo o direito chamal-a *bemdita entre todas as mulheres.* Si é verdade que o mundo ha de ser eternamente dividido em dois campos e que somos condemnados a ver até ao fim as duas cidades de que fala santo Agostinho, não é menos certo que no limiar destas duas cidades, nas fronteiras destes dois mundos, havemos de encontrar as filhas de Eva e as filhas de Maria.

2.º — O anjo, tendo entrado, narra o Evangelho, inclinou-se diante da Virgem e saudou-a dizendo: "Ave Maria."

Nos quarenta seculos anteriores, os anjos foram muitas vezes delegados junto aos homens como mensageiros de Deus, mas nunca cumprimentaram a quem quer que fosse.

Um anjo veiu ter com Agar, a mãe desesperada que fugia para não ver seu filho morrer. Disse-lhe que sua oração fôra ouvida e que o menino não morreria; mas o anjo não a saudou. Um anjo veiu annunciar a Abrahão o nascimento de um filho o qual havia de ser pae de um grande povo; mas não saudou ao patriarcha. Um anjo acompanhou o joven Tobias na sua longa viagem; mas

não o saudou. Um anjo foi enviado ao propheta que fugia da colera de Jesabel; não saudou ao propheta. O anjo que participou o nascimento de João Baptista, não saudou o pontifice, embora estivesse exercendo as funções do sacro ministerio.

Oh! é porque em todas aquellas circumstancias, o anjo agia como superior ao homem, a quem visitava; e falando a homens em nome de Deus de quem era o representante, procedia de accordo com esta dignidade. Mas, diante de Maria, inclina-se porque reconhece nella sua soberana, aquella que elle entrevira no dia em que Deus propoz aos anjos a fé na Incarnação como prova necessaria; inclina-se diante daquella a quem Deus em breve dará o nome de mãe: *Ave gratia plena.*

Ouvindo esta voz, esta saudação tão elogiosa e inesperada, Maria perturba-se: mas não por fraqueza; ella estava acima das emoções involuntarias que tantas vezes agitam nossas almas, acima destes repentes da imaginação que nos desnorteiam. Maria perturba-se ao ouvir os louvores que lhe são dirigidos, pois sabe que frequentemente a adulação encobre uma cilada.

Perturba-se, sobretudo, porque ouviu promessas de maternidade, gloria muito elevada sem duvida, mas a que renunciára por amor de uma gloria ainda mais cobiçada. Será obrigada a revogar seus juramentos anteriores? ou achará o Deus infinitamente poderoso, meios extraordinarios que conciliem estas duas glorias, fazendo refulgir simultaneamente na sua fronte os dois diademas que filhas de Eva não podem cingir sinão um após outro, successivamente?

Então, o anjo sciente de tudo e a quem Deus revelou os mysterios intimos da Incarnação, acerca-se de Maria; e com uma voz repassada de doçura e confiança, tranquilisa a Virgem, dando-lhe a conhecer alguma cousa dos segredos divinos. Aquelle que tirou do nada o universo,

que de seu seio deixou cair o principio mysterioso de vida que anima e embelleza tudo; vida a germinar na planta, a zumbir no insecto, a gorgear nas aves e exhalar-se nas flôres; Aquelle que com mãos omnipotentes plasmou o homem, poz luz nos seus olhos, encanto no seu sorriso, brandura e força na sua voz; Aquelle mesmo saberá dar um corpo a seu Filho e lançar-lhe aos hombros o manto da humanidade, como formou do nada a terra e o céo com todas suas galas.

O anjo, tambem, esperava pelo consentimento de Maria: Oh! delicada attenção de Deus! Oh! respeito pela nossa liberdade! Deus quer nos salvar, quer nos dar seu filho; mas, é mister que o homem concorde. Deus quer celebrar com a humanidade o pacto supremo do resgate; mas, cumpre que, de parte a parte, haja beneplacito, adhesão e acceitação.

"Ouvistes, Maria, exclama S. Bernardo, o anjo aguarda vossa resposta. Condemnados pela sentença de morte, nós tambem, esperamos anciosos pelo *Fiat* que nos póde salvar. Adão em pranto, e com elle sua descendencia desterrada; Abrahão, David, patriarchas e prophetas, sentados na região tenebrosa, na sombra do limbo; o universo inteiro, de joelhos, vos supplica. A consolação de tantas miserias, a redempção dos captivos, a salvação de todos os sêres estão suspensos aos vossos labios; o proprio Deus se associa á espectativa universal. Falai, ó Virgem! dizei a palavra almejada e recebei a virtude do Altissimo; proferi o verbo de obediencia e concebereis o Verbo do Senhor; pronunciai esta breve palavra, e ficará encerrado em vosso seio o Verbo eterno" Ah! comprehendemos porque a resposta de Maria foi chamada pelos Padres da Igreja *resposta da alegria* por opposição á *resposta da morte* de *S. Paulo*: *Responsum lætitiæ, responsum mortis.*

Diante das affirmações do anjo, Maria não hesitou mais: inclinando a cabeça em signal de pleno assenti-

mento, deixou ouvir esse voto de conformidade perfeita com a vontade de Deus: "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra." — *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum.*

Com este *fiat* acertadamente comparado áquelle da creação, o Verbo de Deus, sem deixar o céo, incarnava-se em Maria; sem nada perder da gloria de sua divindade, revestia-se do involucro da nossa carne mortal. Com este *fiat*, o céo pela primeira vez pronunciava esta palavra que os sacerdotes, no altar, não pronunciarão sinão de joelhos: *Et Verbum caro factum est.* "E o Verbo se fez carne."

## EXEMPLO

### *O LUGAR DA ANNUNCIAÇÃO*

*A gruta ou quarto subterraneo, onde se realizou o mysterio ineffavel da Incarnação é sempre em Nazareth, objecto da devoção e da concorrencia dos fieis, ao passo que a casa propriamente dita de José e de Maria recebe as homenagens da christandade, em Loreto onde os anjos milagrosamente a transportaram.*

*O santuario da Annunciação fundado pela generosidade da piedosa imperatriz Helena, tantas vezes, no decorrer dos seculos, violado e arruinado, mas outras tantas resgatado e restaurado, representou papel importantissimo na historia, não só no tempo das Cruzadas, como tambem depois.*

*Hoje, pertence aos Padres latinos da Terra Santa, os quaes obtiveram, em* 1620, *licença de o reedificar. Estava então completamente desmoronado.*

*A igreja, diz Lamartine, no seu livro intitulado "Voyage en Orient", está inteiramente cercada pelo convento... Sóbe-se á capella mór, muito mais alta do que a nave, por uma escadaria de dois lances, e desce-se á esquerda por outra escadaria de marmore de dezesete degráus para a*

*capella subterranea onde estava construida a casa da S.S. Virgem. No fundo, ergue-se um altar no mesmo ponto onde se operou o mysterio da Incarnação; um pouco mais baixo, lêm-se gravadas em marmore estas palavras:*

*VERBUM HIC CARO FACTUM EST.*

*"Aqui o Verbo se fez carne."*

*Varias lampadas ardem constantemente em redor. A alguns passos dahi, elevam-se duas columnas de granito, das quaes uma indica o lugar onde se mostrou o anjo.*

*A igreja é uma vasta e alta nave de tres andares. O pavimento superior é occupado pelo côro dos Padres da Terra Santa e communica por uma porta com o convento; o pavimento inferior é reservado aos fieis.*

*Adiante da gruta da Annunciação, vê-se o lugar onde ficava a santa casa, hoje em Loreto. Corresponde-lhe com exactidão mathematica; e é englobado numa construcção nova. Esta, si não substitue verdadeiramente, sempre lembra a casa que Nazareth perdeu e de cuja perda não se consola. E' porém evidente que foi pela vontade de Deus que os anjos a arrebataram.*

## ORAÇÃO

O' Rainha, mais santa, que todos os santos, vós que, por um milagre singular, sois ao mesmo tempo Virgem e Mãe e gerastes o Salvador do mundo, eu vos saudo. Eu vos saudo, ó templo da divindade, santuario do Espirito Santo, digno de todos os nossos respeitos; attendei, eu vos supplico, ó Mãe das Misericordias, ás orações de vossos servos e dissipai com os raios de vossa santidade as trevas de nossas almas, afim de que tenhamos a felicidade de vos agradar eternamente.

S. BOAVENTURA

# NONO DIA

## A VISITAÇÃO

Que vemos no mysterio da Visitação? Será simples visita entre parentes, confiança intima de uma mãe em outra mãe? Não haverá nisso uma destas attenções da divina Providencia a quem aprouve collocar Maria nas situações mais vulgares da vida, para santifical-as todas e em todas dar-nos as lições necessarias?

Tentaremos estudar o que de grande, de santo, de providencialmente proveitoso houve na entrevista destas duas almas unidas não só pelos vinculos de parentesco antigo, mas tambem na gloria de um maravilhoso destino. As visitas representam um elemento importante nas relações sociaes. Será verdade que ás vezes absorvem um tempo precioso em prejuizo dos deveres austeros da familia? que ellas são em certos casos uma especie de enscenação aduladora, uma das formas da vaidade? Será verdade que esses encontros rigorosamente impostos pela *etiqueta* não passam as mais das vezes de occasiões para conversas pouco convenientes, de protestos de sympathias mentirosas, de indiscretas confidencias? Visitas com certeza ha, que não são bôas porque offendem um ou outro dos nossos dez mandamentos.

Mas em si as visitas não são um mal; resultam da ordem determinada por Deus. Quando Elle estabeleceu a sociedade, promulgou a lei das relações reciprocas. Nosso Senhor fez visitas e uma das maiores venturas que proporcionou em suas peregrinações evangelicas, é a hospitalidade nunca esquecida que elle acceitou um dia em casa do bom Zacheu. Quem não terá igualmente saboreado

o perfume de celeste intimidade que se exhala das relações do Nosso Salvador com a feliz familia de Bethania?

Visitavam-se mutuamente os antigos solitarios; e, que alegria não desfructavam aquelles veteranos do deserto quando lhes era dado reunirem-se para orar juntos, e juntos partir o pão de uma passageira mas cordialissima hospitalidade! Nós mesmos, não teremos alguma vez experimentado a doçura destes piedosos encontros occorridos, talvez após longos annos de separação? Faziam reviver reminiscencias sem numero. Revigoravam uma affeição que o tempo não destruíra! Como Maria, teremos conhecido o gaudio ineffavel de ir, levados pela gratidão, communicar alguma noticia auspiciosa a almas bastante affectuosas para se associar aos nossos prazeres, bastante generosas para não os cubiçar! Abençoadas visitas! suaves expansões! alimentais a vida do nosso coração e espalhais em nossa mente uma como ventura sem par!

Damos a seguir alguns dos caracteres da visita de Maria Santissima a Santa Isabel:

1.º — Essa visita de Maria era necessaria.

Quando a Virgem deixou Nazareth em demanda da cidade sacerdotal de Hebron, não cedia apenas a um bom movimento de seu coração: obedecia á voz de Deus que desejava esta primeira diligencia de Maria em pról de uma alma.

Segundo os designios divinos, João Baptista, que devia annunciar o Messias e abrir-lhe o caminho, havia de ser santificado no seio de sua mãe. Pois bem, Maria foi o instrumento dessa santificação antecipada. A ella coube a honra de ser o primeiro apostolo da magna nova e de transmittir os primeiros effluvios mais apparentes da graça da Incarnação. Partiu, pois, como haviam de partir, mais tarde, os apostolos, ao mando de Deus; como haveriam de partir, seculos em fóra, tantas almas, doceis ás ordens do céo, para irem onde quer que as chamasse sua bella

missão de cooperadoras na salvação do genero humano. Em circumstancias menos solemnes e sobre questões menos graves, sem duvida, nós tambem temos de obedecer á voz de Deus. O interêsse eterno das almas que nos cercam exigirá de nós, certamente, numa hora escolhida por Deus, algum desses sacrificios que vêm a ser um verdadeiro apostolado. Nossa situação particular, vinculos de parentesco, ás vezes até, os deveres da amizade, impellir-nos-ão, como outr'ora impelliam a Virgem de Nazareth, pelo caminho que nos conduz a estas almas. Então seremos por nossa vez os mensageiros de uma boa nova, isto é, de uma graça de salvação.

2.º — Na Visitação de Maria, houve tambem razão de conveniencia e caridade: ia cumprimentar a Santa Isabel pela graça especialissima que acabava de ser concedida áquella sua parenta. Sabia que, nas almas, a felicidade é transbordante. Semelhante ao leite a ferver, quer expandir-se e communicar-se a outras almas. Quem é verdadeiramente jubiloso quer partilhar a propria ventura, quando menos com os que a podem sentir e não terão ciumes. Ha tambem nisso uma necessidade imperiosa de associar os outros á propria gratidão. Isabel era ditosa com o promettido filho de bençam, e Maria tinha pressa em dizer-lhe o interesse cordial, ardente, que tomava na sua ventura.

De natureza menos recta, ou de coração menos humilde, ella teria prestado ouvidos a outras razões de conveniencia ou pelo menos, consultaria as regras da prudencia humana. A Virgem de Nazareth, pela sua missão, era superior á sua prima, e os commentadores fazem notar que, de conformidade com a praxe commum e os usos em vigor, era Isabel quem devia fazer a visita; mas taes considerações, si satisfazem a vaidade, não pertencem ao espirito do christianismo a cujas inspirações Maria tencionava obedecer a primeira.

Partiu, pois, apressadamente, a congratular-se com a humilde mulher de Hebron.

Quanta desigualdade não estabeleceu Deus no mundo! De nascimento, de fortuna, de intelligencia, de situações. Estas distincções ou differenças, são talvez um dos mais bellos caracteres da obra divina pelas virtudes admiraveis que nisto se originam, e um dos crimes da nossa época é de não as querer entender nem supportar. Entretanto são necessarias. Por mais que façamos, "haverá sempre pobres no meio de nós", porque sempre deve haver occasião para os ricos cumprirem o magno preceito da caridade.

Mas, porque veiu a vaidade humana enxertar nestas differenças involuntarias uma pretenção balôfa que tende a tornal-as exclusivas, absolutas, desdenhosas? Porque razão, entre os membros de uma sociedade que só deveria constar de irmãos, levantam-se, ás vezes, barreiras insuperaveis?

Sem duvida, é louvavel certa escolha nas relações, e tudo o que honestamente contribue para manter a honra da posição e do nascimento; mas, nestas reservas, só deve entrar respeito e deferencia. Ha circumstancias em que toda a barreira deve desapparecer para contemplarmos almas harmoniosamente collocadas no mesmo pé de divina igualdade. Aquelles que brilham nas culminancias da escala social, não devem ignorar que se honram a si mesmos, descendo ao nivel dos mais pobres desconhecidos. E' uma honra até, collocar-se abaixo dos ultimos como fez Nosso Senhor, quando se ajoelhou para lavar os pés a seus apostolos; como fez Maria, visitando a sua prima.

São Francisco de Salles teve a idéa de realisar, de modo permanente, esta grande humildade: queria fundar um Instituto, cujos membros de certa notoriedade, quer pela posição, quer pela fortuna se destinassem á procura dos desamparados que ninguem visita. Queria de alguma ma-

neira perpetuar entre nós o mysterio da Visitação. Muito magoado, teve que desistir do seu designio. Da obra que elle projectava, apenas resta o nome.

Mas, na mesma época, S. Vicente de Paulo, acolhia com carinho a idéa do bondoso bispo de Genebra; e mais feliz, conseguiu estabelecer a obra das visitas que puzeram a opulencia e o prestigio do nome ao serviço dos pequenos e dos pobres. Esta nova congregação apresentou-se sob um aspecto tão bello, sob auspicios tão fagueiros que, tratando-se de pôr um nome ás senhoras que a formavam, acertaram de lhes pôr o nome que melhor exprime o exercicio da bondade de Deus. Fôram chamadas "*Damas da Misericordia*". Senhoras, ufanai-vos por este nome: é o mais formoso que podeis levar. Foi da rainha Anna da Austria, da duqueza de Mantua, da rainha da Polonia, da chanceller de França, de todas as que frequentavam a côrte, de Maria Fouquet, mãe do famoso superintendente das finanças, tão affeiçoada a Deus e aos pobres, a qual sabendo que seu filho acabava de cahir no desagrado de Luiz XIV, sómente disse: "Obrigado meu Deus; eu vos pedi tanto pela salvação de meu filho!... eis que agora entra no bom caminho!"

Esta obra das santas "*visitações*" sobreviveu a muitas ruinas moraes; ainda hoje, não é raro ver a caridade com as feições veladas de uma princeza, deixar o palacio luxuoso para ir, attenta e discreta, como a Providencia, levar seu obulo aos desgraçados que se envergonham de extender a mão na rua. Dará muito, dará tudo, si preciso fôr, mas não se dará a conhecer. E' porque a senhora virtuosa tem um nome: Caridade; é romeiro do céo em transito pela terra. E é no céo mesmo que a gratidão dos infelizes alliviados nos saberá encontrar.

As visitas do mundo são privilegio e apanagio da riqueza, da prosperidade ou da felicidade; desapparecendo estas, já não ha mais visitas. Mas, embora sejamos nós dos

rarissimos que a fortuna e a sorte favorecem e acompanham sempre, devemos, assim mesmo, prever e temer as horas ultimas. Então, tudo se entristece em redor de nós. Nossa existencia reveste as côres melancolicas do dia prestes a findar. Nosso coração se encolhe sob os golpes da desillusão. Nossa alma pensativa já despiu o enthusiasmo, a poesia que alegrava nossos pensamentos espargindo no porvir as felizes irradiações da esperança. Nessa hora, o mundo esquecerá muito depressa o caminho que conduzia outr'ora a nossa casa em festa. Taes amigos são parecidos com as andorinhas que gostam da primavera e dos raios quentes do sol.

Si fôrmos ajuizados, abriremos as portas da nossa alma a outro amigo menosprezado talvez em dias felizes. Então, si quizermos, Maria nos visitará e nos trará como a João Baptista, Aquelle que tão acertadamente se chama "o Amigo de todos os dias." Quando os amigos do mundo nos bajulavam, Jesus era para nós um importuno, um indiscreto; não havia lugar para elle. Agora, quando a solidão reina em redor de nós, Jesus volta. Volta sem raiva, e vem bater á porta do nosso coração.

Bate, diz um commentador, e revela sua presença por enfermidades, desgostos, tristezas insondaveis. Cada uma das dôres do nosso corpo, cada um dos padecimentos da nossa alma são outros tantos convites deste amigo magoado e saudoso. Felizes das almas que lhe abrem seu coração sem demora, lançando-se em seus braços, dirigindo-lhe a saudação com que eram acolhidos os amigos do mundo; "Entrai, entrai, sim, ó meu Deus, nesta alma indigna, mas que hoje se arrepende! Entrai; talvez nos reste pouco tempo: compensaremos esta brevidade com a intensidade do amor. Tereis Senhor, as horas do crepusculo, mais calmas e recolhidas, tão favoraveis ás confidencias de amigos reunidos após longa separação. Entrai; e, si não fostes o amigo dos dias da felicidade, sêl-o-eis daquelles

que o mundo não póde embellezar; alegrareis, santificareis o declinio de uma vida que vae acabar aos olhos do mundo para começar em vós."

## EXEMPLO

### *CHRISTOVAM COLOMBO E A SANTISSIMA VIRGEM*

*Durante toda a vida, Christovam Colombo manifestou uma terna e affectuosa devoção para com a Santissima Virgem. Para nos convencermos disso, basta lhe seguirmos os passos na carreira que percorreu.*

*O incansavel e arrojado nauta está para partir. Na frente de seus homens, dirige-se ao mosteiro de N. Sra. da Rabida para ahi receber o Pão dos fortes e collocar-se sob a protecção da Virgem.*

*Na noite de 3 de agosto de 1492, pelas tres horas, é repentinamente despertado pelos gemidos do pinheiral vizinho, cujos cimos a brisa da noite já principia a embalar. E' o vento de leste que se levanta, o vento tão impacientemente esperado. Em nome de Jesus Christo desfraldam-se todas as velas; e Colombo, impávido, sob a protecção de Maria, parte para regiões ignotas.*

*A nave em cujo topo fluctua o pavilhão de almirante foi por elle baptisada* "Santa Maria" *e todas as noites, durante a perigosa viagem, entôa-se a bordo a* "Salve Rainha". *Todas as noites, narra Leão Bloy, Christovam Colombo mandava cantar nas suas tres caravelas o hymno da Virgem. A maravilhosa ternura desta devoção espalhava por sobre esta existencia atribulada e gigantesca, a suave doçura de uma poesia celeste. A Virgem Immaculada, com suas mãos luminosas, guia-o quasi que visivelmente através dos escolhos do oceano e do mundo nas noites calmas e serenas do Atlantico, na benigna claridade das constellações austraes. O azul profundo daquelle novo firmamento appareceu, sem duvida, a Colombo, qual manto*

*estrellado da Virgem, aberto para protegel-o na immensidade das ondas, e nas angustias da tribulação suprema! Era ainda ella que descia para confortar seu servo.*

*Um archipelago está descoberto? pois bem: chamar-se-á* "Mar de Nossa Senhora", *e a maior das ilhas,* "Santa Maria da Conceição".

*No dia* 8 *de dezembro a primeira enseada que se revela na segunda das grandes Antilhas, é consagrada a Maria; vêm successivamente o cabo da* "Estrella dos mares" *e o porto da* "Conceição". *Aos* 8 *de dezembro o mestre dos navegadores celebra a solemnidade propria do dia; no dia* 18, *nas caravelas embandeiradas, salvas de artilharia convidam os Castelhanos a se unirem aos seus compatriotas de Hespanha para invocar a Santa* "Maria do Oceano".

*Mal travou relações com o cacique Guacanagari, e já lhe mostra uma imagem da Rainha do Céo, e suspende ao pescoço do indio uma medalha.*

*Antes da partida, aquartela-se um novo destacamento no forte da* "Natividade"; *e, em memoria do Archanjo Gabriel, um lindo monticulo que se adianta pelo mar é denominado* "Cabo do Anjo"

*A volta para Hespanha se effectua através de mil perturbações do mar e da atmosphera. A 17 de fevereiro de 1493, eleva-se medonho furacão. Atemorisados, os marujos volvem os olhos para o almirante; e este volve o coração para Deus. Propõe aos marinheiros que façam votos de tirar a sorte para saberem qual delles iria de peregrinação ao santuario de* "Santa Maria de Guadalupe" *offerecer um vela de cinco libras. Para isso, contam-se tantas favas, quantas as pessôas de bórdo, tendo o cuidado de distinguir uma com a cruz; depois jogam-nas todas num comprido boné de marinheiro e misturam-nas. Então, approximam-se, cada um por sua vez, por ordem de jerarchia.*

*Ao almirante, diz Roselly de Lorgues, cabia começar. Metteu a mão no boné e saiu com a fava marcada pela cruz. Pouco depois, devido ao receio do perigo sempre imminente, resolveram fazer outro voto. Desta vez, a sorte cahiu em Pedro Villa, marujo do porto de Santa Maria. Evidentemente incapaz o sorteado de arcar com a despeza, o almirante chamou a si a responsabilidade do cumprimento da promessa. Decorridos poucos dias, fizeram ainda o voto collectivo de irem processionalmente, descalços ao santuario da Virgem mais proximo do lugar onde aportassem. Na sexta-feira, 15, ao raiar do dia, reconheceram uma terra a nordeste; na segunda-feira estavam em* "Santa Maria", *ilha mais meridional dos Açores; no dia seguinte, a metade da equipagem foi, de procissão á igreja de Nossa Senhora. A* 3 *de maio, nova borrasca. Lançam mão do mesmo recurso para saber qual dentre os marinheiros irá em condições iguaes a* N. Sra. da Cinta, *na provincia de Huelva; e, caso admiravel, o almirante é designado. Emfim, a 15, aportam em Palos; e a 16, vão de romaria a* N. S. da Rabida.

*Assim, continúa o narrador, o mesmo generoso Franciscano que celebrára a missa solemne no embarque, celebrou tambem a missa de acção de graças no regresso. Ceremonia tocantissima. Todos aquelles navegantes, desde o ultimo dos grumetes até o almirante, nos esfarrapados trajes de naufragos, foram agradecer á Estrella do Mar por tel-os arrancado aos abysmos das ondas encapelladas. Eram acompanhados da multidão que se associava de coração ás preces e á gratidão dos seus irmãos.*

## ORAÇÃO

O' Virgem, ó Rainha soberana, vós que tão pressurosa fostes visitar a Santa Isabel, vinde tambem visitar a minha pobre alma. Não vos demoreis. Me-

lhor do que eu, vós sabeis que minha alma está soffrendo; podeis cural-a de todas suas enfermidades e enriquecêl-a de todos os bens. Vinde, pois, visitar-me emquanto estou afflicto na terra do exilio; mas vinde, ó Maria, principalmente na hora da morte. Uma só cousa eu quero: ser admittida a contemplar-vos um dia no céo, onde vos amarei, onde, eternamente hei de agradecer tudo quanto por mim tiverdes feito. — Assim seja.

S. AFFONSO DE LIGORIO

# DECIMO DIA

## O "MAGNIFICAT"

A Visitação deixou-nos mais do que uma recordação gratissima e precioso ensino; deixou-nos um cantico o *Magnificat.* O *Magnificat* foi chamado "Evangelho da Santissima Virgem" por haver ahi, em poucas palavras, o resumo das maravilhas que Deus realisou nella, por ella. "Em todo o curso de sua vida, guardou silencio tão perfeito, e quando, uma vez somente, se fez ouvir, disse cousas tão bellas, que não sabemos o que mais havemos de admirar: si o calar, si o falar." Por isso os christãos, de pé, fronte erguida e olhos fitos no céo, cantam o *Magnificat.* E é essa mesma, a attitude que se harmonisa melhor com os sentimentos de gratidão e de admiração do hymno de Maria.

Uma longa série de explicações e paraphrases não bastaria para salientar as bellezas do *Magnificat.*

Meditemos apenas o principio, e a linda prophecia que encontramos depois.

1.º — O começo de um cantico, é o primeiro brado da alma procurando traduzir o sentimento dominante. E' a explosão espontanea do que ha de mais impetuoso e ardente, de mais commovedor, mais profundo! *Magnificat anima mea!* eis a exclamação inicial de Maria. "Minha alma glorifica o Senhor", isto é, faz subir, até ao throno de Deus, a gloria de tudo quanto houver de bom e bello no mundo, e homenagens por tudo quanto se operou segundo a vontade divina. Um sentimento de gratidão eleva-se, vivo, poderoso e eloquente, de todas as creaturas. O firmamento com o fulgor sideral; a terra, escrinio de maravilhas sem par e sem fim; as aves, com a variedade de seu gorgeio; a brisa, com a suavidade de seu sussurro.

Tal sentimento é o ambiente normal, a atmosphera natural das creaturas intelligentes: logo, havia de ser o que primeiro aflorasse aos labios de Maria! Não fôra ella instruida e formada pelo Espirito Santo? A gratidão que reconhece e beija, amorosa, a mão do bemfeitor é a virtude das almas nobres.

Mas cumpre tambem dizer que a ingratidão é crime. E' o crime das almas baixas que não enxergam, não comprehendem o beneficio, nem querem pagar ao bemfeitor. Deus é chamado "autor de todo dom perfeito."

Um propheta lhe diz: "Abristes a vossa mão e toda creatura foi por vós cumulada de bençams."

São Paulo, com sua linguagem incisiva, pergunta ao homem: "Que cousa possuis vós que não tenhais recebido?"

Na ordem espiritual, tivemos a dita inapreciavel, mas pouco lembrada, de receber o santo baptismo e a educação christã. Quantos homens, hoje, são menos privilegiados do que nós! Trememos, cogitando nas consequencias nefandas que terá mais tarde, para elles, e para a sociedade, essa desgraça immensa da educação sem Deus. Na ordem natural, quantos dons nos foram, generosa e prodigamente, outorgados! nome, fortuna, saúde, prosperidade, alegria dos affectos! Terá Deus, alguma vez, ouvido o grito deste reconhecimento que glorifica a sua liberalidade?

2.º — Mas o que ha de maravilhoso neste cantico, é a prophecia: *Todas as gerações chamar-me-ão bemaventurada!* Esta prophecia, por si só, provaria a divindade do christianismo. Para bem entender isso, é preciso remontar, pelo pensamento, ao tempo em que foi pronunciada.

Nada no mundo pagão deixava prever o estupendo desenvolvimento do christianismo: o culto dos idolos era quasi universal.

Ora, naquelle mesmo tempo, encontram-se duas mulheres no limiar de uma pobre casita, occulta em humilde povoado: uma, alquebrada, vergada ao peso dos

annos; outra, ainda joven. Lembram duas sociedades que se enfrentassem nas balisas de duas idades, succedendo uma á outra. Antes, porém, de se substituirem, trocam um abraço fraternal no momento da separação.

Mas, neste amplexo, expandem-se as duas almas em propheticos transportes: "Bemaventurada sois porque crêstes, dizia Isabel; hoje, cumprem-se as grandes cousas que o Senhor vos prometteu."

"Sim, responde Maria, o Senhor considerou a indignidade de sua serva, e eis que todas as nações me hão de chamar bemaventurada." Assim, pois, num obscuro recondito do mundo, no seio de uma nação vencida e desprezada, a esposa de um artifice, pobre mulher, apenas conhecida na sua terra, annuncia ao universo inteiro que todas as nações hão de chamal-a *bemaventurada*, isto é, a mulher por excellencia; e sua linguagem, despindo a reserva, o recato acostumado, reveste as formas sublimes de um cantico inspirado. Entende-se o enthusiasmo na alma de Judith e de Debora. Seu cantico é a narração maravilhosa de seus feitos heroicos; mas, em Maria, na humilde esposa de José, quem poderá jamais explicar a ousadia de palavras e o elogio pomposo que faz de si propria?

Certamente, Maria é filha de David. Na sua linhagem, conta os nomes mais afamados e mais nobres de Israel. Mas, que é feito do resplendor desta origem? David, o propheta rei, é desconhecido na cidade santa. De seus antepassados, Maria herdou a piedade e nada mais. Só pelas virtudes que ella pratica, a poderiam elles reconhecer por filha. Entretanto, do seio daquella obscuridade muito embora, ella exclama com os accentos da convicção mais firme: "*Todas as nações me hão de chamar bemaventurada.*"

Oh! vejamos o motivo. Dos humbraes da casa de Zacharias, seu olhar prophetico descortina o mundo inteiro e domina todas as idades. Nesta visão do porvir, vê a cruz

descer do Calvario, levando aos homens lições consoladoras. Vê a Igreja fundar-se, um culto novo estabelecer-se, e ella mesma, tornando-se, no decorrer dos seculos, objecto de uma gloria sem par! Ao ver isso, sua alma transborda de reconhecimento e enthusiasmo. Esquecida da propria fraqueza, só cogita no que Deus fez com ella. Não hesita em annunciar ao mundo esses portentos que a arrebatam.

3.º — Conta-nos uma piedosa tradição que Maria chegou de tarde em casa de sua prima Isabel.

O sol ia baixando no horizonte e as sombras a pouco e pouco envolviam a terra, quando a S. S. Virgem entoou o *Magnificat*. Com certeza, é para conformar-se com esta crença que a Igreja colloca nas vesperas o officio canonial da tarde.

Os que gostam de descobrir symbolos, de estabelecer engenhosas approximações e confrontos, não deixaram de ver neste *Magnificat*, cantado ao escurecer, um como adeus ao velho mundo a sumir-se nas trevas do passado, e uma saudação ao dia que madrugava por sobre um mundo novo. Symbolisa, portanto, o *Magnificat* o fim da labuta, do padecimento, e o inicio do descanso na alegria da recompensa. E' um cantico de estimulo, é uma palavra cheia de conforto e doces promessas.

Sim; havemos de repetir a miudo o *Magnificat* no meio das penas de uma existencia que não admitte descanso.

Os versiculos deste cantico confundir-se-ão talvez com os queixumes de uma alma afflicta com os gemidos e suspiros do coração dolorido. Cantal-o-emos, todavia, com plena confiança, pensando que encerra para nós um manancial de forças, thesouros de esperança, preciosas graças de salvação!

## EXEMPLO

### *CHRISTOVAM COLOMBO E A SANTISSIMA VIRGEM*

(*Continuação*)

*A segunda expedição reverteu toda em honra da Santissima Virgem. Antes de mais nada, o navio almirante troca o nome e passa a ser a "Graciosa Maria". As primeiras ilhas onde se arvora a cruz, Colombo as denomina* "Maria Galante", "N. S. de Guadalupe", "N. S. do Montserrate", "N. S. da Redonda", "Santa Maria Antiga". *Mais tarde, no interior de Haiti contempla, do cume de uma collina, a planicie mais esplendida que se deparou jamais aos olhos humanos. Elle, logo, a consagra a Maria com o nome de* "Planicie da Conceição". *A maior das ilhas dos* Jardins da Rainha, *no mar de Cuba, receberá o nome* "Santa Maria". *Com a devida autorisação, constroe nos estados do cacique Guarionex uma fortaleza: é a fortaleza da* "Conceição".

*Os filhos de S. Domingos, no convento de Valladolid, invocando em suas preces essa belleza immortal, repetiam cada vez que tocavam uma das rosas da corôa da Virgem:* "Ave Maria". *Da mesma forma Christovam Colombo, este navegador que como rosario acertou de escolher as lindas Antilhas, ao aportar a uma daquella ilhas floridas que se espreguiçam em grinaldas no azul do Oceano, elle sempre a saudava com o nome cincoenta vezes repetido da Mãe de Christo. Parece, diz Léon Bloy, que este apostolo queria preparar a evangelisação dos novos povos pelo mesmo processo divino que serviu, por quatro mil annos, a preparar a redempção do genero humano. Haiti rebella-se! Colombo acóde: com duzentos infantes e vinte cavalleiros, deve enfrentar mais de cem mil indigenas. Emquanto quinze mil habilissimos archeiros obscurecem os ares com suas flechas, o cavalleiro de N. Senhora põe-se a orar. De subito,*

*o vento assopra tão impetuoso, que desvia os dardos e os impelle para o lado dos indios.*

*Tomados de panico indescriptivel, os inimigos fogem. Investem uns contra outros, ao passo que a arremettida dos vinte cavalleiros completa a derrota dos indigenas. Os hespanhoes attribuiram o feliz desenlace da batalha á intervenção da Santissima Virgem. Este memoravel acontecimento é conhecido nos annaes do Novo Mundo sob o nome de* "Milagre das flechas". *Os vencidos certificavam terem visto, nos ares, uma mulher luminosa afastando com o gesto os dardos.*

*Ergueram um altar no logar onde Colombo tinha rezado, e plantaram uma cruz na eminencia que domina a collina. Muito mais tarde, abaixo deste ponto culminante, surgiu a cidade de* "Conceição". *Por esta cruz, após a morte de Colombo, fizeram-se numerosos milagres. Era conhecida na America por* "Vera Cruz", *e della se originaram os nomes de duas cidades*: "Santa Maria do Parto" *e* "Santa Cruz".

*Na sua historia de S. Domingos, o padre Charlevoix narra que indigenas idolatras quizeram queimar esta cruz. Amontoaram, em redor, uma quantidade enorme de galhos seccos. As chammas elevaram-se muito alto e envolveram a cruz; mas, dissipada a fumaça e apagadas as chammas, os indios, attonitos, a viram perfeitamente intacta. Apenas no pé se notava um signal preto como se fosse occasionado pela proximidade de uma vela. Fizeram nova tentativa, mas lobrigaram, segundo elles mesmos contam, uma senhora de porte e olhar cheios de magestade, sentada num dos braços da cruz, e essa senhora lhes baldava todos os esforços. Daquelle momento em diante, nunca acontecia passarem diante da cruz sem que a saudassem com profunda inclinação.*

*E' desta maneira que Nossa Senhora recompensava quem se esforçára por fazer do Novo Mundo um paraiso do qual ella fosse a porta.*

## ORAÇÃO

O' misericordiosa Mãe de Deus, ouvi as nossas preces, levai-as até ao throno da divina Magestade e mandai do alto dos céos o balsamo da nossa reconciliação. Sejam favoravelmente acolhidos os nossos votos. A nossa indignidade nos torna despreziveis; mas offerecemos por vossas mãos sagradas, essas supplicas: fazei que consigamos o que com tanta confiança pedimos; acceitai o que vos offerecemos, concedei-nos o que desejamos e livrai-nos dos males que receamos. — Assim seja.

S. BOAVENTURA

# DECIMO PRIMEIRO DIA

## BELÉM

Ao canto do "Magnificat" seguira-se este longo e religioso silencio que Maria, doravante, não romperá sinão rarissimas vezes. Voltára a Virgem para Nazareth e estava de novo immersa na solidão. Vivia abysmada na contemplação d'Aquelle que se déra a ella e na expectativa do grande acontecimento. Parece que nada devia tirar Maria daquella mansão de paz, recolhimento e socego, fóra da qual o mundo, por assim dizer, não existia para os pensamentos da Mãe de Deus.

Entretanto, a prophecia rezava: "E tu, Belém, não és a menor das villas de Judá, pois de ti ha de sahir aquelle que deve governar Israel." Mas, que razão superior Deus achará para levar esta pobre familia á cidadezinha de Belém? Essa razão tão evidentemente providencial, conhecemol-a.

Cesar Augusto ordena o recenseamento de todos os paizes sujeitos á dominação romana. Julga servir sómente os interesses de sua politica, os calculos de sua vaidade; na realidade vae sem querer cumprindo os designios do Altissimo. E' sempre assim; nas altas espheras do poder, como nas circumstancias mais humildes de nossa vida, subordinam-se os acontecimentos a uma vontade superior que dirige tudo para seus fins.

Hoje, como nos tempos passados, póde-se resumir, com o aphorismo de Bossuet, o encadeamento dos factos: "O homem põe e Deus dispõe."

Belém, a "Cidade das flores", ou, conforme outra etymologia não menos notavel, a "Casa do pão", ergue-se numa das elevações que dominam Jerusalém. As casas

apinham-se em terraços e, a seus pés, a collina vae desapparecendo sob o docel de folhagem sempre verde das figueiras e das oliveiras. Mais abaixo, pastagens historicas, e no horizonte, perspectivas sem fim.

Poucos lugares ha tão ricos de lembranças: alli foi que Jacob veiu fixar sua tenda e Rachel exhalou o derradeiro suspiro; alli que Ruth e Noemia respigavam nos campos de Booz. Alli David nascêra; apascentára seus rebanhos até ao dia em que foi escolhido para rei. E todavia, as lembranças que formavam á cidade real um nimbo de glorias e saudades, empallidecem diante do facto honroso entre os mais honrosos: o nascimento do Salvador.

Segundo as tradições, entraram em Belém os viajantes á bocca da noite, e, naturalmente, seu primeiro cuidado foi procurar pousada. Situação dolorosamente critica, a desta pobre familia! Fecham-se todas as portas e quando Maria e José se apresentam ao albergue commum, desses que ainda se pódem vêr na Palestina, sempre abertos aos viandantes atrazados ou sem asylo, recebem esta resposta: Não ha lugar! Palavra cruel, por demais exacta, infelizmente.

As portas trancadas de Belém são imagem de uma legião de almas ainda mais realmente fechadas para Deus. E aquella repulsa desapiedada, essa tristissima, pungente, desacertada e malfadada resposta terá um éco longo e doloroso nos seculos do porvir: Não ha lugar para Jesus, não ha lugar!

Apresenta-se elle hoje como itinerante, e negam-lhe o pouso: não ha lugar. Mais tarde, quando vier como rei, gritarão para os ouvidos de Pilatos: "Não, este não; não temos outro rei sinão Cesar."

Maria e José não insistiram: presentiam que o Messias não devia nascer nas condições habituaes das outras crianças.

Secreta inspiração os impellia a sahir quanto antes da cidade que os enjeitava, a fugir da vizinhança dos homens. Estes, pela sua presença, teriam tirado ao nascimento do Salvador o caracter de sublime pobreza e total desamparo que entrava nos insondaveis e incontrastaveis arcanos da Providencia.

Aquelle que, no dizer do propheta, assentou o throno no sol, podia certamente conseguir um lugar na estalagem de uma cidadesinha. Muito mais, podia nascer no palacio de Herodes, na côrte de César, em Jerusalém, no Senado de Roma ou no Capitolio, pois são delle todas as riquezas da terra. Mas então, onde estaria a differença com os potentados do mundo cuja soberba e orgulho elle vinha refrear e expiar? Onde o allivio, o conforto e a esperança para essa humanidade pobre e soffredora que elle vinha libertar e consolar? Não absolutamente, Jesus quer desde já enveredar pelo caminho da cruz que elle ha de trilhar até ao Calvario e todos nós em pós delle. Quiz escolher o que ha de mais pobre para enriquecêl-o, o que ha de mais humilde para exaltal-o, o nada para lhe dar a existencia e, desta forma, manifestar tanto sua riqueza e seu poder como sua misericordia e seu amor.

Pois bem, os dois viajantes deixaram a cidade.

"Elle assim o quiz, affirma Bossuet. Deixemos os lugares habitados pelos homens, deixemos as hospedarias onde reina o tumulto, onde domina o interesse. Dai-me, entre os animaes, um abrigo mais singelo, mais innocente. Foi achado afinal este lugar digno do Christo abandonado."

2.º — No flanco da montanha abria-se uma lapa escavada naturalmente na rocha. A lapa ia-se estreitando para o fundo. De noite, servia de refugio aos pastores dos arredores. Alli pararam Maria e José guiados por graça divina. Maria, docil em extremo aos mysteriosos intuitos do Alto, não hesita em acceitar este agasalho.

"Quando ella entra, diz um autor, seu filho estremece e parece dizer: "Aqui está o lugar da minha escolha, aqui repousarei." Maria não procura mais. Em nome de Jesus e de toda a Igreja, em nome dos santos que hão de abraçar a pobreza como esposa estremecida, Maria Santissima vê com os olhares amorosos este miseravel couto e o acha digno de tornar-se o melhor dos paços para o Rei immortal que ella traz em seu seio.

Alli vae nascer o Menino, á meia-noite em ponto, naquella hora eternamente decretada por Deus, a poucos passos da cidade adormecida e no recolhimento da noite oriental tão cheia de mysteriosos encantos.

Aquelle que o paganismo entrevira nas suas lendas remotissimas, que as sibyllas de Roma annunciaram, e que, no pensamento de todos os povos, devia fazer reviver a idade de ouro. Aquelle que os prophetas biblicos saudaram com nomes tão diversos, chamando-o "Esplendor do Pae, o Admiravel, o Conselheiro, o Deus, o Principe do seculo futuro." Aquelle que reina no céo, o proprio Deus apparecia na mortalidade de nossa carne, "e habitava entre nós".

O' noite de Natal! a mais bella que o mundo conheceu. Quatro mil annos a preparam; vinte seculos prostram-se em adoração, lembrando-a! O céo e a terra inclinam-se diante do presepio; pois na graciosa linguagem de nossas Escripturas, alli é que "o Esposo, sahe do thalamo", que a nuvem prophetica "deixa cahir o orvalho" que "a terra dá á luz seu Salvador", que Maria e José celebram a ineffavel alliança da divindade com a humanidade, da justiça com a misericordia.

A principio, Maria não poude fallar. As grandes alegrias como as grandes dôres são mudas; ella contempla, adora, ama.

Toma em seus braços pela primeira vez, Aquelle que é Sabedoria do Pae, Esplendor de sua gloria, Salvação do mundo e a quem ella póde dar o nome de Filho.

Depõe na fronte do recemnascido o extremoso beijo da mãe cheio de doçuras indiziveis; aperta-o junto ao coração; e, no mesmo instante o coração materno transformado adquire uma insondavel capacidade de soffrer e de amar. Si assim não fosse, este coração se despedaçaria. Desde então, Maria pertence de modo especial a Jesus. Ella entra por assim dizer numa esphera divina; sua vida já não é mais della: é a vida de Jesus. Oh! mil vezes abençoadas sejam as mãos que sustentam o Menino Deus! São a primeira custodia que o apresenta ao mundo. Abençoados mil vezes os labios que lhe falam!

E' a primeira voz daquelles que mais tarde lhe dirão as cousas mais intimas da alma.

Abençoados mil vezes esses joelhos da Virgem Mãe: primeiro altar no qual adoramos o Deus feito homem! Sêde bemdita, ó Maria! por nos terdes dado Jesus, felicidade dos anjos e salvação do mundo!

## EXEMPLO

## *CHRISTOVAM COLOMBO E A SANTISSIMA VIRGEM*

(*Continuação*)

*Antes de encetar a ultima expedição, confiou Christovam Colombo a* "N. S. das Grutas" *não só a propria pessôa, mais ainda sua descendencia instituindo-a dona de seus tratados com Castella, titulos, cartas patentes, etc.*

*Naquella mesma travessia os elementos desencadearam-se contra elle no auge do furor.*

*Na terça-feira,* 13 *de Dezembro de* 1502, *quando o almirante agonisava num leito de dôr, um clamor sinistro e doloroso, partido de uma das caravelas, echoou pelas*

*outras. Este grito de desespero repercutiu na alma de Colombo.*

*Num ponto do espaço agitado por um movimento giratorio, o mar inchando-se com todos os vagalhões attrahidos para este centro, erguia-se feito montanha, ao passo que nuvens sombrias baixando em forma de cône invertido alongavam-se para o medonho sorvedouro que palpitante, irrequieto, procurava alcançar as nuvens. As duas monstruosidades do mar e da atmosphera uniram-se repentinamente num abraço horrendo e confundiram-se como si formassem um gigantesco monstro em rotação vertiginosa. Era, diz o historiographo de São Domingos, uma dessas trombas marinhas tão pouco conhecidas então e que tanto navio tragaram. Colombo, ouvindo o grito lancinante, reanimou-se. A sciencia era inutil, impotente todo meio de governar.*

*Que fazer em tão tragica occorrencia?*

*Christovam Colombo manda que em todos os fanaes se accendam velas bentas e se hasteie o estandarte da expedição. Cingindo a espada por cima do cordão de S. Francisco que trazia sempre comsigo, toma nas mãos o livro santo, e, de pé diante da tromba que se avisinha sanhuda e ameaçadora, Colombo, com uma voz que domina a tempestade, lê a exposição que faz o discipulo amado no começo do Evangelho, da dupla geração do Verbo, eterna no seio de seu pae e temporal no seio de Maria.*

*Então, chegando ás palavras do assombroso mysterio da Incarnação,* "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós", *desembainha a espada e levado por uma fé ardente, traça nos ares, em face do tufão, o signal da cruz. Immediatamente, a tromba que corria para as caravelas chupando as ondas irresistivelmente, eis que passa, como que impellida obliquamente, junto do navio almirante e por entre as caravelas meio submersas pelo redemoinho das vagas. Passa e vae sempre bramindo, esphacelada, perder-se ao*

*longe na immensidade bulhenta das planicies atlanticas. Protegido por sua divina Mãe, Colombo conseguiu voltar novamente a Castella. Algum tempo depois, 20 de maio de 1506, festa da Ascenção, ao meio-dia, entregou sua bella alma ao Creador.*

## ORAÇÃO

Gloriosa Mãe de Deus, guia fiel no caminho desta vida, canal da graça, porto seguro contra as borrascas do mar deste mundo, alcançai-nos a graça de perseverarmos no santo serviço de vosso Filho e tambem no vosso serviço, afim de que, amparados pela vossa protecção, possamos cumprir, por mercê deste mesmo filho, as promessas que vos fizemos, e fieis a nossos compromissos, cheguemos felizmente á posse dos bens promettidos áquelles que perseveram. — Assim seja.

S. BOAVENTURA

# DECIMO SEGUNDO DIA

## AS ALEGRIAS DE BELÉM

As dôres formam como que a trama da vida de Nossa Senhora: dão á sua missão o seu verdadeiro caracter. Entretanto, nesse fundo de provações destacam-se verdadeiras alegrias. Deus nunca nos experimenta sem nos conceder alguma compensação; e, pelo menos na ordem sobrenatural, pode-se dizer que não ha tristeza sem qualquer sorriso do céo, não ha dia sem raio de sol, não ha noite sem estrellas. Maria desfructou o maior jubilo no dia da resurreição; porém, sua alma fôra antes inundada de purissimas delicias. Joven ainda, conhecêra os gozos da oração no templo, da contemplação, do arrebatamento em Deus; gozos ineffaveis que muitas outras almas, após Maria hão de desfructar e collocar longe acima das honras terrenas mais cubiçadas. Conhecêra o intenso jubilo da Visitação que deu origem ás felizes estrophes do *Magnificat*. Mas, estas alegrias nada eram comparadas com o regosijo da Natividade: regosijo profundo manifestado por igual regosijo do céo. Estas alegrias tiveram duas causas; eram como que a resultante das alegrias do mundo e das alegrias da mãe; do mundo que saudava seu libertador; da mãe mais amante, estreitando nos braços o filho mais amado.

1.º—"Conheceis, diz Santo Ambrosio, a alegria immensa dos cidadãos quando nasce o herdeiro do imperio; generaes, principes e poderosos, revestem-se dos trajes mais sumptuosos, põem aos hombros tunicas refulgentes de ouro e dirigem-se pressurosos para o paço de seu amo e senhor. Julgam augmentar-lhe a felicidade pelo brilho de seus adornos e imaginam que será tanto mais feliz quanto mais

effusivas fôrem as congratulações que elle receber." E nisso achava o santo doutor a imagem daquillo que se passou no dia do nascimento do Menino Deus, do santo contentamento que deve penetrar todos os annos em nossas almas por volta deste auspicioso anniversario.

Ao nascer do divino Herdeiro de um imperio vastissimo, de repente os céos se illuminam; anjos, brilhantes de luz celeste, percorrem o espaço e despertam o mundo adormecido; e cada um delles vae repetindo aos pastores: "Venho annunciar-vos uma grande alegria, que será tambem para todos os povos: nasceu-vos um menino."

E com effeito, Deus se mostra sob as feições cheias de mansidão de um menino. "Appareceram-nos, dizia São Paulo, a graça e a meiguice de nosso doce Salvador."

Deus manifesta-se aos nossos sentidos; tornou-se um de nós, amigo, irmão. Como tudo está mudado! Deus deixa que nos approximemos delle, o toquemos e abracemos. O mundo inteiro sentirá irreprimivel attractivo para a gruta de Belém.

Oh! si esta gruta de Belém houvesse continuado sendo apenas o que fôra antes de Deus entrar nella; si se tivesse tornado novamente o pobre e rustico abrigo de pastores nomadas, ninguem mais lembraria ter sido ella causa de tamanho alvoroço, de tão grata e universal commoção. Mas quando vemos o mundo inteiro aprender alli o desprezo dos falsos bens da terra; quando vemos esta lapa transformada em santuario venerado, vindo a ser escola de sabedoria e santidade, fóco de luz e civilisação, cujo valor vinte seculos de experiencia não desmentiram; quando temos a prova tão patente do poder e da bondade de Deus, não só adoramos e cremos, mas sentimo-nos ufanos e felizes. Ora, esta satisfacção universal, era a da Santissima Virgem. Seus pensamentos e desejos foram sempre os pensamentos e desejos de Deus.

2.º — A's vezes ouve-se dizer: a religião amesquinha a alma, lança-a na tristeza e na inquietação e communica ao ambiente uma melancolia desanimadora. Este insulto gratuito contra a piedade dá a entender em ultima analyse, que si uma alma se approxima de Deus, afasta-se da felicidade. Absurdo: os que assim falam não conhecem a verdadeira piedade. "Si houve santos tristes, diz S. Francisco de Salles, foram tristes santos."

Oh! que a piedade não seja compativel com os deleites ruidosos do mundo, que os gozos puros da vida interior não se pareçam com as vivas emoções que nos estonteiam e nos deixam recahir em nós mesmos cada vez mais abatidos, que a piedade desenvolva em certas almas timidas e delicadas uma tal ou qual melancolia chamada nostalgia do céo, isto tudo é verdade. Quanto a gerar a tristeza que acabrunha e desalenta, nunca! E' o que se não póde admittir sem negar esta palavra do propheta: "Deus conduziu seu povo na alegria e seus eleitos no jubilo"; "*Adduxit populum in gaudio et electos im loetitia.*"

Quem não leu esta pagina de Santo Agostinho: "Si existisse uma alma sem nenhum desregramento da carne e do sangue para a qual desapparecessem as imagens de tantos objectos encerrados na incommensuravel extensão da terra e do ar, alma que não conservasse mais pensamento algum, quer dos lugares, quer de si mesma, e indo além, se elevasse muito acima de todos os signaes exteriores; e a essa alma sómente o Creador lhe falasse, teriamos então a realisação desta palavra: Entrai na alegria de vosso Senhor!"

Sair de si mesmo, desenvincilhar-se das suas paixões, libertar-se dos desejos immoderados, elevar-se acima das realidades ephemeras e approximar-se cada vez mais da realidade eterna, Deus: eis ahi, segundo *Santo Agostinho, em que consiste a felicidade perfeita.*

Sem duvida só a desfructaremos na outra vida; mas já, neste mundo, conhecem-na as almas contemplativas,

almas que vivem na intimidade de Deus pela oração e tambem nas inapreciaveis doçuras de sua Eucharistia. "Dai-me, dizia o mesmo Santo Agostinho, um coração amante: elle me entenderá; uma alma sequiosa das aguas divinas: ella comprehenderá estas verdades."

## EXEMPLO

### *O BEMAVENTURADO PEDRO LUIZ MARIA CHANEL*

*Padre Marista, primeiro martyr da Oceania*

*Pertencia o Bemaventurado Pedro Chanel á Congregação dos Padres Maristas. Nasceu marista na accepção real e profunda desta palavra; para elle houve uma como predestinação.*

*Ainda no arrebol da existencia, sua mãe o offereceu á Santissima Virgem. Não podia, de facto, dar ao menino nada do que o mundo almeja: nem fortuna, pois era pobre; nem a fama de um nome illustre, porque era humilde camponia da aldeia de Portière. Mas a virtuosa mulher ambicionava para seu filho o que vale mais que o nome e a fortuna; a protecção do Céo. Eis porque consagrou a Maria o berço tão desejado.*

*Quando o joven Pedro Chanel soube da piedosa intenção de sua progenitora, aos nomes que recebêra na pia baptismal, accrescentou o de Maria. Este nome não figura na acta do baptismo; mas, a Igreja o reconheceu, e encontra-se em todas as orações liturgicas que ella consagra ao Bemaventurado.*

*E agora, sabendo isso, não admira ver-se a terna confiança em Maria que Pedro mostra a cada passo nas circumstancias mais extraordinarias da vida. Não admira ver esta amavel criança regressar, todas as tardes, com um feixe de flôres apanhadas nos campos, e depositál-o aos*

*pés de uma imagem de Maria. Era a linguagem do coração, e a forma singela e graciosa de sua oração quotidiana.*

*Quando, mais tarde, reconheceu os horrendos tormentos da duvida, os desalentos precursores do negro desespero, foi ainda aos pés da estatua da SS. Virgem que veiu, como outr'ora S. Francisco de Salles, procurar o socego da alma e a paz do coração.*

*Quando o coração humano se abre a um sentimento nobre, elevado, deixa-se logo dominar por elle. Póde esse sentimento transformar-se em paixão activa, semelhante ás ondas agitadas do rio que se vae elevando a pouco e pouco, e procura derramar-se para fóra do leito. Em dado momento, talvez essa paixão se traduza por uma palavra, por um grito, que seja sua expressão energica e concisa.* Ad majorem Dei gloriam. "*Para maior gloria de Deus*" *foi o brado de guerra do soldado das grandes batalhas religiosas do seculo XV, de Santo Ignacio de Loyola. Quatro seculos antes, S. Bruno, o anachoreta das solidões da Cartucharia, tomára como divisa esta unica palavra: "O Bonitas", "O' Bondade!" Um dia o joven Pedro Chanel feriu-se na mão. Logo num desses movimentos espontaneos, fructos legitimos da inspiração, tomou da penna e, com o proprio sangue, foi traçando esta phrase:* "Amar a Maria e fazel-a amar". *Era o grito do coração; foi a norma de sua vida, a ambição mais constante de seu apostolado.*

*Outr'ora, em dia de banquete solemne ou de grandes festividades religiosas, o chefe da familia enchia de vinho um calice, e, erguendo-o para a divindade, deixava cahir algumas gottas do licor. No seu pensamento, o effeito daquella libação mystica era um rito que santificava o calice; e quando este calice circulava de mãos em mãos, todos os convivas que nelle molhavam os labios, participavam por assim dizer da divindade.*

*O' terra de Futuna, um dia has de ser ensopada com o sangue do martyr. Fica sabendo que é um sangue consa-*

*grado a Maria. Cada gotta que se infiltrar no solo arido de tuas plagas, ahi depositará um germen fecundo. Mais tarde, esse germen desabrochará e fará florescer as virtudes mais queridas da nossa Mãe do céo. Este sangue ha de ser por intermedio do Deus do Calvario, o principio regenerador do teu velho solo pagão; ha de vir a ser o baptismo sangrento das ilhas da Oceania conquistadas a Maria e por Maria.* (*Continúa*).

## ORAÇÃO

Salve, Virgem Maria, chamada bemaventurada por todas as gerações! Supplico-vos humildemente abaleis em mim todo o desejo corrupto, toda a vontade rebelde e todo o principio de morte. Governai minha vida; dirigi, cá na terra, todos meus passos, de tal modo que possa, um dia, contemplar vossa gloria no seculo futuro. — Assim seja.

S. BOAVENTURA

# DECIMO TERCEIRO DIA

## A MÃE

Um nome existe, em todas as linguas que não se profere sem emoção, nem mesmo talvez sem lagrimas; nome que synthetisa o que ha de mais suave, de mais forte, de mais profundo e de mais duravel no amor; nome que faz a alegria dos pequeninos, alenta na adolescencia e na idade madura, e cuja lembrança embalsama a velhice; nome tão suave, que se considera como infelicissimo quem não teve a dita de pronuncial-o; nome tão bello, que se costuma dal-o áquelles que fazem profissão de dedicação; nome tão grande, que, pelo mesmo Deus, foi tomado como termo de comparação para indicar até que ponto podia chegar seu amor para comnosco: — é o nome de mãe.

Mas é ao christianismo que devemos a comprehensão da belleza deste nome e das grandezas da missão que elle lembra. Entendemos todas estas cousas porque as encontramos nesta mãe incomparavel que acabamos de contemplar em Belém.

Maria, Mãe de Deus, é o typo da mãe tal como o christianismo a quer. Para este ideal havemos de volver os olhos afim de aquilatar do papel de nossas mães. Em geral, julgamos por comparação e quasi sempre nossas apreciações têm por ponto de partida o parallelo entre o que uma cousa é e o que ella deveria ser.

Procuremos demonstrar o que foram a dignidade e as obrigações de Maria, assim saberemos qual é a dignidade e quaes hão de ser as obrigações das nossas mães.

1.º — A dignidade de Maria está inteira na maternidade divina. Tudo o mais, até sua gloria nos esplendores dos

céos, lhe é concedido como ornamento, como consequencia. Mas, quem pode revelar-nos as bellezas desta maternidade? quem pode ajudar-nos a comprehender alguma cousa desta mysteriosa geração de Deus?

A fé distingue em Jesus duas naturezas: uma divina e outra humana, indivisivelmente unidas, mas em uma só e mesma pessôa; da mesma forma, é mistér admittir dois nascimentos: um eterno em seu Pae. "Nasce naturalmente do Pae, diz Gerson, como o raio jorra da luz"; o outro, no tempo, nascendo corporalmente de sua mãe. Como Deus, é gerado por seu Pae; como homem pertence a sua mãe.

Mas, onde se realisa a união destas duas naturezas na pessôa adoravel de Jesus Christo, sinão na maternidade de Maria? Dir-se-iam duas fontes distinctas que confundem seu curso, misturam suas aguas, para formarem um só rio. O rio, resultante das duas nascentes, não é mais nem de uma fonte nem de outra: pertence ao mesmo tempo a ambas. Maria é pois chamada á honra de produzir conjuntamente com Deus, este portento sem igual. "Supprimi a acção de Deus, gerador eterno do Verbo, Jesus Christo deixa de ser Deus para ser tão somente homem. Supprimi a participação de Maria na Incarnação do Verbo, então Jesus Christo é Deus, porém já não é mais homem. Tanto de uma maneira como de outra, não é mais Noseo Senhor, não é mais o Homem Deus."

Podemos descobrir alguma semelhança entre nossas maternidades humanas e a maternidade divina. Ha muitas definições do homem; mas, a melhor de todas é a do catecismo: "O homem é um sêr composto de corpo e alma." Corpo e alma são as duas partes distinctas, mas unidas, pelos laços de uma união substancial. Esta, espiritual, vem de Deus; aquella, inferior e grosseira, é emprestada dos elementos. Aqui ainda temos duas fontes mesclando suas aguas para formarem o primor e rei da criação, o homem.

Ora, Deus não quer entrar sozinho na formação desta obra prima: associará o pae e a mãe ao poder divino. Tirai a acção de Deus, creador das almas, tereis apenas o corpo: tirai a acção pessoal dos paes, o proprio corpo faltará. Unindo-se ambas, eis o homem. Para nossos paes e nossas mães, vae nisso uma altissima dignidade, da qual, nunca nos deveriamos esquecer.

Maria foi substituida á autoridade paternal de Deus e podia mandar no Messias. O pae e a mãe têm tambem, direitos especiaes sobre o filho; como Maria, podem dizer com toda a verdade: E' "*nosso*" filho.

Estimamos a maravilhosa autoridade do homem sobre a Creação, seu poder sobre esta materia que será affeiçoada e amoldada á vontade e applicada ás necessidades ou aos prazeres da vida. Admiramos seu imperio sobre os animaes que doma e reduz á servidão. Pois bem! aqui está uma autoridade que tem o incontestavel direito de mandar numa alma, isto é, numa intelligencia, num coração e numa vontade, direito de dominar nisso tudo!

Pode inclinar á direita ou á esquerda, elevar ou rebaixar, ennobrecer ou corromper. O' paes e mães! vêde quão excelsa é a vossa dignidade!

2.º — A dignidade de Maria, Mãe de Deus, impunha obrigações tanto mais rigorosas quanto mais elevada era essa dignidade.

Incarnando-se, o Filho de Deus acceitou da humanidade o que ella tinha de compativel com a santidade divina. Criancinha, appareceu com as precisões e dôres da infancia; e Maria, como verdadeira mãe, teve o encargo da formação exterior desta alma, deste coração; teve que dirigir esta vontade; numa palavra, cabia-lhe orientar com suavidade, para o bem, esta existencia inteira.

Do mesmo modo que o Menino Deus devia ser o modelo dos filhos, sua divina Mãe se tornava o modelo das

mães, applicando a esta obra de educação, as duas grandes faculdades que constituem a alma das mães: a intelligencia e o coração.

Nossas mães têm a intelligencia. Não essa, do sabio que escreve livros, ou enriquece a sciencia com novas descobertas, mas sim a comprehensão exacta, intuitiva, da delicada e espinhosa missão da maternidade; comprehensão exacta, intuitiva, da alma do seu filho. Adivinha-lhe os soffrimentos, entende-lhe as necessidades; conhece-lhe o coração, as primeiras emoções, os pensamentos ainda vagos, os primeiros movimentos das paixões a despertar. Além disso, é bôa. A bondade é a essencia, o fundo da sua natureza. A mãe é bôa porque é mãe. Sua vida é um longo ministerio de padecimentos acceitos sem queixa: noites de insomnia, dias sem descanso, a existencia toda sacrificada com gosto por esta criancinha a qual, embora fraca, debil, é thesouro inapreciavel.

Entretanto não bastam esta intelligencia e esta bondade natural para formar um christão. Si a mãe não divisa uma alma neste corpo mesquinho e franzino, si limita sua acção no desenvolvimento destes membros, na conservação desta saúde exterior, nada entende do pensamento de Deus. O amor natural é poderoso, mas é cego; é forte, mas é enganoso; as tendencias da natureza não são as da graça; muitas vezes, pelo contrario são oppostas como o dia e a noite. Quando a rainha Branca de Castella dizia a seu filho S. Luiz que preferia vêl-o cadaver do que culpado de um só peccado mortal, falava como christã. A mãe que não fosse religiosa não comprehenderia esta preferencia. A mãe christã, porque tem a fé, comprehenderá. Aventou-se um systema de educação que subtrahisse o menino a toda influencia religiosa. Que poderia advir de tal systema? A resposta encontrar-se-á nos sentimentos mais intimos do coração das mães. Por certo nunca tal absurdo teria atravessado a mente de uma senhora catholica e nunca uma

mãe verdadeiramente christã entregará a alma de seus filhos a semelhante educação.

Seria possivel?! Por ventura a mãe que cobriu de beijos a fronte do filho ainda humida com a agua do santo baptismo, que ajoelhou junto do berço onde repousava uma innocencia de alguns dias, a mãe que amimando o fructo de seu amor em seu regaço, lhe ensinou a balbuciar os nomes tão doces de Jesus e Maria; a mãe que tudo fez para realisar no seu filho essa maternidade da alma incomparavelmente mais bella do que a maternidade do sangue! consentirá, porventura, esta mãe, que profanem a alma da criança, apagando nella o facho da fé com tanto desvelo acceso e entretido para substituil-o pela indifferença, pela duvida, talvez mesmo pelo desprezo de tudo quanto esta mãe adora ou ama! Não! isto, nunca! e emquanto as mães fôrem christãs, tambem serão religiosos os filhos.

Era no meio da terrivel guerra de 1870. Uma pobre mãe das bandas dos Pyreneus, afflicta pela falta de noticias de seu querido filho, resolveu partir á procura delle.

Foi-se sósinha, sem guia, sem recursos, apezar da inclemencia de uma estação excepcionalmente rigorosa. Atravessou a França, percorreu as provincias occupadas pelo inimigo, visitou os campos de batalha, repetindo sempre o nome daquelle seu filho que ninguem tinha visto. Penetrou na Allemanha, visitou as ambulancias; sem cessar, foi andando até que, um dia, teve a consolação de achar seu filho, prisioneiro nas longinquas fronteiras da Russia.

A separação é uma dôr commum a muitas mães. A miudo, o proprio interesse dos filhos exige dellas que os deixem ir abrigar-se debaixo de outro tecto. Comtudo, tal separação não é a que mais se deve recear. E mesmo, não ha separação emquanto as almas permanecem unidas na communidade dos pensamentos e dos sentimentos.

Mas si algumas experimentarem a dôr pungentissima de vêr a propria alma dos filhos extraviar-se; si estes entes tão queridos se esquecerem do caminho do templo, a cuja sombra transcorreram seus tenros annos, oh! então, não ha duvida, essas mães, como a pobre mãe dos Pyreneus, hão de partir á procura do filho desgarrado. Hão de visitar, ellas tambem, aquelles campos de luta, cheios de feridos e cadaveres. E ellas terão a coragem de arrancar dos vinculos da servidão degradante, essas almas extremecidas.

## EXEMPLO

## *O BEMAVENTURADO PEDRO LUIZ MARIA CHANEL*

*Padre Marista, primeiro martyr da Oceania.* (*Continuação*)

*A mocidade, diz alguem, é esta quadra da vida em que sonhos parecem inspiração divina. O sonho do Padre Chanel fôra amar a Maria e fazel-a amar. Déra-lhe pois tudo: seu coração, sua alma, todas as aspirações de sua vida; porém, a essa offerta faltava o remate, a consagração solenne.*

*Um bello dia, ouve dizer que uma sociedade acaba de se fundar, sob o nome e protecção de Maria. E', para elle uma revelação; será* marista. *Doravante sua vida achou o rumo, seus desejos de apostolado orientaram-se definitivamente. Esta sociedade recente, recebêra, como quinhão de herança, a missão de evangelisar as numerosas ilhas da Oceania central. Pedro Chanel será missionario, será martyr! Não falem com elle em outros labores! Muitos encargos honrosos lhe confiaria a Santa Sé, mas seu coração está desapegado disso tudo. Vôa como os anjos celeres de que nos fala Isaias, "vôa para aquella nação barbara, dividida por guerras selvagens, vôa para aquelle povo temivel que espera pelo missionario."*

*Parece-me, dizia elle um dia, que aquelles insulares estendem os braços para mim e com gritos lancinantes clamam: "Vinde, vinde em nosso auxilio!"*

*Emfim, seus votos são cumpridos.*

*Poucas scenas haverá tão tocantes como a do joven ministro do Senhor, descendo pela derradeira vez do altar em redor do qual estavam reunidos, debulhados em pranto, os alumnos do collegio de Belley, onde Pedro Chanel era superior. Quantas vezes não foi narrada essa* "despedida dos missionarios." *Aqui o quadro é mais intimo, mais suave, mais emocionante ainda. Maria domina em todos os pensamentos, é senhora dos corações. Sua maternal lembrança paira por sobre estas almas, mitigando-lhes as amarguras da separação. O sacerdote de hoje, apostolo marista de amanhã, toma uma estatua da Virgem e colloca-a em evidencia diante dos moços que não se esquecerão do' seu antigo director. Depois, estreitando-a amorosamente, consagra-lhe, em alta voz, os que elle vai deixar e os que em breve encontrará. E' um coração de pae que se despedaça ou antes que se dilata para, sob o olhar de Maria, abranger no mesmo amor essas almas que a patria lhe déra e aquellas que a Oceania lhe promette.*

*Daqui a alguns dias o Padre Chanel embarcava no Havre. Emquanto a multidão, apinhada nos caes despede-se uma ultima vez do navio, que se afasta, o piedoso marista de pé no convez, entôa* "Ave maris Stella."

*Os exploradores muito discorreram ácerca de Futuna, gemma da Oceania. Seja de origem vulcanica, ou seja o trabalho vinte vezes secular de operarios mysteriosos e invisiveis chamados madreporas, os quaes amontoam insensivelmente grãozinho após grãozinho, immensos bancos de coraes, pouco importa; a ilha é encantadora. Suas montanhas, harmoniosamente arredondadas, revestem-se de florestas virgens e de arvores gigantescas. Nas suas fraldas espraiam-se valles amenissimos, animados pelo canto das aves e pelo delicioso murmurio das fontes que jorram da*

*terra a cada passo. Parece uma natureza recentemente sahida das mãos do Creador, natureza nova que lembra os bosques do Eden e evoca os maravilhosos sitios do paraizo terrestre.*

*Paraizo não! Não profanemos esta palavra!*

*Alli está o homem levando nas frontes os estigmas vergonhosos da culpa original. Debaixo daquellas abobadas verdejantes de Futuna, vagueiam entes horrendos. Vêde esses insulares semi-nús, a cabeça coroada de pennas; selvagens levando nas mãos armas que sua ferocidade nativa torna tão temiveis, essas lanças que assobiando, vão attingir o alvo com a velocidade e a precisão de nossos projectis mais aperfeiçoados; vede a clava mortifera que ha de vir um dia sobre a cabeça do missionario. Mistura-se a fumaça de atrozes festins com os perfumes inebriantes da magnolia; e á bocca da noite, uivos ferozes respondem ao suave gorgeio do* mititokiko, *ave cantora das ilhas da Oceania! Eis os povos que o Padre Chanel tinha de evangelisar! Eis as almas aviltadas que devia guindar ás alturas das regiões do sobrenatural! Mas aqui tambem veremos a intervenção de Maria.* (*Continúa*).

## ORAÇÃO

O' Mãe cheia de doçura e de encantos, vossos altares estão cercados por uma multidão de pedintes que se recommendam a vós, implorando, uns a saude, outros assistencia nas suas necessidades, outros emfim o bom exito em negocios que os interessam. Quanto a nós, imploramos as graças mais preciosas a vossos olhos: a humildade, o desapêgo da terra e a conformidade com a vontade de Deus.

S. A. DE LIGORIO.

# DECIMO QUARTO DIA

## MARIA, MÃE NOSSA

Uma piedosa mãe ensinava a filhinha a benzer-se. Depois de repetir a formula sagrada. "*Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo*", a menina disse: "Mas, não ha mãe?"

Não tinha essa criança a intuição de uma profunda e deliciosa realidade? Quem sabe si não entendia esta pequenina alma, já aberta aos segredos de Deus, que a familia das almas devia ser como nossas familias terrestres; julgava que em uma como na outra, devia apparecer esta trindade da mãe com o pae e seus filhos.

Deus, no primitivo plano da creação, confiára a nossos primeiros paes, o germen de duas vidas, a vida natural e a vida sobrenatural. Era, de algum modo, uma dupla paternidade, dando, ao mesmo tempo, filhos á terra e eleitos ao céo; julgar-se-ia vêr uma haste cujo fructo tivesse destino duplo: a terra para amadurecer e o céo para ahi ser recolhido no dia da colheita suprema.

Mas, eis que o peccado vem destruir a mais bella destas duas prerogativas; o homem guarda a paternidade terrestre, e perde a outra. A mãe póde, sem duvida, gerar a vida do corpo: não transmitte mais a vida sobrenatural; nossas almas estão mortas para Deus ao entrarem no corpo em que devem habitar. "Não chamemos mais a Eva de mãe dos vivos, diz S. Bernardo, ella desmente o proprio nome, pois apenas gera mortos."

Deus faz então como o architecto que vê sua obra derrubada pelo furacão: recomeça-a de accordo com planos mais vastos e mais bellos, como que para lançar um desafio solemne á potencia malfazeja que a transtornára.

Assenta novos alicerces, levanta muros mais altos, e corôa todo o monumento com um pensamento mais generoso, mais sublime; e o novo edificio parece tão magnifico que temos vontade de nos regosijar pelo mal que arruinou seus primeiros designios. *"O felix culpa!"* "Oh! feliz culpa!" ousa a Igreja cantar, logo depois da tragedia do Calvario que veiu endireitar tudo.

Deus, por assim dizer, cria o mundo outra vez. Na origem deste mundo a nascer, como outr'ora nos bosques do Eden, colloca outro Adão e outra Eva. Não terão de transmittir a vida do corpo; continúa sendo isto privilegio glorioso da raça antiga. Mas ambos nos darão a vida sobrenatural. E assim como todos nós somos filhos de Adão e Eva, assim tambem, e com maior razão ainda, tornamo-nos filhos de Deus e filhos de Maria.

"O' Soberana, exclama Santo Anselmo, sois Mãe da justificação e dos justificados; sois Mãe da reconciliação e dos reconciliados; Mãe da eleição, e Mãe dos eleitos! O' feliz confiança! O' refugio seguro! A Mãe de Deus é tambem nossa Mãe!"

1.º — Mas, para legitimar as analogias de que já falámos, esta maternidade sobrenatural precisa, parece, de alguns dos caracteres das maternidades terrestres.

O que contribue mais para a grandeza de nossas mães e lhes dá tantos direitos ao nosso amor, é a longa série das dôres que acompanham sua missão; é este conjunto de perturbações, inquietações e angustias, realisação das maldições primitivas. Isto levou alguem a dizer que não se deveria nunca proferir o nome de mãe sem chorar. Maria não foi isenta desta lei dolorosa da concepção.

Foi no Calvario que se completou cabalmente a obra da restauração do mundo pela introducção, no meio de nós, da vida sobrenatural. A morte do Redemptor coroava a Incarnação; o Calvario era o remate de Belém. Maria apparece na hora dos padecimentos e da morte; e, quando

Jesus Christo, cumprindo a vontade de seu eterno Pae, pedir ás dôres indiziveis de sua Paixão a efficacia de sua paternidade santa, Maria estará presente.

Está em Jerusalém no principio da Paixão; mas, eil-a no caminho do Calvario; e, quando seu amavel Jesus está suspenso na cruz, ahi está ella, de pé, o mais perto possivel para immediatamente associar-se a esta grande redempção das almas.

Dirigindo-se a esta mulher abysmada na sua dôr, o Christo morrendo dir-lhe-á, apontando para aquelle que representa a humanidade inteira: "Mulher, eis o teu filho." Desde então a maternidade de Maria foi completa.

O velho Tobias, nas ultimas, recommendou a seu filho que nunca se esquecesse da mãe, e do que ella padecêra para lhe dar a existencia. E' muito edificante esta preoccupação do venerando ancião esquecido de si proprio para só pensar naquella que ficaria viuva e recommendal-a a seu filho. Mas o que é sobremaneira bello, de uma belleza solenne, é vêl-o evocar, a tantos annos de distancia a lembrança das dôres que acompanharam o nascimento do filho. Com muito mais razão diremos nós christãos: "Não nos esqueçamos das dôres de Nossa Mãe!"

Mas, não cessam as dôres desta maternidade. Renovam-se e perpetúam-se no mundo. Maria continúa entre nós sua obra sempre incompleta do porto espiritual das almas.

O principe deste mundo outr'ora conspirou contra os que pertencem a Jesus. Hoje, como outr'ora, o demonio tem cumplices que lhe obedecem cegamente. A preservação das almas no meio de tantos ataques e perseguições é como que um perpetuo e laborioso parto de Maria sempre associada a Jesus Christo, sempre cooperadora pela sua caridade na multiplicação dos filhos de Deus. E' ella aquella mulher que, no céo, São João viu revestida do sol, calcando aos pés a lua. De um lado, está na gloria; mas, do outro, permanece nas angustias e nas dôres do parto.

2.º — Já que Maria é nossa Mãe, devemos dar-lhe, na familia de nossas almas, o lugar que compete a uma mãe na sua familia: lugar de honra e de confiança. Talvez tenha já este lugar no santuario de nossa alma, na intimidade de nossa prece; isto não basta. Quem ama devéras sua mãe, multiplica de algum modo essa lembrança, multiplicando suas imagens, pondo em toda a parte, á vista, objectos que evoquem sua memoria.

Em nossos lares, encontra-se, abaixo da imagem do crucificado, a imagem de sua Mãe, a imagem de Maria. Ah! alli esteja sempre, ella tambem, como penhor de protecção continua!

Disse uma vez Jesus Christo a Jerusalém: "Ai de ti, Jerusalém, porque não conheceste o dia de minha visita! Quantas vezes quiz reunir teus filhos, como a gallinha reune os pintinhos debaixo das azas, e não quizeste!" O que Nosso Senhor desejava, Maria o fará por nós. Nada mais seductor do que a imagem desta ave abrigando debaixo das azas a ninhada inteira refugiada neste asylo! nada que melhor exprima a solicitude de uma mãe; e quaes serão as duas azas da mãe? seu amor e sua coragem.

Pois bem! Maria, para nós, ha de ser mãe: acolherá debaixo do seu manto protector os filhos que Deus lhe confiou.

O' Mãe querida! quando vierem estes filhos, a implorar auxilio e protecção: "*monstra te esse matrem*", "mostrai-lhes que sois sua Mãe." Quando acudirem os que atormenta a dôr acerba, a magoa intima, dessas magoas cujo segredo a ninguem, nem siquer á propria mãe se revela, abri de par em par o vosso coração para essas delicadas confidencias e tranquillisai essas almas; "*monstra te esse matrem*".

Quando a vossos pés os peccadores depositarem o fardo que os opprime; quando vos disserem seus temores e tentações, acalmai-os, animai-os em seus bons desejos, forti-

ficai-lhes a vontade e levai-os suavemente para Aquelle que perdôa e abençôa; "*monstra te esse matrem*", "mostrai-lhes que sois sua Mãe!" Quem quer que sejamos, quando, como o menino que volta para sua mãe, fôrmos ajoelhar a vossos pés, abri-nos os braços e guardai-nos na grande familia das almas que vos amam e bemdizem; "*monstra te esse matrem*", "mostrai que sois nossa Mãe!"

## EXEMPLO

### *O BEMAVENTURADO PEDRO LUIZ MARIA CHANEL*

*Marista, primeiro martyr da Oceania.* (*Continuação*)

*A 12 de março de 1837, um navio apparelhava junto da ilha, ainda selvagem, de Futuna: era á tarde, a brisa soprava mansa, a embarcação deslisou rapidamente sobre as ondas, em breve seu volume appareceu como ponto branco sobre o azul escuro do mar e sumiu finalmente na cerração vaporosa que fechava o horizonte.*

*Nesse tempo, um joven sacerdote, immovel e silencioso na praia, fitava com os olhares esse batel que, humanamente, levava comsigo todas suas esperanças; a propria esteira ia-se apagando aos poucos, era o ultimo traço da patria que desapparecia. Então, elle teve o sentimento vivissimo da realidade e avaliou todo o horror de sua situação. Desamparado, sósinho nesta terra selvagem, via-se entregue ás incertezas de uma existencia onde tudo era imprevisto, ao acaso de um futuro desconhecido que uma alma, por mais forte que seja, não encara sem pavor.*

*De repente, tira do seu peito uma medalha de Maria; e, depois de fixal-a no tronco de um coqueiro, ajoelha ao pé da arvore. Ao cabo de alguns instantes, levantou-se cheio de força e de esperança, exclamando: "Maria tomou posse da ilha; a ilha será christã."*

*Talvez digam que uma simples medalha presa a uma arvore, era bem pouca cousa. Mas, é porque ignoramos que os acontecimentos mais insignificantes têm o valor do motivo que os inspira e tomam todas as proporções do resultado que pretendem alcançar.*

*E aquella medalhinha da Virgem era bem pouca cousa, sem duvida; mas, o coração do joven sacerdote encerrava o amor preciso para transformar aquelle coqueiro em throno digno de Maria, e na alma do novo apostolo fervia bastante zelo para imprimir áquelle acto tão singelo o caracter de tomada de posse.*

*Em todo o caso, aqui está o Padre Chanel apanhado em flagrante, e este acto, na apparencia tão simples, é typico porque foi inspirado pelo pensamento que dominou sua vida inteira*: "Tudo por Maria."

*Mas, alli tambem, Maria mostrou seu poder. Contam que quando o bom do missionario ia pezaroso e pensativo, sem ter conseguido fazer-se entender pelos selvagens, rezava o terço, instrumento supremo de seu apostolado, sua melhor e mais doce esperança.*

*Era um terço modesto como a vida do missionario e tão miudo que, sem difficuldade caberia na mão fechada de uma criancinha; mas quantas lembranças se prendem a este humilde objecto de piedade do pobre marista! Não nos parece vêr os destinos religiosos das ilhas da Oceania ligados ás continhas tão frageis das Ave Marias?*

*Cahiam essas Ave Marias dos labios do missionario como o grão que jogam as mãos do semeador. Já o tendes visto, o semeador; vae, calmo e confiante, jogando ora á direita, ora á esquerda a semente que ha de germinar.*

*Animo! operario das fartas messes, o sol está abrazador, a jornada longa e exhaustiva, mas o galardão será certo! Talvez regues o sulco com teu suor; que importa, si as espigas amontoadas correspondem ás fadigas do teu duro labutar!*

*Mas, no terreno arido que ha de fecundar, o missionario das ilhas derramará um orvalho sangrento. Morrerá, e após o seu martyrio, aquellas solidões hão de florescer como as de Saron e do Carmelo; e, onde o sacerdote semeou* "Ave Marias", *alli mesmo ver-se-ão desabrochar as castas e bellas virtudes amadas de Maria. Alguns annos mais tarde, quando um navio, o* "Santa Maria" *aportar áquellas plagas, outr'ora inhospitas, seus tripulantes e passageiros, admirados e satisfeitos, encontrarão uma christandade que lhes lembrará os tempos mais felizes da primitiva Igreja.*

## ORAÇÃO

Salve, purissima mansão do Espirito Santo, santuario incorruptivel do Verbo divino! Salve, Virgem e Mãe castissima, que gerastes a Jesus Christo, alegria dos anjos e dos homens, que o envolvestes em pannos, o trouxestes em vossos braços e o cobristes de vossos beijos amorosos. Supplico-vos, ó minha Mãe, acceiteis a minha defesa perante esse mesmo vosso Filho e me alcanceis sua graça e suas luzes para a vida eterna. Assim seja.

S. BOAVENTURA.

# DECIMO QUINTO DIA

## JESUS APRESENTADO AO TEMPLO

Deixamos Belém; e, dando mais um passo na historia d'Aquella que aprendemos a conhecer melhor, para melhor amal-a, chegamos á Apresentação do Menino Deus ao Templo, scena tocante, verdadeiro poema, embalsamado desses effluvios encantadores que só se encontram nos factos evangelicos; poema completo com seu prologo mysterioso, sua acção que aos poucos se vae dramatizando, e seu epilogo que o patenteia na fé e no enthusiasmo de um cantico em que o Menino é chamado "gloria de Israel, luz das nações e salvação do mundo."

Ao mesmo tempo que rigorosamente satisfaz ás leis da unidade, o poema se compõe de duas partes distinctas, ligadas todavia por laços de harmonia divina: ha uma "*Offerta*" e um "*Encontro*".

Os Gregos, enganando-se quanto á importancia desta ultima parte, mudam o nome da festa, chamando-a do "*Encontro*"; nós, melhormente inspirados, dizemos Apresentação.

Todavia, Maria que parece occupar apenas um lugar secundario, domina realmente a scena inteira. Desappareça Maria, os outros personagens não têm mais papel algum, a propria scena desapparece.

1.º — A Apresentação ou offerta do primogenito da familia, constituia um dos ritos mais sympathicos do culto mosaico.

Os Judeus não se tinham esquecido daquella noite terrivel em que o anjo exterminador, passando pelas cidades e aldeias, ferira todos os primogenitos dos Egypcios, poupando os dos Hebreus. Deus, para lembrar este favor,

mandára que lhe consagrassem o primogenito de cada familia. Os Judeus não faltavam a este dever.

Ha no cumprimento desta lei algum cousa particularmente bella. Na hora em que os jovens esposos estavam entregues ás alegrias do primeiro nascimento, quando se compraziam em rodear este berço com os sonhos mais fagueiros, recordavam-se tambem de que este entezinho não lhes pertencia. Era de Deus que delle podia dispôr á vontade. Então, movidos por sentimentos de obediencia e submissão, iam offerecêl-o em Jerusalém.

Maria e José eram muito fieis observadores da lei para não respeitar esta prescripção. Partiram, pois, no quadragesimo primeiro dia, graves e silenciosos em demanda da cidade santa que não tinham visto desde o dia das nupcias. Mais esclarecidos do que os esposos ordinarios acompanhavam não só a letra, mas o espirito da lei. Obedeciam com o coração compenetrado da alta significação de um rito que deixava de ser uma figura para assumir as proporções e os caracteres de uma realidade divina. Era uma offerta sincera que iam praticar; e, si como ás outras familias o menino lhes era restituido, não ignoravam comtudo que a immolação inevitavel era apenas adiada.

Até então dominára o mundo a idéa dos sacrificios necessarios. A consequencia eram oblações, essas immolações que com fórmas tão differentes traduziam por toda a parte o mesmo sentimento.

Mas o mundo precisava de uma victima que possuisse a plenitude e a soberania do sêr; e estivesse, ao mesmo tempo, nas condições de um padecimento divino e possivel. Esta victima, já a conhecemos; acabam de trazêl-a ao Templo, e só a hora do sacrificio é que é differida. Mas todo o sacrificio suppõe duas cousas indispensaveis: o altar e o sacrificador. O altar, monumento mais ou menos imponente, destinado a receber a victima. O sacrificador não póde ser homem qualquer; deve ser revestido de um

caracter sagrado e receber sua missão de uma autoridade superior, dizia S. Paulo.

A ara do novo sacrificio é Maria que desde o principio, recebeu em seu seio como num santuario a victima destinada á immolação; a ara, são esses seus dois braços que amparam o menino e o elevam para o céo no arroubo sublime de uma offerta irrevogavel. O sacerdote, é ainda Maria, precursora do sacerdote christão, a desempenhar o papel de pontifice da lei nova.

Sem duvida, não ha sinão um sacerdote, Jesus Christo, ao mesmo tempo sacerdote e victima; sem duvida, Maria não póde ter sacerdocio formal que lhe imprima na alma a magestade de caracter ineffavel e sacrosanto, mas tem um sacerdocio por extensão, nesse sentido que Nosso Senhor, associando-a em toda sua missão, elevou-a comsigo á categoria de sacerdote e de victima; e, por essa fórma, ella é superior a todos os sacerdotes do Antigo e do Novo Testamento. Santo Ephrem não receava chamar a Maria de "sacerdote" e de "altar" ao mesmo tempo: *Virginem appello sacerdotem et altare.*

2.º — Sabemos que a offerta foi logo seguida de um encontro muito emocionante. Vivia, então, em Jerusalém um varão de idade avançada, uma reminiscencia daquelles antigos tempos... parecia tel-o esquecido aquella que a ninguem esquece: a morte. Incomparavelmente mais feliz do que muitos outros, este ancião devia gozar do favor de contemplar, com os proprios olhos, a *"Salvação promettida a Israel"* e Deus conservára-lhe a vida para dar publico testemunho da divindade do Messias. Déra-lhe a entender que não havia de morrer sem primeiro vêr o Messias; e elle guardava a certeza firme de que esta promessa havia de realisar-se. Consideremol-o cada dia, na hora da prece matutina, indo, silencioso e recolhido para os porticos do Templo. Interroga todos os grupos que se apresentam para a realisação de algum rito; e, com o

olhar, perscruta a profundidade das ruas apinhadas de peregrinos. Um dia, pára subitamente. Um longo fremito agita-lhe os membros, sua alma experimenta emoções nunca sentidas até então: reconheceu a criança nos braços da humilde mãe. Eil-o que se vem adiantando de braços estendidos! e Maria, obedecendo a uma inspiração do alto entrega-lhe o filho.

Vêde-o estreitando em seus braços tremulos esta tenra criancinha de alguns dias! Ergue para o céo sua augusta fronte, seus olhos derramam suaves lagrimas e, com voz inspirada entôa o "*Nunc dimittis*": "Agora, Senhor, podereis deixar o vosso servo morrer em paz, porque viu a Salvação de Israel." Este "*Nunc dimittis*", que no correr dos tempos hão de tantas almas entoar quando, depois de terem orado e esperado sem desfallecimento a hora de Deus, virem finalmente que suas supplicas foram attendidas! Este "*Nunc dimittis*" que ha de ser a perenne homenagem prestada ás promessas de Deus, á verdade das esperanças que brotam em nossas almas! Este "*Nunc dimittis*", cantico eterno, cheio de doce resignação, das almas prestes a exhalar o derradeiro suspiro na paz d'Aquelle que amaram e bemdisseram nas provações cá da terra, esperando possuil-o na gloria!

3.º — Entre os titulos que o ancião confere ao menino, ha um que nos agrada sobremodo: chama-lhe de "*Luz*". Ora, cada anno, no dia anniversario desta Apresentação, a Igreja substituindo-se a Maria no desempenho desta bella missão, tomará em cima do altar, uma vela accesa para nol-a pôr nas mãos, symbolo frisante desta luz divina accesa em nossas almas; e a piedade singela, como que fascinada por esta parte da ceremonia, chamará a festividade: "*Candelaria*".

Mas doravante, o symbolismo da luz ha de occupar lugar saliente nas funcções religiosas. Em toda a parte a Igreja accenderá essas velas e nenhum dos seus ritos

haverá que não se desenrole aos clarões desta luz figurativa. Uma vela benta arderá durante a ceremonia do baptismo; illuminará os passos da joven e da donzella quando, candidos como pombas, immaculados como lirios, se apresentarem ao Deus de sua Primeira Communhão; testemunhará o juramento de fidelidade que farão os esposos aos pés dos altares e tambem, quando soar a hora da ultima separação, alli estará, posta por mãos attentas e carinhosas, a lembrar-nos a nós as irradiações infindas da eternidade e, exhalado nosso ultimo suspiro, a symbolisar aos outros a nossa fé na resurreição. A Igreja, antes de entregal-os á sepultura, multiplica em roda dos nossos restos mortaes, essas velas accesas como para dizer a todos: "acabou-se a vida terrena nesta creatura, não se apagou porém a vida sobrenatural que sobrevive cada vez mais intensa e bella nas proprias trevas da morte."

## EXEMPLO

### *CONVERSÃO DE AFFONSO RATISBONNE*

*Conduzido a Roma, contrariamente a seus planos, numa viagem de recreio que devia preceder seu casamento, ahi encontra-se com Gustavo de Bussières, amigo de infancia, que o introduz na casa de seu irmão, catholico tão zeloso, como elle proprio era pietista cheio de enthusiasmo. Deixemos que o nosso Israelita conte a propria conversão: "Considerava o barão de Bussières como beato, na accepção malevola do termo e não deixava passar nenhuma occasião de ralhar com elle. Era um allivio para mim; mas essas brincadeiras levaram a conversa para o campo religioso. O Snr. de Bussières falou das grandezas do catholicismo; respondi com ironias e accusações que eu tantas vezes lêra ou ouvira; e assim mesmo, eu refreava minha loquacidade impia por respeito para com a Sra. de Bussières e a fé das crianças que se divertiam ao nosso lado.*

*"Emfim, disse-me o barão de Bussières, já que o Snr. "detesta a superstição e professa doutrinas tão liberaes, já "que faz praça de ser espirito independente e esclarecido, "terá coragem de submetter-se a uma prova, aliás muito "benigna? — Qual prova? — Guardar comsigo um objecto "que lhe vou dar: uma medalha da Santissima Virgem. Pa- "rece-lhe ridiculo, não é verdade? Quanto a mim, ligo "grande importancia a esta medalha."*

*Confesso que a proposição me surprehendeu pela sua singularidade pueril. Tive vontade de encolher os hombros e rir-me a valer. Mas, occorreu-me á mente que esta scena daria materia para um delicioso capitulo sobre minhas impressões de viagem, e consenti em tomar a medalha que offereceria mais tarde a minha noiva como documento dessa aventura engraçada. Dito e feito. A custo, pois o cordão era curto de mais, passaram-me ao pescoço a corrente da medalha. Quando a vi brilhar no meu peito, exclamei dando uma gargalhada estrepitosa: "Agora é que sou catholico de verdade e romano!" O demonio estava prophetizando por minha bocca! O barão de Bussières triumphante quiz para si todas as vantagens da victoria.*

*"Agora, disse-me elle, cumpre completar a obra e rezar, de manhã e de noite, o* "Memorare", *oração muito breve mas efficacissima que São Bernardo costumava dirigir a Nossa Senhora. — "Mais essa! disse eu, deixemos de bobagens!" pois, naquelle momento eu sentia a raiva despertar e fervilhar no meu espirito. O nome de São Bernardo lembrava-me com effeito que meu irmão escrevêra a vida daquelle santo, obra que eu nunca quiz ler e esta idéa me suggeria, um após outro, todos meus argumentos contra o proselytismo, contra o jesuitismo e contra aquelles que eu chamava de tartufos e apostatas.*

*"Roguei ao barão não proseguisse na sua campanha, e, ao passo que zombava delle, lastimava interiormente não dispôr de uma oração hebraica, porque então eu a of-*

*fereceria da mesma fórma; mas, nem eu a tinha, nem conhecia nenhuma.*

*"Entretanto, meu interlocutor insistiu e disse-me que, recusando rezar esta curta oração, eu annullava a prova e confirmava desta arte a realidade da obstinação voluntaria que lançam em rosto aos judeus. Fingi não ligar muita importancia á censura e continuei: "Pois bem, rezarei esta oração: si não me fizer bem, tambem não me fará grande mal." E o Snr. de Bussières foi buscal-a convidando-me a copial-a. Consenti, com a condição de entregar a copia ficado eu com o original. Tencionava enriquecer minhas notas com esta nova peça justificativa.*

*"Estavamos ambos satisfeitissimos; nossa palestra bastante original tinha-me divertido.*

*Separámo-nos; e, uma vez em casa, esqueci-me da medalha e do* "Memorare". (*Continúa*).

## ORAÇÃO

O' bemaventurada Maria! Quem vos póde dar condignas acções de graças e os louvores que vos são devidos, por terdes, pela vossa obediencia, tirado da ruina o mundo? Que elogios podereis receber da fraqueza humana que, por vosso unico intermedio, conseguiu restabelecer-se no estado de que decahira? Oh! não rejeiteis nossos agradecimentos por mais humildes que sejam e ainda que infinitamente abaixo de vossos beneficios. Assim seja.

S. BOAVENTURA.

# DECIMO SEXTO DIA

## O GLADIO DE DÔRES

Póde-se definir a vida um calice em que Deus misturou o absintho e o mel. A Sagrada Escriptura nos offerece outra expressão igualmente expressiva, mas talvez mais energica: "A alegria e o pranto são dois extremos que se tocam"; "*Extrema gaudii luctus occupat.*"

Agradeçamos a Deus por ter disposto assim as cousas. As penas sem a alegria das consolações e da esperança seriam um fardo demasiadamente pesado para nossa fraca natureza; cahiriamos esmagados; e, com mais razão poderiamos amaldiçoar o dia que nos viu nascer.

Gozando sempre da felicidade, nosso coração se apegaria á terra, perderia a lembrança de seu verdadeiro destino e, entregue aos prazeres terrenos, não pensaria nos bens celestes. "A maior desgraça dos felizes é que elles podem quasi dispensar a esperança."

Parece, ás vezes, que as porções não são iguaes e que, na mistura que nos toca, o quinhão de dôres é mais elevado que o das alegrias; para alguns a vida parece mesmo um tecido de amarguras sem consolo algum.

1.º — A alegria e a dôr da Santissima Virgem foram ambas prophetizadas. O anjo da Annunciação alludira a dignidades e graças excellentes; o velho Simeão foi o propheta da adversidade. Depois de narrar os sublimes destinos do menino, voltou-se para a mãe: "Quanto a vós, disse, tereis o coração traspassado por um gladio de dôres." Oh! implacavel crueldade! Parece que este homem, devassando o futuro, houvera de, quando menos, correr o véo sobre a tetrica e desconsoladora perspectiva, e poupar a

Maria o tormento deste martyrio que se tornava tanto mais doloroso quanto melhor previsto e annunciado.

Em taes occorrencias, usamos maior prudencia, e delicadeza. Si a desventura ameaçar algum amigo nosso, escondemos a verdade, ou lhe offerecemos conforto dizendo, por exemplo, que uma fortuna abalada, compromettida, sempre se póde recuperar. Tratando-se de um doente, temos ainda maior cautela. Approximamo-nos com o semblante risonho e achamos palavras de consolo e esperança; muitas vezes, com o coração dilacerado, formamos projectos tanto mais dolorosos quanto menos realisaveis.

O proprio Deus tem para comnosco esta lhaneza no trato: esconde o futuro e encobre com o véo das illusões os annos que nos restam. Essas illusões tudo realçam, tudo aformoseiam: nunca lhe manifestaremos bastante gratidão por este beneficio.

Maria não foi tratada assim. Uma visão repentina desenrola-se rapidissima diante de seus olhos: que martyrio antecipado! Bossuet o descreve em linguagem fulgurante. Lembra a prophecia do ancião e diz: "Palavras horrendas para uma mãe! E' verdade, Simeão nada lhe propõe em particular, mas não pensemos que seja para lhe poupar dôres; pelo contrario, é o que as leva ao paroxysmo; porque, não pormenorisando, faz recear tudo, dá-lhe apprehensões de tudo."

São Lucas, que nos transmitte tão exactamente a resposta de Maria ao anjo da Annunciação, não diz o que ella respondeu a Simeão. De sua parte houve acceitação silenciosa e resignada, consentimento perfeito na palavra do venerando ancião. Maria toma o calice que lhe é offerecido, promettendo esvazial-o até á ultima gotta sem jámais indagar, quantas amarguras e dissabores ainda encerra.

A nós tambem se apresenta o calice da vida, cheio de surpresas desoladoras, talvez de soffrimentos imprevistos;

devemos acceital-o com esta inteira conformidade da Santissima Virgem. Acompanhemol-a até á sahida do templo, e ella nos communicará o segredo das santas resignações.

2.º — E' thema mui sabido o dos padecimentos da humanidade. Para a maior parte de seus membros, são innumeros os soffrimentos physicos, soffrimentos moraes, as contrariedades, decepções, inquietações, ingratidões, lutas, fadigas quotidianas.

Quem póde negal-o?

Sim, a humanidade soffre. O sólo que pisamos é ensopado de lagrimas, e não podemos dar um passo sem deparar com alguma ruina, sem descobrir algum mysterio de dôr; e, desses escombros parece que se eleva uma queixa universal, um immenso grito lancinante. Ha pessôas a quem chamamos os felizes deste mundo; seria ironia si não fosse engano, pois a alegria que ostentam é a mascara grotesca de acerbas dôres. Essa alegria não passa de tristeza pungente, tanto mais cruciante porque, no meio dos pezares que lhes amarguram a alma, devem afivelar o disfarce da felicidade. Ah! neste mundo, quantas lagrimas secretas! quantos suspiros abafados!

Maria, tambem, teve de soffrer; mas Deus seguia-lhe os passos e soffria com ella. Desde a prophecia de Simeão, não era mais o santo Menino com suas caricias divinas, que Maria contemplava no fructo bemdito de suas purissimas entranhas. Segundo as revelações de Santa Brigida, Maria tinha sempre o Calvario diante dos olhos. Si depositava um beijo na fronte do Menino, julgava sentir os espinhos que mais tarde deviam corôar essa mesma fronte; ao passar as mãos nos pannos do berço, pensava nas correntes com que haviam de carregar a Jesus nos dias da Paixão; guiando-lhe os passos tremulos, imaginava vêl-o com os pés pregados no madeiro do Calvario. E, desta arte, suas dôres tinham consolo n'Aquelle mesmo que as causava.

Ella fruia as delicias da doce presença, do sorriso tão meigo desse filho querido. A dôr da mãe era a dôr do Menino; ora, quem ama quer soffrer com o ente amado. Compartilhar dos padecimentos de um filho tão amado era um como consolo de que não podia ser privada sinão curtindo um padecimento infinitamente maior.

3.º — A fé christã não cura as dôres nos que padecem, mas colloca debaixo dos olhos a imagem do Divino Crucificado e os infelizes, por sua vez, sentem um manancial de graças a jorrar da imagem abençoada, infundindo coragem para supportarem resignados seus males.

Parece que o Crucifixo, cobrindo com os braços ensanguentados as nossas penas, tira-lhes o que têm de irritante, de desesperador. Mas, quantos homens desconhecem o Crucifixo; e sem elle desapparecem as unicas esperanças.

Seja-nos restituido o Deus padecente que adoramos; só elle póde animar-nos na adversidade, porque só elle póde communicar á dôr o merito que a torna preciosa e digna de recompensa!

Mas, si Deus, não contente com alliviar e amparar a dôr, lhe tivesse outorgado o poder de resgatar nossas faltas e de valer-nos um premio; si tivesse posto em nossos soffrimentos força bastante para saldar nossas dividas e augmentar nossos haveres; si tivesse ordenado que, além de ser uma satisfacção, elles fossem mais, uma riqueza, e que, depois de fecharem o inferno, abrissem o céo, quaes não seriam a nossa admiração e a nossa gratidão! Não encontrariamos palavras para agradecer a bondade que assim houvesse transformado em soccorro poderoso, inapreciavel, o instrumento deficiente de uma justiça offendida.

Pois bem, o que não nos era devido, e que não podiamos siquer esperar, Deus o faz. O amor de Deus! porque será que as almas se mostram tão pouco reconhe-

cidas! Mal apparece a dôr, mal deslisam pelas faces de um pobre desgraçado, as primeiras lagrimas, e já Deus se compadece. Digo mal; o homem ainda não tinha soffrido, sua dôr era ainda o segredo da Sabedoria infinita, e já Deus, no seu pensamento, elevava, santificava esta dôr futura.

Já que Deus é o nosso unico consolo, a nossa unica esperança, peçamos-lhe que permaneça comnosco em nossa vida terrestre; dirijamos-lhe a oração dos discipulos de Emmaús. Viram-no caminhar comsigo; mas ouvindo que ia deixal-os, sentiram tanta saudade que ambos fizeram a mesma supplica: "Oh! ficai comnosco, Senhor!" *Mane nobiscum, Domine!* Ficai comnosco, inexperientes, que não conhecemos nada das amarguras e penas da vida; ficai comnosco e sereis a nossa luz, o nosso guia. Ficai comnosco, adolescentes, que entramos na vida, já victimas talvez de seu apparente brilho. Ficai comnosco, homens de idade, que supportamos o peso do dia e o fardo de cuidados cada vez mais pesados. Ficai comnosco que, á beira da campa, padecemos tantas desillusões e tantos esforços improficuos; ficai comnosco e sereis a nossa esperança. Ficai comnosco, quem quer que sejamos, para sêrdes o nosso Mestre cá na terra e a nossa recompensa no céo.

## EXEMPLO

### *CONVERSÃO DE AFFONSO RATISBONNE (Continuação)*

*"Entrando em casa, encontro uma cartinha do Snr. de Bussières que tinha vindo retribuir a minha visita e me convidava para nova entrevista antes que eu partisse, fixada para o dia seguinte. Eu tinha de restituir-lhe o seu* "Memorare": *copiei machinalmente aquellas palavras, sem nenhuma attenção quasi, porque estava muito cansado e necessitava de repousar. No dia seguinte, 16 de Janeiro, fiz os preparativos de viagem; mas, a caminho, ia repetindo sem cessar as palavras da oração de S. Bernardo. E' uma cousa*

*extraordinaria como conseguiram estas palavras apoderar-se tão vivamente e tão intimamente de meu espirito! Não podia esquecel-as, sempre voltavam e sempre eu as murmurava como essas modinhas que cantarolamos máo grado nosso, sem o querermos, sem o advertirmos. Fui á casa do barão de Bussières para devolver a oração. Por uma dessas influencias incomprehensiveis, concordei com elle naquillo mesmo que eu tinha obstinadamente recusado a meus amigos: isto é ficar eu em Roma até ao dia 22. Donde vinha, oh! Deus, este impulso irresistivel que me obrigava por assim dizer a fazer o que eu não queria?*

*"No dia 20, encontrei o Snr. Theodoro de Bussières de carro; parou e convidou-me a tomar lugar nelle para um passeio. Acceitei gostosamente. Dahi a poucos instantes, pediu licença e apeou em frente da igreja de Santo André dos Irmãos, onde devia desempenhar-se de uma pequena missão. Propoz-me que o esperasse mesmo no carro; mas eu queria visitar aquelle sanctuario.*

*"A igreja de Santo André é pequena, pobre, deserta; julguei estar sózinho. Nenhum objecto de arte que me chamasse a attenção: volvia á tôa os olhares ao redor de mim, sem me deter em nenhum pensamento. Mas de repente, o templo inteiro desapparece, não vejo mais nada, isto é, não vi senão uma cousa só! Como seria possivel falar disso! Oh! não, não deve a palavra humana tentar exprimir o que é inexprimivel; toda a descripção por mais sublime que fosse, não passaria de profanação da ineffavel, da indizivel verdade.*

*"Eu estava alli, prostrado, os olhos marejados de lagrimas, fóra de mim mesmo, quando o Snr. de Bussières me chamou á realidade, á vida. Não podia responder a suas perguntas precipitadas; mas, afinal, tomei a medalha que tinha guardada no peito, beijei com effusão a imagem da Virgem radiante de graça... Oh! era ella!*

*"Não sabia onde eu estava; eu não sabia si eu era Affonso ou outro qualquer; experimentava uma mudança*

*tão completa que julgava ser outro; procurava reconhecer-me a mim mesmo: debalde; a alegria mais ardente jorrou-me no fundo da alma; eu não quiz revelar nada; senti dentro em mim não sei que de solemne e sagrado que me impellia a pedir um padre. Levaram-me a elle, e, sómente depois de receber delle ordem positiva, contei o facto, de joelhos com o coração cheio de emoções."*

*Agora, o narrador é o barão de Bussières. "Apresentei o meu amigo ao Rev. Padre Villefort que o convidou a dar explicações. Então Ratisbonne exhibiu sua medalha, beijou-a e exclamou: "Eu a vi! eu a vi!" E a emoção o dominou. Mas, recuperando a calma, poude exprimir-se. Eis suas proprias palavras:*

*"Havia apenas um instante que estava na igreja "quando, subitamente senti uma perturbação extraordina- "ria. Levantei os olhos; todo o edificio tinha, por assim "dizer, concentrado toda a luz; e, no meio daquella "irradiação, dominava, em pé, sobre o altar, a Virgem "Maria, tal como se vê representada na medalha; uma "força incoercivel me impelliu para ella; a Virgem "acenou-me para que eu ajoelhasse e julguei que dizia: "Está bem...* Ella não disse nada, mas entendi assim mesmo."

## ORAÇÃO

O' Maria, não é sómente um gladio, são mil novos gladios que meus peccados cravaram em vosso coração; comtudo, não é a vós, porque sois innocente, mas, sim a mim, que compete soffrer o castigo merecido. Já que tendes a bondade de padecer por mim, alcançai-me, hoje, pelos vossos merecimentos, o arrependimento de minhas culpas e a fortaleza nas tribulações desta vida, tribulações sempre muito leves em comparação das culpas innumeras que me valeram o inferno. Assim seja. S. AFFONSO DE LIGORIO

# DECIMO SETIMO DIA

## OS ANNOS DE EXILIO

"Em qualquer lugar onde Jesus entre, diz Bossuet, entra sempre com a cruz e todas as contradicções que a acompanham." Isto ensina que a innocencia e a virtude vêm necessariamente acompanhadas de penas especiaes, e que a presença de Deus numa alma ou numa casa é uma especie de predestinação para o soffrimento. Mas convém não exagerar o alcance da palavra de Bossuet.

Verdade é que uma alma pertencente a Deus, encontra mais aborrecimento, é alvo de mais investidas, mais ataques, do que uma alma do mundo. São Paulo adverte que os que se esforçam por viver piedosamente com Jesus Christo, devem contar com muitas perseguições. Verdade é igualmente que esta alma se infligirá penas voluntarias ou privar-se-á de um sem numero de satisfações permittidas, as quaes se ajuntarão ás inevitaveis contrariedades de sua vida. Sabemos, por outra parte, que Deus escolhe sempre as almas mais generosas, as que apresentam em maior abundancia essa expiação de que necessita para a salvação do mundo. A familia do Deus feito homem era deste numero.

1.º — Logo depois de cumprir todos os ritos da Apresentação, a santa Familia deixou Jerusalém e voltou para Nazareth. Ia porventura desfructar alli a calma e o repouso? Não, ahi estava Jesus e já começava a realisar-se a prophecia do velho Simeão: "o Menino Deus tornava-se um signal de contradicção."

Este nascimento milagroso causára impressão em Jerusalém. Contavam-se em altas vozes que acabava de

nascer um descendente da antiga familia real e já havia quem falasse numa proxima restauração do reino de Judá. Herodes, apavorado com taes boatos, ordenou o massacre de todas as crianças menores de tres annos, na esperança de envolver nesta ruina aquelle seu innocente competidor. Foi, então, que, por ordem do céo, José fugiu para o Egypto.

A fuga para o Egypto é um desses factos estranhos que desnorteiam a razão humana. Entretanto, naquella circumstancia, não é Herodes quem triumpha de Deus, é Deus que triumpha de si proprio. Si elle fóge, não é o temor que lhe precipita os passos, mas é a mesma sabedoria que o aconselha: elle obedece a esses conselhos e não céde diante de nenhuma necessidade.

E que poder immenso, o que assim triumpha da propria divindade e constrange o Senhor do universo a proceder como si não tivesse mais nem asylo nem segurança!

Estamos estupefactos, ás vezes, ao vermos sua obra, sua Igreja, objecto das perseguições mesquinhas de homens impios, sectarios, que vêm na moral religiosa a condemnação de uma vida desregrada; dizemos, então, baixinho que Deus, para o prestigio de sua gloria e sabedoria, devia acabar com seus inimigos, e tirar do mundo o escandalo. Ainda não entendemos que a Igreja acha exactamente sua verdadeira grandeza nas provações que atravessa. Feliz sem contrariedades, triumphante sem lutas, não passaria de uma obra humana que deve aos proprios recursos, o exito que consegue. Que merecimento haverá em occupar debaixo do sol um lugar que ninguem appetece, nem disputa?

Existe um facto doloroso, inexplicavel para quem apenas interroga a razão ou as leis ordinarias do mundo: é o descredito que, entre nós, se procura lançar sobre tudo quanto, directa ou indirectamente se refere á fé catholica; é o ostracismo que attinge os que permanecem fieis ás

nossas tradições religiosas; e, por outro lado, os favores concedidos aos que, por covardia ou interesse calcam aos pés estas mesmas tradições: aos primeiros, o desprezo e os sarcasmos; aos ultimos a consideração e os louvores; áquelles o pelourinho; a estes, as estatuas!

Sem duvida, quando preciso fôr, os bons saberão firmes e respeitosamente, reivindicar seus direitos menosprezados. São Paulo valeu-se de seu titulo de cidadão romano para appellar para Cesar. Mas, si, como no tempo de Herodes, taes reivindicações forem baldadas, cederão, e assim darão ao mundo o espectaculo sempre instructivo de uma virtude que se resigna, mas que não se deixa dominar ou vencer. Exilados, levarão comsigo o direito de trabalhar e de viver, lembrando-se da palavra do Divino Mestre: "Quando vos perseguirem numa cidade, ide para outra." E reproduzir-se-á novamente a fuga para o Egypto.

2.º — O anjo disse a José: "Toma o menino e sua mãe, e vae para o Egypto." Partiram, pois; emprehenderam, sem queixa alguma, essa viagem longa e perigosa atravez solidões infestadas de salteadores. O Evangelho não nos legou nenhum detalhe sobre este acontecimento da vida de Nosso Senhor; por isso, estamos reduzidos a conjecturas, a estas innumeras perguntas que S. Boaventura fazia a si mesmo e que, ainda hoje, continuam insoluveis; porque, por mais graciosas que sejam as lendas que se desenrolam pelo caminho do exilio, não dão completa satisfação á piedade esclarecida.

Não longe do Cairo, os peregrinos de hoje visitam com amôr a gruta onde, segundo uma crença piedosa, a Sagrada Familia se deteve um dia, e até, as mulheres musulmanas não se esquecem de dar de beber a seus filhos aquella agua maravilhosa que brota na vizinhança.

Todos correm em alvoroço para visitar os rebentos do velho sycomoro que abrigou, dizem, o Menino Deus

contra os raios abrazadores do sol, e escutam, attentos, o Arabe que narra quanto sabe acerca da aldeia de Matarieh, na qual, por muito tempo, morou a humilde familia, lá na proximidade de Heliopolis.

Todavia, sabemos, e gostamos de graval-o na memoria, que foi sublime, a docilidade de Maria naquelles transes penosissimos. Ouvira silenciosa a prophecia de Simeão. Agora, quando começa a cumprir-se, não se admira nem se commove. Diz a Escriptura Sagrada que o Menino ha de entrar no Egypto, levado por uma leve nuvem: imagem delicada que nos pinta a obediencia da Santissima Virgem, partindo com o primeiro signal de Deus para depôr em terra idolatra aquelle que é o "Orvalho fecundo". E, eis que o deserto floresce. Eis que as solidões, como um campo fertil, se cobrem de abundante messe de virtudes. Os idolos cahirão dos pedestaes; e sobre as ruinas dos templos derrubados, levantar-se-ão mosteiros, maravilhas da vida religiosa. Desta maneira torna-se Maria o instrumento do primeiro e mais bello dos apostolados que o mundo tem conhecido.

3.º — Todavia, não nos esqueceremos de outra lição que proporciona o mysterio da fuga para o Egypto. Jesus, vivendo os primeiros annos de sua vida em terra estrangeira, recorda-nos que a nossa primeira condição neste mundo, é o desterro. A terra não é nossa patria; "aqui, não temos morada permanente." Grande verdade! muito esquecida infelizmente!

Compara-nos Santo Agostinho a viajantes hospedados num restaurante. Com effeito, não nos apegamos a uma hospedagem. Nella nada nos interessa realmente, e aquelles com quem por acaso ahi nos encontramos, não entram em nossa intimidade. Pouco nos importamos com a qualidade das iguarias. A frugalidade de nossa mesa, a humildade do nosso lar nos agradam muito mais; porque, então, sentimos que estamos em casa, com gente nossa

nunca substituida pelos forasteiros, pelos indifferentes de uma hospedaria.

O proprio Santo Agostinho passou os ultimos annos de sua existencia em circumstancias bem dolorosas para seu coração de pastor. Os Barbaros invadiram a Africa, multiplicando as ruinas na sua passagem.

Que fazia, então, o velho bispo de Hippona? Abria as portas de sua igreja; e, alli, a suas ovelhas despojadas de tudo, falava do céo, unico pensamento capaz de sustentar a coragem: "Meus carissimos irmãos, dizia elle, não choreis vossas cidades arrazadas, vossos campos devastados, vossas casas incendiadas; existe para nós outra patria e outras moradias. *"O boni Domini"*, oh bens do Senhor! exclamava elle, oh bens do Senhor, cuja plenitude exclue toda a vaidade, cuja doçura exclue toda a difficuldade, e cuja duração exclue toda a fragilidade! Quando teremos a ventura de vos contemplar! Só vejo aqui bens ephemeros, despreziveis: terras, jardins, palacios. Riquezas dos homens, de mundanos, de reprobos talvez: não são capazes de satisfazer os magnos desejos do meu coração. Onde então havemos de procurar a fortuna? Lá no alto, como diz David, na "terra dos vivos" e não na "terra dos mortaes e dos mortos!"

A mór parte dos homens, quer no futuro, quer no passado, ficará no movimento natural da vida e poderá salvar-se vivendo no cumprimento dos deveres essenciaes do christão. Entretanto sempre haverá almas bastante generosas para sacrificar as alegrias da familia e as seducções do porvir para refugiarem-se na solidão do claustro ou pedirem ás obras de caridade ou de ensino o direito de esperar a posse de uma melhor patria. Sempre haverá almas que, sem abandonarem este mundo onde parecem transviadas, passarão no meio de nós, ignorando os gozos perversos, alheias a todas as paixões mesquinhas. Encontramol-as, de fronte inclinada, inteiramente absortas

na lembrança da presença de Deus que as enche de consolação. Nada querem saber dos prazeres que nos deliciam. Nenhuma inclinação têm para espectaculos ruidosos. Seu coração está em outra parte. Padecem de uma doença abençoada e incuravel que se chama: nostalgia do céo.

Os zombeteiros exclamam, ironicos: "Deixai-as entregues a seus sonhos e chimeras!" Pois não! deixai-as entregues ás suas esperanças mais altas do que as vossas, aos seus pensamentos mais puros do que os vossos; deixai-as que perpertuem entre nós o amôr á vida sobrenatural que já não entendemos mais. Deixai-as que guardem cada vez mais viva a chamma dos bellos enthusiasmos quasi apagada no resto do mundo; deixai-as cogitarem neste ideal que repellimos do nosso viver material e egoista, deixai-as, sim, viverem deste amôr que as consome. Um dia livres de suas algemas terrestres, abrirão as azas em demanda da felicidade. Ellas já a descortinam, lá na eterna posse de Deus. E Deus ahi as espera.

## EXEMPLO

## *O COMPOSITOR GLUCK E O TERÇO*

*Um dos maiores artistas do ultimo seculo, um dos mais sabios musicos de quantos têm illustrado a série dos tempos, Gluck, o eximio professor de canto da rainha Maria Antonieta, rezava fielmente o terço. Foi evidentemente esta devoção que o preservou, na sua longa e brilhante carreira do contagio do espirito philosophico irreligioso da sociedade em que foi constantemente obrigado a viver. Como a maior parte dos grandes artistas, Gluck, aprendêra os primeiros elementos de sua arte debaixo das abobadas de uma antiga cathedral. Desde pequenino, já era coroinha. Conta o historiador de sua vida: Esse menino pallido, franzino, seus paes pobres o apresentaram um dia ao reitor da cathedral de Vienna para ser admittido*

*entre os meninos que alli cantavam os louvores do Senhor. Não se sabia que mais admirar nesta criança, si os dotes de intelligencia, si a bondade do coração ou a piedade angelica. Sua voz era bella, de expressão maviosa e pura. Quando tinha de cantar, enchia-se a nave com um povo immenso que escutava nos transportes do mais vivo enthusiasmo. Era impossivel não reconhecer na execução de seus cantos a linguagem de uma alma profundamente religiosa. Por isso, ia crescendo na arte e na piedade; e, durante as funcções religiosas, quando o orgam derramava pelo templo santo suas ondas de melodia, a criança estava muitas vezes tão commovida, que seus olhos se inundavam das mais doces lagrimas.*

*Quantas vezes, em horas de recreio, emquanto seus jovens collegas se entregavam a jogos innocentes, elle ficava, orando em extasis na igreja deserta?! Nas horas calmas da noite, quando os raios languidos do poente espargiam nas lages do santuario as esmeraldas dos vitraes, o menino, prostrado ao pé do tabernaculo, meditava com fervor. Um dia, cantára ainda melhor uma antiphona á SS. Virgem. No momento em que ia passando á porta da igreja para se retirar, um religioso o deteve. O bom do frade tinha os olhos ainda em pranto. Estreitou o menino nos braços, dizendo: "Obrigado, meu rapazito, hoje tu me fizeste chorar as lagrimas mais deliciosas de minha vida; e, infelizmente, tenho pouca cousa para te deixar como prova de meu regosijo; porém, vê, toma este terço e guarda-o sempre como lembrança de frei Anselmo. Reza-o todos os dias, pelo menos em parte; e, si fôres fiel a esta pratica, serás grande entre os homens!" Gluck não se esqueceu do terço. Sua familia era pauperrima. Não podia de maneira alguma arcar com as despesas indispensaveis á continuação dos estudos. Mas elle nunca desanimou; e, quando moço, perseverou com a mesma fidelidade na devoção que lhe indicára frei Anselmo.*

*Uma noite veiu alguem bater á porta de sua humilde morada: era um afamado mestre de capella. Encarregado de ir á Italia colligir as obras de Palestrina, queria levar Gluck comsigo. Depois tomou a si o cuidado de seus estudos artisticos iniciados com tanta felicidade. Desde então, Gluck andou a passos de gigante na carreira das artes, não deixando nunca de prestar a maxima attenção aos conselhos e ás praticas da religião. Na côrte de Vienna, tão pouco religiosa nessa época, em meio das alegrias, dos divertimentos e dos prazeres, via-se, de noite, o eminente musico afastar-se, e, como sacerdote que fosse rezar o breviario, elle tambem ia procurar a solidão para rezar piedosamente o terço. Quando a morte, após uma vida cheia de annos e de gloria, veiu fulminal-o, achou-o prompto. Ainda segurava na mão o preciosissimo terço de frei Anselmo: nunca o abandonára e, poucos instantes antes de exhalar o derradeiro suspiro, acabava de rezal-o.*

*Oh! feliz daquelle que não se esquece de Maria Santissima! Maria não se esquecerá delle. Quem amar a Maria ha de ser por ella sempre amado.*

## ORAÇÃO

Quem me déra, ó Maria, ser todo de Deus como vós o fostes! Quem sabe si Jesus acceitará a offerta do meu pobre coração?! Si vós mesma, ó Maria Santissima, o apresentardes com vossas mãos, Jesus não o poderá regeitar, não, porque recebe com especial agrado tudo quanto lhe offereceis. A vós, pois, ó Maria, consagro-me hoje: apresentai-me a Jesus e supplicai que se digne receber-me entre aquelles que lhe pertencem. Assim seja.

# DECIMO OITAVO DIA

## O THESOURO PERDIDO

Não nos demoraremos em expôr minuciosamente a scena evangelica que nos mostra o Menino Deus extraviado e depois encontrado por sua mãe após tres dias de angustias mortaes. Para esta mãe amorosa, foi uma dôr que não se avalia sinão por comparação, com a dôr de nossas mães em circumstancias iguaes. A historia nos diz alguma cousa da dôr pungente desta rainha-mãe que a Revolução franceza atirou ao calabouço e que os carrascos separaram do filho querido.

Desde o dia fatal em que fôra presa, a infeliz, por assim dizer, não vivia mais. De noite, acordava sobresaltada; extendia os braços para estreitar o filho que ella via sempre nas imagens incoherentes de horrendos pesadelos.

Autores affirmam que esta foi a maior de todas as dôres que a Santissima Virgem teve de soffrer. Em todas as demais occorrencias soffrerá com seu Filho, debaixo de seus olhares divinos e sua dôr achará consolo na presença d'Aquelle mesmo que a permitte. Mas aqui, está sozinha e até póde ter merecido as censuras deste mesmo Filho.

A vida é comparavel com uma estrada na qual cada um de nós tem de palmilhar distancia maior ou menor: a distancia que vae desde o berço até á campa. Para nós, como para a Sagrada Familia o caminho a vencer é desde Belém até Jerusalém, a Cidade santa, o céo. Na partida, recebemos o proprio Deus como hospede de nossa alma, como o companheiro divino de nossa viagem. Muitas vezes, após o baptismo, Nosso Senhor renovou esta tomada de posse. Em muitas almas Jesus teve os gozos da intimidade

deliciosa que lhe dá um lugar privilegiado no fóco da nossa caridade.

Mas, este Deus, hospede de nossas almas, podemos perdel-o. Ah! quantos o deixaram partir! Esqueceram-no ou trataram-no com indifferença, ou repelliram-no como si fôra um extrangeiro, um importuno de quem se queriam livrar.

Deixemos quem pretende viver sem Elle. Além desses ha quem não cuida em procurar a Jesus: que importa a sua lembrança, a sua influencia sobre as almas? Têm seus negocios, suas diversões: basta! Outros têm medo de procurar a Jesus. Acham que é muito incommodo, e de bôa vontade lhe diriam como aquelles Judeus: "Sois um homem austero, pedis muito; não é possivel conciliar vossa moral com as exigencias da vida que estamos levando."

São parecidos com as multidões indifferentes que nem percebiam a Maria e José passando acabrunhados, magoados. Que tinha o povo com as inquietações destes pobres viajantes? Este povo ia ás suas lides; seu egoismo estava satisfeito.

1.º — Conta o Evangelista que Maria procurou Jesus entre os grupos que vinham de Jerusalém; mas, não o encontrou.

Deus não está com o barulho, a agitação, o redemoinho das paixões maiores ou menores.

Na presente época, um grande mal para as almas é a agitação: a vida é uma febre intima.

Entregues a todas as impressões exteriores, são arrebatadas no movimento das cousas como num torvelinho; lembram aquellas folhas de outono que o vento carrega ao acaso e que se vão sumindo na humilhante destruição que as espera. Ainda que Deus ahi estivesse, essas almas não o poderiam encontrar, porque insignificante é o dominio que ellas exercem sobre si mesmas. Para achar a Deus, ouvil-o, comprehender-lhe a voz, que é preciso?

Afastar-se do barulho, estabelecer a solidão, o silencio interior e o silencio exterior. Então, sim, talvez ouvissem Aquelle que está á porta de seu coração e que bate com tanta paciencia.

Não tendo encontrado a Jesus na multidão, procura-o Maria entre os parentes e amigos. Era natural, com effeito, que estivesse com pessôas conhecidas, em relações com a familia. Nova decepção: ahi tão pouco não fôra visto.

Ao longo do nosso caminho, Deus ha de suscitar almas amigas, irmãs da nossa, corações generosos e firmes que serão o nosso arrimo nos dias penosos. Encontraremos talvez, cousa rarissima, uma amizade santa e bôa, uma alma que comnosco trilhará o mesmo caminho, tendo os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos que nós. Com essa alma confidenciaremos mutuamente. Experimentaremos então, uma vez mais, a verdade desta palavra: dôr revelada, dôr alliviada.

Comtudo, por mais preciosa e digna que seja esta affeição, nem sempre merecerá nossa confiança, não lhe reconheceremos sempre o direito de tocar em todas as feridas de nossa alma. Sabemos que ha chagas tão intimas, tão delicadas que a mão humana não as póde tratar sem arruinal-as.

Existem consolações que o coração humano não póde dar, inspirações que a amizade humana não conhece por mais perfeita que seja. Deus não tem obrigação de aproveitar intermediario algum. Deus não estará no meio de nossos parentes ou amigos.

A Santissima Virgem não desanima; sabe que Deus póde prolongar o soffrimento para augmentar o merito da confiança perseverante. E tambem, terá comprehendido que o menino que lhe fôra confiado, não podia obedecer a caprichos á tôa como um menino qualquer. Volta Maria para traz, percorre novamente o caminho andado, e Jesus encontrado no templo lhe é restituido para sempre. —

A igreja é o lugar onde devemos procurar a Deus; e, é tambem, o lugar onde Jesus permitte que o encontremos.

"Minha casa é uma casa de oração", nos dirá o divino Mestre, mais tarde. Ha de ser, portanto, o ponto de encontro das almas. Pela oração, unida ao arrependimento, as almas reatam com Deus as relações interrompidas; pela oração, retomam o seu lugar na caridade, podendo até elevar-se a uma grandeza superior á que alcançáram primitivamente.

E' essa a historia da humanidade inteira!

2.º — Numerosos poetas, em versos esplendorosos, procuraram pintar a felicidade de nossos primeiros paes quando, innocentes, viviam sob o olhar complacente de Deus. Mas, tal quadro, por artistico que seja, ficará sempre aquem da verdade; muito difficilmente conseguiremos formar conceito exacto de uma felicidade que não fruimos, em tempo algum.

São representados revestidos desta dignidade natural como de um manto. Ignorando o mal, caminhavam de mãos dadas, sem fugir das vistas de Deus ou dos anjos; sua fronte resumbrava a candura; e nos seus olhares espelhava-se a bemaventurança do céo. Em redor delles, a creação parecia recolher-se em admiração silenciosa e os sêres que os cercavam, alegres variavam seus preitos de submissão á soberania que lhes era imposta. Ah! não passa tudo isto de esboço pallido daquelles tempos venturosos; e, todavia, parece que era virtude sem merito, felicidade ingloria. Será possivel que o amor seja verdadeiro sem combates, sem dedicações heroicas, sem estes sacrificios sublimes que constituem sua grandeza? Lutamos; soffremos por Deus; conhecemos, talvez, esses remorsos que nos ajudam a quebrar tantos laços terrestres. Por isso, comprehendemos, hoje, que póde haver para o homem outras condições. Essas, embora sejam differentes da condição de nossos primeiros paes na innocencia, não são nem

menos gloriosas para nós, nem menos dignas de Deus. Pois bem, não tardou que este novo estado fosse o estado dos habitantes do paraiso terrestre. Com effeito, a prova foi fatal, perderam a Deus! Tudo mudou para elles. Outra vida ia começar.

Eva já não possue mais aquella belleza calma e innocente que nada devia manchar. Seus olhos, enrubecidos pelo pranto são sempre nublados; e, na sua fronte, como em livro aberto, já se podem ler as angustias que lhe transtornam a alma. Sózinha e merencoria, embala o primeiro filho de sua dôr; e, com espanto, percebe nos vagidos do recem-nascido, os queixumes da humanidade a entrar na vida chorando.

Adão regressa do campo, cançado com os esforços que teve de empregar para revolver a terra agora ingrata e esteril. Verga a cabeça ao peso do remorso, e, nas mãos callejadas pelo duro trabalho, carrega a mesquinha refeição da noite. O encontro, a reunião é pezarosa.

Choram. Não podem ver mais um ao outro sem medir, com amargura que o tempo não diminue, toda a immensidade de sua desgraça. Mas tambem, que mudança nestas duas vidas! Como estes dois entes se humilharam, arrependidos, resignados e confiantes, diante de Deus! Vêde-os, ajoelhados na terra nua, a murmurarem a oração do arrependimento e do amor.

Oh! neste momento Deus se inclina do seu throno e abençôa a humanidade. Doravante, essa humanidade palmilhará a estrada rude, porém gloriosa da innocencia recuperada.

Agora Deus desvenda o porvir aos olhos destes infelizes, mostra-lhes numa visão longinqua e prophetica a grande obra da Redempção, o magnifico desenvolvimento da fé no mundo, e as legiões de almas que, santificadas pela contrição, acham Deus na oração e, com elle, o segredo das virtudes mais admiraveis. E nós tambem, não

desesperemos nunca: sejam quaes forem as regiões estranhas donde volta a nossa alma, sempre póde encontrar a Deus.

E quem sabe si, em redor de nós, no meio daquelles a quem queremos bem, não haverá algumas dessas almas afastadas de Deus?

Rezemos para comprehenderem, ellas tambem, que devem procurar e podem achar a Deus. Talvez que, em certas horas mais tranquillas de sua vida, dirijam a Deus, no amago de seus corações alguma oração cheia de confiança

## EXEMPLO

### *CONVERSÃO DO PADRE HERMANN*

*Nascido em Hamburgo de paes Israelitas em 1821, Hermann Cohen abraçou ainda joven a carreira artistica. Indo a Paris para estudar em 1834, logo se avantajou aos discipulos mais distinctos de Listz. Orgulhoso com seus triumphos, atirou-se no torvelinho do mundo e dos prazeres. Mas, no meio desta existencia faustosa, sonho dourado de tantos artistas, o coração do joven Hermann debalde anceava pela felicidade; uma perturbação e um aborrecimento indefiniveis pesavam sobre sua vida. Prolongou-se semelhante estado até maio de 1847. Naquella época, cada noite côros de amadores reuniam-se para as festividades do mez Mariano na igreja de São Valerio. Pediram a Hermann que fosse ahi tomar conta do orgam. O joven artista, inspirado só pelo amor da arte e pelo desejo de obsequiar, annuiu ao convite. Logo no primeiro dia, seu espirito ficou abalado e seu coração commovido. "Quando chegou a hora da bençam, contou elle mais tarde, embora eu não estivesse disposto a ajoelhar como os fieis, senti interiormente uma perturbação, inexprimivel; minha alma, meio estonteada dantes com as agitações do mundo, tomou por assim dizer posse*

*de si mesma. Vi que alguma cousa até então desconhecida se passava em mim.*

*"Dias depois, eu ia passando diante da mesma igreja de São Valerio e os sinos annunciavam a hora da missa. Entrei no santuario e assisti ao Sacrificio, immovel e prestando muita attenção. Assim successivamente ouvi uma, duas, tres missas, sem pensar em sahir. De noite, tive outra vez de passar pela mesma rua. Os sinos, como de manhã, convidavam á prece os fieis. Não pude resistir. O Santissimo estava exposto. Logo que o avistei, fui arrastado até á grade da meza de communhão onde cahi de joelhos. Desta vez inclinei-me sem constrangimento no momento da bençam. Ao levantar-me, experimentei um bem estar suavissimo em todo o meu sêr."*

*Foi na cidade de Ems, que a verdade apenas entrevista se manifestou a Hermann em todo o esplendor.*

*"Ali, continúa elle, as ceremonias religiosas prenderam-me a attenção. A pouco e pouco, as preces do Santo Sacrificio, os cantos, a presença sentida, embora invisivel, de um poder sobrehumano, começaram a me agitar, a me perturbar, a me fazer tremer; numa palavra fulminou-me a graça divina com força irresistivel. No instante da elevação um diluvio de lagrimas inundou-me os olhos! Oh! momento feliz! inesquecivel! Lembro-me de ter chorado na minha infancia; mas nunca dantes, não, nunca conhecera semelhantes lagrimas.*

*"Todavia, entendi tambem, com esta paz que envolvia minha alma toda em seu balsamo consolador, que o Deus de misericordia me perdoaria. Elle desviaria seu olhar de meus crimes. Elle se compadeceria de minha contrição tão sincera, da minha dôr e do meu arrependimento... Sim, entendi que Jesus me perdoava e acceitava, como expiação, minha resolução inabalavel de converter-me e de amal-o acima de todas as cousas. Ao sahir da igreja de Ems, eu era christão."*

*Hermann, subjugado pela graça, voltou a Paris. Foi baptisado na capella de N. Snra. de Sião, a 28 de agosto de 1847, na festa de Santo Agostinho, cujo nome devia adoptar ao revestir o habito religioso. Preparou-se por estudos serios e longo retiro a receber o santo baptismo. O padre Legrand que tivera a felicidade de lançar as primeiras sementes da verdade na alma do neophyto, rematou a obra santa fazendo correr a agua lustral na fronte desse privilegiado da graça divina.*

## ORAÇÃO

Virgem, bemdita, porque vos affligis assim, procurando o vosso divino Filho? Não sabeis onde está? não está mais no vosso coração? Maria, suspirais por Jesus, vós que não tendes outro amor sinão Jesus. Ah! deixai-me suspirar, deixai suspirar tantos outros peccadores que o não amam ou o têm perdido por sua culpa. Oh! Mãe amavel, alcançai-me a graça de bem procural-o; e, como sois a porta que conduz a Jesus, é unicamente por vós que espero encontral-o. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# DECIMO NONO DIA

## O MILAGRE DE CANA'

Crescêra o menino na dôce companhia de sua mãe no retiro de Nazareth; chegára a esta idade que se poderia chamar a plenitude da vida; era o tempo marcado por Deus para Jesus entrar na carreira tão curta, mas tão maravilhosamente fecunda, de sua vida publica.

Daqui por diante, Maria, não apparecerá sinão raras vezes e rapidamente nas scenas evangelicas; pouco a veremos nos acontecimentos da vida de seu Filho.

Primeiro, ella assiste ás bôdas, na cidade de Caná, na Galiléa. Talvez o facto pareça sem importancia, todavia, o evangelista o conta com todos os pormenores e com tanto gosto que deixa adivinhar algum grande mysterio.

Com effeito, um dos mais bellos attributos da missão sobrenatural da Virgem Maria consiste em desempenhar, no seio da familia christã das almas, o papel da mãe em nossos lares. Logo, não é para estranhar que Nosso Senhor a collocasse já num meio que fosse a imagem prophetica da sociedade das almas, e resolvesse fazer o primeiro milagre não só em pról de dois esposos no dia de nupcias de uma familia, no dia de sua formação, mas ainda a pedido desta mãe sempre attenta e sempre bôa.

1.º — Foi ella a primeira, e provavelmente a unica pessôa nas bôdas de Caná, que deu pela humilhante penuria dos conjuges. Nossa admiração por estas delicadas attenções subirá de ponto si attendermos ás circumstancias em que se exercem, circumstancias tão minimas que a propria amizade seria desculpavel por não as ter manifestado. Chegar-se-á, pois, ao seu Filho; e, com voz sumida e

discreta, segredar-lhe-á no ouvido estas palavras: "Elles não têm mais vinho."

Elevemo-nos acima da realidade; transportemo-nos á região superior das almas. Ali ainda, vemos dolorosas penurias, mais lastimaveis por serem muitas vezes consequencias da leviandade e da imprevidencia.

Uma das falhas mais ou menos inconscientes da nossa natureza é o dissimularmos a nós mesmos as difficuldades e os perigos da vida. Na absoluta impossibilidade de os evitarmos, encobrimos com um véo que tudo esconde e leva a esquecer tudo. O futuro não é mais para nós, campo de lutas, varrido por tempestades inevitaveis. Nós o transformamos em região encantada, cheia de surprezas agradaveis e de mysterios fagueiros. Os deveres mais austeros, as virtudes mais graves, encaram-se com leviandade. Da mesma maneira que os objectos que só percebemos em longinquas perspectivas vão perdendo insensivelmente as formas e acabam mostrando contornos indecisos e vagos, assim, para muitas almas, as obrigações mais serias da vida se vão apagando aos poucos e são substituidas pelos caprichos do sentimento ou fantasias da imaginação.

Mas isto não passa de sonho e este sonho se desfaz com o tempo. De bom ou de máo grado, havemos de encontrar a verdade dura, aspera, deveres que se impõem na sua evidencia importuna, visinhanças incommodas ou antipathicas que precisamos supportar, sorte infeliz, que não tinhamos previsto. E então em que ficamos? Experimentamos o vacuo, o abandono de uma alma devastada. Saudades do passado, de virtudes perdidas. Apprehensões de um porvir que se annuncia cheio de desgostos. Cuidados e sobresaltos de uma velhice desilludida. E a perspectiva da morte sem consolo nem esperanças. Eis a historia de muitas almas, seus transes, sua miseria.

Mas póde intervir a mãe delicada e carinhosa. Como outróra nas bôdas de Caná, volvendo-se para Deus, mostra-

lhe essas almas num estado de penuria humilhante, e fala: "Meu Jesus, elles não têm fé. Perderam a esperança. Apagou-se em seus corações o lume da caridade. Ahi ficam sem coragem nas suas penas, sem remedio nos seus males. Renovai a favor delles o milagre de Caná, Senhor, transformai essas almas."

E bem podemos nós prevêr a resposta: "Que nos importa isso, a vós e a mim?" Que interesse podemos, um e outro, tomar por essas almas? Solicitais a fé para ellas, e não vêdes como se obstinam em destruir o que sobrevive de suas crenças religiosas? ! Implorais a esperança, e estas almas rasteiras se comprazem exclusivamente nos bens terrestres! Quereis que eu ateie nos seus corações o sagrado fogo de meu amor; mas, seus corações deleitam-se nos amores humanos. Essas almas, vazias e empobrecidas, estancaram em si a fonte de todo o sentimento generoso; ellas não me comprehenderiam mais: "Que temos nós de commum com semelhantes almas!"

Quantos prodigos não ha, hoje em dia, culpados como o do Evangelho de terem tudo esbanjado! Andam, como elle, atormentados por esta fome intellectual e moral que nada póde saciar! Longe do tecto paterno, estão, elles tambem, reduzidos a pedir a creaturas, um alimento que farte suas almas. Esta avidez de gozo, de bem-estar, é um dos traços caracteristicos da nossa epoca. Esta sêde de emoções, esta necessidade de actividade e movimento que nos atira para o turbilhão dos negocios; este prurido de novidades, este olhar soffrego, invejoso, lançado a tudo quanto nos cerca; este desasocego geral que vae avultando até tornar-se, para os mais indifferentes, motivo de inquietação quando não de espanto; que é, tudo isto, sinão o effeito do mal que nos corróe? Despojado do que traz verdadeiro conforto nas penas da vida, privado das esperanças que sustentam e animam, o homem atira-se a tudo quanto póde illudir seu aborrecimento, ou adormecer suas

penas, como um esfomeado a devorar avidamente os alimentos todos que o delirio da febre lhe põe ao alcance da mão.

O coração humano é feito de tal maneira, que nada neste mundo o satisfará. Lançareis nelle o ouro, o ouro não chega; lançareis os prazeres, mas os prazeres apenas cavam um novo abysmo em outro abysmo já existente; lançareis no coração esses entes que julgais amar: esperança illusoria. Breve hão de surgir os espinhos do desengano, logo após alegrias que julgaveis eternas; lançareis no vosso coração o cuidado dos negocios, a gloria do vosso alto posto, o orgulho da vossa situação no mundo; tereis talvez, um instante, a ingenuidade de julgar-vos felizes; um instante só, ou menos, vereis que o encanto se esvae e ficareis mais tristes, mais acabrunhados do que nunca.

2.º — Maria não se deixou abater pela recusa de Jesus; conhecendo a efficacia infallivel da oração, disse aos empregados: "Fazei tudo quanto elle vos disser."

Nossas almas estão vazias. Deus não póde e não quer enchêl-as sem a nossa participação: toda a obra de salvação requer o concurso da nossa vontade. Deus não póde salvar-nos sem nós.

Enchei essas almas. — E com que? ó meu Deus! Que é que Deus pede á nossa indigencia? — Bôa vontade!

São Paulo, fulminado no caminho de Damasco, dirigiu-se á voz que ouvira: "Que quereis que eu faça?" disse elle. Palavra admiravel, oração commovente! Tudo estava encerrado nesse grito de uma alma humilde: arrependimento do passado, promessa do futuro, submissão confiante, amor de Deus.

Levanta-se, ainda cego, mas inteiramente transformado: um homem novo. Partira, lobo assanhado; volta, predilecto de Deus; "vaso de eleição." Antes era o terror dos neophytos, será em breve o defensor desta nova doutrina. E quando, mais tarde, apreciar a mudança que nelle

se operou, cantará um hymno de gloria Áquelle que muda os máos corações em corações magnanimos, da mesma forma que um dia mudou a agua em vinho. São Paulo, então, exclama: "E' pela graça que sou o que sou."

Oh! Maria! intercedei por nós, e alcançai, para nossas almas, o milagre de Caná!

## EXEMPLO

### *ARREPENDIMENTO E REPARAÇÃO*

*Os revolucionarios de um aldeia onde se venerava uma antiga e bella estatua da Santissima Virgem, acharam graça em tirar do pedestal esta imagem. Realisaram a façanha entre mil insultos. Um delles, querendo fazer alarde de seu zelo satanico, propoz atiral-a num poço. A idéa horrorisou todas as pessoas honestas. Mas eram poucas e o impio logo poz mãos á obra empenhando-se mais do que seus collegas. Jogaram, pois, a estatua; mas as exclamações de triumpho e as blasphemias breve acabaram. O principal autor desse attentado sacrilego perdeu instantaneamente a vista. Foi preciso leval-o para casa. O tremendo castigo não o converteu. Ficou impio como ficou cego, escarmento perenne de toda a gente sensata.*

*Passaram-se os annos; a paz voltou; o culto foi restabelecido. Entretanto, a estatua ainda jazia no poço e era esse um pensamento doloroso para os bons christãos do lugar. Um dia, o vigario disse: Meus amigos, cumpre façamos reparação á Santissima Virgem e retiremos a imagem bemdicta do poço." Acharam que o vigario tinha razão, Tomaram-se as providencias necessarias, determinaram o dia. A ceremonia correu imponentissima.*

*Na hora aprazada, todos os habitantes estavam reunidos em redor do poço, com excepção do vigario que devia presidir os trabalhos. Chegou afinal, mas acompanhado. Conduzia pela mão um cego muito conhecido e que*

*ninguem esperava. No meio do rumor, o vigario fez signal que desejava falar e immediatamente reinou o silencio.*

*"Meus irmãos, disse o padre, este pobre cego veio de manhã em minha casa. Vinha perseguido pelo remorso. Implorou de mim e de vós um favor. E, em vosso nome prometti. Vede o que é: elle pede licença para puxar comvosco as cordas que daqui a pouco vão retirar do poço a estatua da Virgem. Faz dez annos que participou desse crime. Hoje elle detesta o horrendo sacrilegio pelo qual aliás foi severamente castigado. Agora, elle pede perdão a Deus, á Santissima Virgem e a vós todos, christãos. Posso afiançar que N. Senhor e N. Senhora já perdoaram. Irmãos, chegou a vossa vez de perdoar tambem."*

*— "E' verdade, falou o cégo, debulhado em pranto, estendendo as mãos, peço perdão. Não tenho mais socego, minha consciencia me atormenta."*

*Pois não! Está perdoado! venha! venha! gritou, a uma, este bom povo, nos transportes da sua alegria. O cégo approximou-se do poço e puzeram-lhe nas mãos a corda que elle devia puxar. Já os homens tinham descido até á estatua que, por milagre, estava intacta. Amarraram-na solidamente e o trabalho começou, cantando-se as ladainhas. Tudo correu bem. A estatua subiu sem novidade. Quando a viram apparecer houve um delirio de ovações. Entretanto uma voz dominava todos esses brados de enthusiasmo e os fez calar. Era o cégo de joelhos, e de braços abertos, que repetia: Agora enxergo. Agora vejo!"*

*Examinaram-no. Com effeito, não era illusão. Enxergava, e continuou a gozar da vista. Acompanhou sem guia a procissão que reconduziu triumphalmente a estatua, desde o poço onde fôra arrastada, de corda no pescoço, até ao seu antigo lugar. Trabalhou para reerguel-a e viveu ainda varios annos, testemunha irrecusavel das misericordias de Maria.*

LOUIS VEUILLOT.

## ORAÇÃO

O' Rainha de amor, a mais amavel, a mais amada e a mais amante de todas as creaturas, como vos chamava São Francisco de Salles, ó minha Mãe, vós que implorastes vosso Filho por esses esposos a quem ia faltar vinho, porventura recusarieis de implorar por nós? O que nos falta é o amor de um Deus que temos tantas razões de amar! Dizei sómente: "Elles não têm o amor" e estas vossas palavras hão de conseguir tudo. Não vos pedimos outro favor. O' Maria, em nome do affecto entranhado que tivestes ao Menino Jesus, attendei-nos e rogai por nós. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO DIA

## OS DOIS APOSTOLADOS

Vimos a Santissima Virgem representar papel importante no milagre de Caná. Ella manifesta alli um poder ao qual o proprio Deus não resiste. Ora, daqui por diante, Maria desapparece completamente, a tal ponto que os historiadores sacros parecem tel-a esquecido.

Entretanto, começa a vida publica de seu Filho. Não preoisa mais furtar-se aos olhos indiscretos. Anda, de fronte alta, e cobre com os seus prodigios a terra de Galiléa. Seu verbo empolga e arrasta as multidões, sua bondade grangeia-lhe os corações. Em breve, toda a região falará do Propheta que acaba de chegar.

Onde está sua mãe durante este tempo todo? ella que vivia na mesma terra, ella que tantas saudades tivera ao vel-o partir, ella que traz no coração o thesouro das solicitudes do passado e guarda tão viva lembrança de suas feições?

1.º — Segundo alguns autores ficou completamente afastada dos lugares visitados por seu Filho. Esteve raras vezes na Galiléa. Não presenciou milagre algum; não ouviu sua palavra; nunca gozou do enthusiasmo das multidões. Mostrou-se apenas na hora da Paixão.

Tal sacrificio era conveniente. Com effeito, Jesus não condemna os affectos, mas para exercer o apostolado, era preciso que se renunciasse a esses affectos legitimos.

Outros autores, embora com certas reservas, não pensam assim. Si Maria não vem mencionada em nenhum dos acontecimentos da vida publica de N. Senhor, não quer dizer nada. Ella assim mesmo, afastada, confundida na turba,

seguia-o de longe, compartilhando de suas alegrias e servindo-o directamente nas suas necessidades.

"A Santissima Virgem tinha penetrado muito avante na intimidade de Jesus para alheiar-se de seus trabalhos apostolicos. Confidente das provações de seu Filho, acompanhava-lhes a manifestação com alma de mãe, zelo de apostolo, e fé de santa. Ficava em união estreita com Jesus. Commungava nas suas idéas, recolhia cada uma de suas palavras, cada uma de suas acções e o seguia com os seus votos. Era uma consequencia de sua missão.

Quando os Magos chegaram em Belém, refere o Evangelho, encontraram o menino e sua mãe. "*Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria mater ejus.*" Esta palavra profunda exprime uma lei, além de recordar um facto: lei dos vinculos indissoluveis que Deus estabelecêra entre estas duas almas.

2.º — Depois de apresentar o milagre de Caná, o Evangelho diz que Jesus e sua mãe se retiraram para Capharnaum, á beira do lago de Tiberiades. Este lago tão bello com suas margens que lhe formam uma cintura pittoresca, e suas collinas esmaltadas de aldeias e villas e cobertas de oliveiraes, mas, muito mais notavel ainda pelas tradições evangelicas de que se tornou o escrinio precioso, era querido particularmente de Nosso Senhor pelo retiro que offerecia: algumas remadas levaram o Mestre para o lado opposto, fóra do alcance dos Judeus.

Do outro lado deste lago estava a cidade de Capharnaum, provavelmente residencia habitual da Santissima Virgem. Dalli partiu para ir a Jerusalém acompanhar as multidões que cercavam seu Filho. Mas não estava só. Havia mais, narram os Evangelistas: Maria, mãe de São João, Maria Cleophas, Joanna, esposa de Chusa, intendente da casa de Herodes. Mais tarde, Maria Magdalena e outras.

Ahi estão, reunindo-se, deliberando sobre os meios a adoptar para multiplicar os soccorros da sua caridade

junto de Jesus. Pois este, menos favorecido que as aves do céo, não terá onde reclinar a cabeça. As santas mulheres porém, dar-lhe-ão sobretudo o apoio desta sympathia que o consolará dos esquecimentos e das ingratidões dos Judeus, essas provas de respeitosa admiração, de fé sincera em sua missão divina, e todas essas delicadezas e piedosas industrias do coração que lhe alliviarão as fadigas do laborioso apostolado.

E' possivel suppôr que a Santissima Virgem tenha ficado indifferente a tantas manifestações de sympathia? Certamente estava alli, primeira e mais attenta, inaugurando o ministerio discreto e bemfazejo da mulher christã.

Jesus, nestes tres annos de sua vida publica, lançou os alicerces do apostolado do sacerdocio christão. Todo o ministro dos altares ha de entrar nas lutas arduas da predicação sob todas as fórmas; ha de medir forças com o erro e a má vontade; ha de continuar contra satanaz a guerra iniciada na Galiléa. Não convém ás senhoras este apostolado, porque desperta muito odio. Mas, emquanto Nosso Senhor assentava as bases da ordem apostolica, sua Mãe Santissima e as outras piedosas mulheres organisavam em redor delle um serviço auxiliar indispensavel. Não só se mostravam solicitas para com o Messias, mas ainda se tornavam mensageiras da verdade que Jesus ia espalhando em redor de si. Ellas eram um como éco fiel que ia repetindo ás almas distrahidas os ensinos do mestre. E as almas que a graça ia attingir, precisariam de um refugio que lhes occultasse a vergonha: o refugio dos peccadores. Quem poderia affirmar que Maria não abriu os braços a Magdalena, á Samaritana, não lhes sustentou a coragem e a perseverança, não as alevantou mais de uma vez nos desfallecimentos inherentes á mudança de vida.

3.º — Esta vocação não cahirá no olvido e muitas almas, mais tarde, hão de seguir as pisadas de Maria. Encontramol-as nos primeiros tempos da Igreja. São Paulo,

muita vez, lhes presta homenagens. Essas mulheres de coração magnanimo serão as servas, as cooperadoras preciosas dos operarios apostolicos da primeira hora. Santa Prudenciana offerecerá á nova religião o prestigio de um grande nome e a influencia de sua posição patricia; São Jeronymo edificará mosteiros com a fortuna da illustre descendente dos Fabios.

Onde quer que as necessidades do culto reclamem apostolos, eis que surgem elles, suaves personificações do amôr e da dedicação, trazendo o concurso generoso de todas as suas faculdades.

E' certo, Deus, possuindo tudo o que nos falta, não precisa de nós para sua obra. Entretanto, quando entende de nos associar á realisação dos seus planos, sejamos felizes e altivos e sobretudo doceis á sua vontade. Deixemos que nossas almas levem a Deus o concurso de sua caridade.

## EXEMPLO

### *O PADRE MUSY*

*Morava no seio de uma familia christã, verdadeiramente modelar. Elle mesmo era sacerdote, mas em condições taes que muito difficilmente se houvera encontrado outro igual. Mal entrou no seminario, com 23 annos, que foi affectado de uma alteração progressiva dos tecidos da medulla espinhal. Ficou por um tempo sem voz. Depois privado da vista a tal ponto que não pôde ser ordenado antes dos 31 annos. Ainda assim só com dispensa do breviario, e a licença de celebrar sempre a mesma missa. Tres annos mais tarde, a paralysia, progredindo infelizmente, tirára-lhe até a possibilidade de offerecer o Santo Sacrificio. Não podia aproveitar de seus olhos nem para lêr nem para escrever. Tão pouco das pernas, já completamente inertes e immoveis. Todos os cuidados foram baldados, impotentes todas as aguas thermaes. A medicina o declarou radicalmente incuravel. Resig-*

*nou-se o virtuoso padre. Paralytico desde* 11 *annos, quasi cego desde 20, eis qual era o seu estado lastimoso. E já contava* 45 *annos de idade! Havia tempo, muito tempo que, respondendo a uma sua irmã, o Veneravel Cura de Ars, tinha dito: "Elle ha de curar-se perfeitamente; mas, tenham paciencia, muita paciencia!" Não houve falta de paciencia. As melhoras, porém, é que não appareciam. Já tinham esquecido a promessa do santo de Ars quando, em 1873, o enfermo quiz ir a Paray-le-Monial passar o mez de Junho. Alli, singularissimas circumstancias deviam avivar a lembrança da predicção antiga. Primeiro, o estranho accento de segurança de um ecclesiastico quasi desconhecido, assegurando que o paralytico havia de curar-se. Depois, o sonho de um pobre velho amigo e protegido, paralytico tambem desde 25 annos, e repentinamente curado. Vira, na noite anterior o padre, andando perfeitamente são, tal qual elle mesmo se vira na noite que precedeu sua propria cura. Finalmente, a incansavel insistencia de uma parenta, com quem não tivera relações desde muito. Ella veiu e sempre repetia que não era em Paray, sinão em Lourdes, que devia vêr o fim de suas dôres, o restabelecimento de sua saúde. Portanto alli é que lhe importava ir. A insistencia da senhora foi tal que não havia remedio: o padre de Musy disse que annuiria.*

*O padre de Musy não se perturba. Uma palavra de animação ou de consolo, o sonho de um mendigo, a caridosa obstinação de uma senhora: eram bases por demais frageis para nellas fundar a esperança de uma cura. Entretanto, tinha promettido, era preciso que cumprisse a palavra, e, na tarde de 8 de agosto, após uma viagem penosa de dois dias, chegava em Lourdes em companhia de seu secretario, padre como elle, e logo no dia seguinte fez-se conduzir no seu carrinho para a crypta onde commungou e para a piscina onde o banharam.*

*Gastou assim seis dias rezando com fervor sem nenhuma mudança no seu estado. Na manhã do dia 15,*

*sempre de carrinho, levaram-no á capella da crypta. Seu secretario rezou a missa e trouxe-lhe a Sagrada Communhão. Nada se produziu, ainda que fosse o grande dia da Assumpção. O padre de Musy, mergulhado na oração, ouviu segunda missa de acção de graças sem cogitar mais na cura. Começou terceira missa. O secretario a ajudava. O doente sempre immovel no vehiculo, agradecia a Deus que, recusando-lhe o papel de Martha, a acção, lhe deixava o de Maria, que é a oração e a contemplação segundo se lia justamente no evangelho da festividade.*

*De repente, no momento em que o celebrante pronunciava as palavras* "Sursum Corda", *sem nenhum abalo physico, o padre Musy comprehendeu que estava curado.*

*Apavorado, não se atrevia a mexer-se ainda. Porém, no instante em que o sacerdote elevava a Hostia, ergue-se elle pela primeira vez desde onze annos, sáhe de seu carrinho, e ajoelha. Ninguem deu pelo acontecimento. Só o secretario, ao deixar o altar com o celebrante, o viu. Tremendo de susto, pois o pensamento da cura nem siquer lhe acudiu, correu para ver o que era e quasi desfalleceu quando, sua oração terminada, o padre de Musy se poz de pé sósinho, dizendo: "A Santissima Virgem acaba de me curar." Dirigiu-se calmo e firme para a porta da sahida. Tinha recuperado o uso completo e perfeito dos olhos e das pernas. Estava radicalmente curado.*

*Na tarde do mesmo dia, um desconhecido vinha lançar-se nos seus braços: "Chamo-me Pellegrino. Vivia na incredulidade. Vim aqui trazer minha irmã. Vi S. Revma. antes da cura e depois. E fiz hoje o que não fazia desde quarenta annos.*

*Confessei-me e peço a S. Revma. me dê a Santissima Communhão amanhã." E no dia seguinte, recomeçando sua primeira missa, o padre Musy, deu-lhe a Sagrada Communhão.*

## ORAÇÃO

Compadecei-vos de nós, ó Rainha da misericordia e pensai em nossa salvação. Não digais, ó Virgem Santa, não digais, exclama São Gregorio de Nicomedia, "que o numero de nossos peccados vos impede de nos soccorrer"; não, vossa misericordia e vosso poder são tamanhos que nossos peccados por maiores e mais numerosos que sejam, desapparecem diante delles. Nada resiste ao vosso poder, pois nosso commum Creador, honrando-vos como sua mãe, não separa sua gloria da vossa; e vosso Filho, pondo toda a sua alegria em vós, attende a vossos pedidos como si cumprisse a mais dôce das obrigações. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO PRIMEIRO DIA

## MARIA E A EUCHARISTIA

São Boaventura, nas suas meditações "*sobre a vida de Nosso Senhor*" imagina um dialogo commovente entre Maria Santissima e Maria Magdalena. A scena passa-se em Bethania, na vespera da instituição da Eucharistia. Jesus e seus discipulos estão reunidos em casa de Lazaro. Maria Magdalena, atemorisada com os boatos de ameaças de morte que circulavam entre os Judeus, insiste para que o Salvador coma a Paschoa na sua casa e pede á Santissima Virgem alcance do seu Filho não voltar a Jerusalém para o cumprimento desta prescripção da lei. Inquieta, Maria concorda. Mas, como sempre, Jesus responde que, antes de tudo, veiu para cumprir a vontade de seu Pae, e que precisa partir. Então, Magdalena replicou: "Já que não podemos retêl-o aqui, vamos com elle a Jerusalém."

De accordo com isto, pensa-se que Maria assistiu á instituição da Eucharistia. Por outro lado, era costume que todos os membros de uma mesma familia se reunissem para comer a Paschoa juntos.

Entretanto, os evangelistas nada disso referem. Póde-se crer portanto que a Santissima Virgem não estava presente na circumstancia solemne em que foi fundado o sacerdocio do qual não devia participar. Aliás não soffria prejuizo algum.

1.º — A Eucharistia não é sinão a extensão da Incarnação. A Incarnação foi, pois, uma communhão na divindade. Maria commungou a primeira, recebendo o "Pão vivo" que vinha do céo. Como ella nunca perdeu a graça desta ineffavel união com Deus, mas antes sempre Deus

foi crescendo em sua alma, Maria ficou em communhão constante com Jesus.

Todavia, si ella não tomou parte na primeira communhão dos Apostolos, não podemos dizer que foi indifferente á instituição do Sacramento. Não o permittiria a lei que a associou a todas as obras da Redempção. Vimos, no dia da Apresentação, a Santissima Virgem inaugurando no Templo o ministerio sacerdotal. Alli, substituia o grão-sacerdote cujas funcções iam findar; e, seus braços virginaes que amparavam o menino, eram o novo altar em vez da pedra dos antigos sacrificios. Na instituição da Eucharistia, faz mais; ella mesma fornece a victima, dando o seu corpo, a sua propria carne. E' o que disse Santo Agostinho, em termos delicados que não têm perfeita traducção em nossa lingua: "Tendo o Christo tomado sua carne da carne de Maria, é a carne de Maria que elle nos dá como alimento para a nossa salvação. Assim como Maria mostrava o menino aos pastores e aos magos e se tornava assim a primeira custodia do mundo, da mesma fórma, na Eucharistia, ella nos dá o Christo e torna-se a primeira ambula na terra. Por isso, a Igreja não trepida em pôr nos labios de Maria estas bellas palavras que aqui encontram graciosa e dôce applicação: *Venite comedite panem meum et bibite vinum quod miscui vobis;* "vinde, comei meu pão e bebei o vinho que misturei para vós." "Meu pão!" Tem razão: o pão eucharistico é seu pão e não é de ninguem mais. E este "*vinho misturado!*" está nella, como num calice adrede preparado pela mão de Deus. Neste calice é que se fez a mistura mysteriosa da humanidade e da divindade. Alli elaborou-se lentamente este vinho, o qual, segundo a comparação biblica, "gera as virgens."

2.º — Não é para admirar que as almas amantes da Eucharistia, sejam como que instinctivamente ligadas a Maria, e que se vejam sempre unidas estas duas paixões

dos santos: o desejo da communhão e a devoção a Maria Santissima.

E' porque existem realmente, entre Maria e ellas, estas relações de profunda intimidade da mãe com o filho.

Identificando-se com Jesus na Eucharistia, as almas entram por assim dizer na sua familia. Ligam-se a elle por vinculos comparaveis aos laços sanguineos. Torna-se uma especie de parentesco; e, póde-se dizer que a voz do sangue fala ao mesmo tempo que a da graça, e que ao lado dos sentimentos inspirados pela fé ha o sentimento filial que em Maria nos faz reconhecer e amar uma verdadeira mãe. Muito faz a nosso favor a Eucharistia. Mysticamente, sem duvida, mas realmente, ella nos identifica com Jesus, e desta maneira nos torna filhos da Santissima Virgem.

Depois que Deus teve tirado do corpo de Adão aquella que devia ser a nossa primeira mãe, Adão, vendo-a, exclamou: "Eis o osso dos meus ossos, a carne de minha carne!" Não é isto a imagem do que, no coração de Maria, se passa para com os que commungam, recebendo a carne de Jesus? Maria Santissima os amava já antes, com certeza como ella ama a todos os membros desta ingente familia das almas que lhe são confiadas. Porém quando as vê identificadas com Aquelle que foi seu verdadeiro Filho, quando reconhece as feições e até a propria carne do Menino, como poderia deixar de experimentar as emoções da mãe?! Parece que a ouvimos exclamando: "Eis agora o o osso de meus ossos, a carne de minha carne!"

3.º — Si Maria desempenha papel tão elevado na instituição da Eucharistia, mui justo e mui conveniente será que ella nos ajude na preparação ao grande acto da communhão. Ella mesma preparou-se com o maior empenho para a Incarnação, primeira communhão della. E que preparação cuidadosa! durante tantos annos de silencio e de oração no Templo! Que ardentes desejos inundaram-lhe a alma! Quanta cautela em afastar tudo o que pudesse

offender o olhar do divino hospede! E' um modelo para nós.

Deus acaba de depositar nas mãos virginaes de Maria seu Filho unico. Contemplemol-a preparando com ternura infinita o berço onde deve repousar a divina creança. E' pobre. Só póde ajuntar neste berço alguns pannos grosseiros e frios; mas, o amor materno é fecundo em expedientes.

Muito melhor do que as avezinhas, saberá, com qualquer cousa, ageitar um ninho brando e encontrar, na sua penuria, recursos e thesouros ignorados muitas vezes pela propria opulencia.

Tambem nós, somos pobres; pobres de virtudes reaes, pobres de sentimentos vivos, pobres de amor sincero; nossa alma não póde dar sinão o berço da indigencia, um berço despojado de tudo. Peçamos a Maria que venha ensinar-nos o segredo de fazermos com que seja sufficiente o pouco que em nós está! Venha ella guiar nossa bôa vontade e tirar bom proveito do pouco que possuimos de respeito, confiança e amor. Ella mesma depositará nossa miseria junto do berço do Menino que ella nos destina.

Associemo-nos a ella nas nossas acções de graças; aprendamos della a amar o divino hospede de nossa alma e a guardal-o perto de nós; digne-se ella de acender em nosso coração uma fagulha de seu amor e de entoar comnosco o cantico da gratidão.

Esse cantico é o "*Magnificat*". Convem admiravelmente ás almas que Deus acaba de visitar na Santa Communhão. Tambem ellas, podem glorificar Aquelle que nellas operou maravilhas, Aquelle que longe de desprezar nossa baixeza, a insufficiencia de nossas disposições, quiz elevar-nos até ás ineffaveis grandezas da união eucharistica. Agora, pódem dar-se por muito felizes entre tantas outras que não conhecem, nem jámais conhecerão o dom de Deus.

Finalmente, ellas comprehendem que esta misericordia infinita, perpetuada atravez das gerações, sem nunca se

estancar, é a recompensa quotidiana daquelles que temem o Senhor ao passo que confiam nelle. Tinham fome de consolações e de esperanças: a Eucharistia saciou-as. Não se deixam abalar por outras almas que parecem desfructar a abundancia das riquezas terrestres, e se condemnam ás horrendas privações da indigencia espiritual; quanto a ellas, guardas fieis do thesouro que lhes foi confiado, lembrar-se-ão eternamente das misericordias de Deus, baseadas nas promessas por elle feitas e que hão de ter seu glorioso e cabal cumprimento na posse da eterna bemaventurança.

## EXEMPLO

### *A AVE MARIA*

*"Lembro-me, diz Mons. Dupanloup, ter encontrado, uma vez na minha vida, um exemplo da efficacia da Ave-Maria, do qual não me esquecerei jámais. Eu estava ao pé de um leito de morte, recolhendo e abençoando o derradeiro suspiro de uma moça que eu estimava muito, jovem senhora que eu tivera a felicidade de preparar para a Primeira Communhão. Eu costumava não deixar passar nunca o retiro preparatorio a este acto, sublime entre todos, sem recommendar encarecidamente a meus meninos, ao menos a fidelidade a esta simples e poderosa oração* "Ave Maria". *Esta senhora, com apenas vinte annos, dos quaes um de casamento, fôra fidelissima a meus conselhos; e, de conformidade com outra recommendação minha, sempre rezára quotidianamente algumas dezenas do terço. Mesmo desde quatro annos rezava-o inteiro todos os dias. Filha de um marechal do imperio, e justamente dos mais acatados, adorada de seus paes e de seu marido, rica, jovem, feliz emfim por ter dado á luz um filho! Pois bem, em meio de toda esta felicidade presente e destes sonhos do porvir, aos vinte annos, quasi na aurora da vida era preciso morrer! Atacada*

*por uma dessas doenças inexoraveis que não têm remedio... era preciso morrer! Fui incumbido de lhe communicar a tremenda verdade. Entrei. A mãe estava na desolação, o marido desesperado, o velho pae aniquilado, ainda mais do que a mãe.*

*Entrei, pois, no meio de todas essas dôres, sem geito para me approximar da doente. Fiquei estupefacto quando, ao pé della, achei-a com o sorriso nos labios. Sim, esta jovem senhora, que ia ser levada tão rapidamente, frustrando as mais brilhantes esperanças, desfazendo os sonhos mais legitimos de ventura, partindo os vinculos da affeição mais terna, mais pura, ella sorria commigo. A traiçoeira morte vinha de passos rapidos. A doente o sabia, sentia-o, tinha até no rosto um brilho desusado, indicio certo do proximo passamento. E no emtanto sorria, com aquella dôce tristeza em que transparece a alegria, o contentamento. Não pude deixar de lhe dizer. "O' minha filha, que golpe!" E ella, com aquelle accento inexprimivel: "Não acreditais, disse-me ella, que irei para o céo? — "Minha filha respondi, tenho disso a maior esperança." — "E eu, replicou ella, estou certa." — "Que é, indaguei eu, que lhe dá esta certeza?" — "E' disse-me ella, o conselho que recebi de vós outróra, quando fiz a minha Primeira Communhão, que eu rezasse todos os dias com fervor a* "Ave Maria". *Isto fiz eu, todos os dias, e, até, desde quatro annos, não deixei um só dia de rezar o terço inteiro... E' isso que me dá a certeza de ir para o céo." — "Certeza? de que maneira?" perguntei. — "Não posso crêr, explicou ella com gravidade, e este pensamento sempre me acompanha desde o instante em que me achei fulminada pela doença, não posso crêr que eu tenha dito cincoenta vezes por dia a Nossa Senhora:* "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim, pobre peccadora, agora e na hora da minha morte", *e que ella, neste momento em que vou morrer, não esteja perto de mim. Sim, ella ha de estar aqui, roga por mim e me introduzirá no céo."*

## ORAÇÃO

E' verdade infelizmente, ó Maria, não mereço ser vosso filho; acceitai-me como servo vosso. Permitti comtudo que eu vos dê o nome de Mãe. Este nome é toda a minha força e toda a minha consolação. Quando o pensamento de minhas culpas se une ao da justiça divina para me assustar, ergo-me, cheio de confiança pensando que sois minha Mãe; permitti-me pois pronunciar este nome, o unico que eu vos quero dar para sempre. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO SEGUNDO DIA

## COMPAIXÃO DA SANTISSIMA VIRGEM

Até agora temos estudado principalmente as obras de Maria; daqui por diante, trataremos de comprehender alguma cousa de seus soffrimentos. Entramos com ella nesta via dolorosa onde vae apparecer transfigurada pela dôr, com a fronte aureolada pelos indiziveis martyrios que a elevam acima de todos os que padecem ou já têm padecido. A Santissima Virgem não compareceu na sala onde Jesus com seus discipulos comeu a Paschoa, embora ella estivesse em Jerusalém e talvez na propria casa do Cenaculo. Por outro lado, nada ignorava das circumstancias perigosas do momento. Sabia muito bem que a hora tinha chegado. Não ha, pois, nenhuma temeridade em admittir que Jesus, antes de partir, lhe fizesse suas despedidas e é de crêr que nesta occasião ambos renovassem o acto de sua submissão á vontade divina.

Depois de se ter separado delle, acompanha-o com o olhar tanto quanto o permittiram as trevas da noite. Escutou por algum tempo o ruido mais fraco de seus passos. Finalmente, em redor della, reinou o silencio mais completo, a solidão mais impressionante.

1.º — Horrenda para Jesus, essa noite não foi menos cruel para sua Mãe. O conhecimento, mais ou menos perfeito, que tinha de tudo quanto devia acontecer, constituia dentro de sua alma uma realidade que o afastamento e o mysterio tornavam muito afflictiva. Póde-se dizer que ella assistiu ás diversas phases daquella longa Paixão. Cada soffrimento echoava neste coração de mãe: a agonia no horto das oliveiras, a traição de Judas, a apprehensão de

Jesus; tudo lhe passava diante dos olhos como visão ironica e impiedosa. Seguia seu Filho pelo pensamento atravez das ruas de Jerusalém, e assistia aos primeiros acontecimentos da estranha devassa que em redor de um innocente, desenvolvia uma duplicidade e uma crueldade inauditas.

São João, o apostolo querido, o amigo dedicado dos dias tenebrosos, não parava, indo sem cessar do lugar dos supplicios do Filho para a casa da Mãe, e completando, com suas palavras e lagrimas, o que Maria já por demais entendia e sentia.

Quando no dia seguinte, lhe trouxeram a sentença, a pobre Mãe não poude mais conter-se; quiz ver pela ultima vez o Ente tão querido. Uma força mysteriosa tambem a obrigava a approximar-se da divina victima agora que vinha chegando o momento da immolação. Partiu, pois, amparada por São João, e procurou alcançar o lugubre cortejo.

A Igreja conservou atravez dos seculos a lembrança deste doloroso encontro. "Que exhibições de crueldade, diz Santo Affonso de Ligorio, lhe offendem os olhares: pregos, martellos, cordas que levavam na frente, funestos instrumentos destinados ao supplicio. E que golpe não lhe vibrou no coração o arauto quando publicou a injusta sentença pronunciada contra Jesus! Ergue os olhos e vê um homem coberto de sangue, coroado de espinhos, levando aos hombros uma cruz pesadissima; as feridas, o sangue a correr o desfiguravam a tal ponto que ella a custo o reconhecera." Que se passou então nestas duas almas? Que olhares não trocaram a Mãe e o Filho? Nas feições alteradas do Filho lia-se ardente supplica á sua Mãe; na alma da Mãe, o irresistivel amor que a precipitava para o Filho, a impellia por assim dizer a estreital-o em seus braços, a protegêl-o, aparando os golpes com seu proprio corpo.

A historia nos relata alguns episodios analogos que, por comparação, podem nos dar alguma idéa desta tragedia

da Via Sacra. O chanceller de Inglaterra Thomas Morus, condemnado por não approvar os escandalos de Henrique VIII, marchava, em meio da pompa funebre das execuções capitaes, para o cadafalso, quando foi avistado por sua filha de nome Margarida. A pobre menina soltou apenas este grito: "O' meu pae!" e cahiu desmaiada. Maria não desfalleceu. A perfeição de seu sêr a collocava acima destas fraquezas da natureza: "Ella não morreu, diz Suarez, porque Deus a reservava para soffrimentos ainda maiores."

Mas porque tamanha dôr imposta a uma mãe, quando os sentimentos mais naturaes do coração deviam afastal-a? Porque desprezar Deus, nesta circumstancia, as leis gravadas em nossos corações, si o proprio Deus, ao traçar os ritos da immolação pascal entre os Judeus, tinha prohibido formalmente que matassem o cordeiro á vista da mãe? Porque? Elle disséra que o mundo seria salvo só pelo soffrimento. A missão do Redemptor foi, pois, principalmente para a justiça de Deus essa divida de expiação. E' o que entreviram os prophetas; e, quando quizeram dar-lhe um nome que o distinguisse claramente, chamaram-no o "homem da dôr." O Evangelho não deixará de salientar este facto, dizendo: "Não era necessario que o Christo padecesse e assim entrasse na gloria?

O soffrimento tornar-se-á tambem partilha dos que Jesus quizer associar ás suas obras de salvação; e, podemos prevêr que quanto mais intimamente se unirem a Jesus, tanto maior será seu quinhão da expiação. Todos os apostolos foram martyres. A Igreja que do Calvario levára duas cousas apenas: promessas de immortalidade e a prophetica segurança de que as provações não lhe faltariam nunca, a Igreja ha de reconhecer seus verdadeiros operarios segundo as dôres que elles tiverem padecido. A Santissima Virgem será sujeita a esta lei redemptora e será tanto mais fundamente ferida quanto maior fôr a sua propria dignidade. Inseparavel de Jesus, carregou peso igual de soffri-

mentos. Rainha como elle, tambem ella terá por diadema uma corôa de espinhos que hão de atormentar-lhe a alma.

Suas torturas serão de uma nova especie, sem nenhuma analogia, talvez, com as nossas a ponto de o propheta que melhor exprimiu as dôres nas suas lamentações, não encontrar termo de comparação:

Com que hei de comparar-vos, ó filha de Jerusalém? Com quem hei de igualar-vos para vos consolar, ó filha de Sião? vossa dôr é immensa.

Não porque o mar possa dar idéa das dôres de Maria, mas porque estas dôres sobrepujam todas as que conhecemos tanto quanto o Oceano supera os demais reservatorios de agua. A Igreja a chamará "Rainha dos Martyres." Ricardo de S. L. dirá: "*Martyr martyrum*"; "Martyr dos martyres." De mais a mais, este padecimento devia ser como que o remate da belleza desta alma.

2.º — Muitas cousas ha entre nós que têm o privilegio de nos commover; e, todavia a dôr christã desperta em nós o sentimento mais vivo e nos commove mais. Nella está algo tão excepcionalmente grande, uma belleza de ordem tão differente que, em deparando nós com esta dôr christã experimentamos um abalo, um assombro profundo: duplo sentimento de religioso respeito e de compassiva caridade. Quando vemos esta dôr, que passa grave e silenciosa nas nossas ruas, envolta em longos véos, imagem tão expressiva dos lutos que entristecem a vida, ah! inclinemo-nos, realisa-se nessa alma um dos mysterios mais ineffaveis da humanidade.

A Santissima Virgem tinha a alma já enriquecida de tudo quanto póde ser digno da admiração dos anjos e dos homens; e, todavia, si não tivesse padecido ter-lhe-ia faltado esta belleza austera que tantos outros teriam possuido, e ella não. Comprehender Maria sem o soffrimento que tudo engrandece, sem as dôres que imprimem numa existencia o cunho das grandes missões, sem o martyrio que é de

alguma maneira o cadinho donde sahe transformada a humanidade, — é impossivel. A arte christã nos representa a Santissima Virgem com feições muito variadas mas sempre queridas. A's vezes é representada segurando nos braços o Menino-Deus que sorri e abençôa; outras vezes, de pé abaixando seus olhares complacentes para a terra e deixando escapar de suas mãos extendidas raios symbolicos; mais recentemente ainda foi-nos apresentada nesta mystica attitude da oração popularisada pelas apparições de Lourdes.

Todavia, existe uma attitude mais tocante ainda: é a que nol-a mostra na prostração de sua dôr, sustentando em seus braços o corpo inanimado do Deus do Calvario. Eil-a tal qual a desejaram as almas afflictas; em parte nenhuma acham maiores consolações do que aos pés de "*Nossa Senhora da Piedade.*" E' porque têm a convicção intima que só quem soffreu é capaz de comprehender o soffrimento.

O coração é como as arvores dos paizes orientaes que não destillam balsamo para as feridas dos homens, sinão depois que o punhal feriu os troncos. "Nada sabe, diz a Sagrada Escriptura, aquelle que não soffreu." Nada a respeito da dôr e do "tratamento divino" que lhe convem? Ha de dar com ella sem a entender. Si quizer mitigal-a, não terá palavras de verdadeiro conforto. A uma mãe que acaba de perder o filho, seu thesouro, mandai outra mãe que já tenha chorado sobre um berço vazio, esta achará na lembrança de suas dôres, ou melhor no seu coração chagado, a sangrar ainda pelas feridas incuraveis da morte, aquellas palavras commoventes que calam no coração e acalmam a violencia dos padecimentos.

Sem duvida, Deus muito de antemão tinha preparado em seu coração maravilhosas aptidões. Tinha dilatado essa caridade tornando-a capaz de abrigar todas as nossas miserias. Desde muito aperfeiçoára e tornára mais delicada, mais acrysolada, esta sensibilidade natural da mãe; porém, faltava-lhe o que chamariamos a aprendizagem da dôr e

a experiencia ainda mais decisiva de tudo quanto uma alma é capaz de supportar. A Paixão de Jesus, repercutindo na alma de sua Mãe, ahi abriu abysmos de dôr que lhe permittem dizer áquelles que vêm a ella acabrunhados, com o coração dilacerado: "Comprehendo-vos, soffri tanto e mais ainda do que vós."

## EXEMPLO

### *POBREZINHO*

*"Pobresinho, diziam os vizinhos, pobresinho, como está soffrendo com paciencia!" Era Eugenio, aquelle menino admirado de todos. Contava doze annos. Sua mãe, á custa de muitos sacrificios, o tinha mandado á escola: vestil-o fôra despeza enorme; manter-lhe as roupas no devido estado de decencia e de asseio, alimental-o ás mais das vezes de pão secco, tudo isso era muito difficil, custava muitas privações e muitas lagrimas. Era só isso, direis talvez. Sim, era só isso, era pouco e todavia era demais para aquella pobre mãe. Oxalá, nunca chegueis a conhecer esta indigencia! Oxalá sejais isentos para sempre das torturas moraes impostas pela pobreza em luta contra o vicio. A Snra. M.... era moça, piedosa, e muito activa; mas seu marido era um homem arrebatado, vadio; gastava tudo para beber e embriagar-se.*

*Os irmãos acolheram o menino e, aos poucos transformaram esta natureza inculta e illuminaram esta intelligencia. Chegou afinal o dia da Primeira Communhão! Desde então os progressos do menino foram rapidos. Piedoso, docil, applicado. A paciencia e doçura inalteravel, só isto oppunha elle aos máus tratos que ás vezes recebia do pae bebado. Chegou a ser brutalmente tocado de casa, á noite, sem cear e obrigado a passar a noite ao relento diante da porta. Mas nenhuma murmuração siquer vinha perturbar a resignação do bom menino. Era nessas occasiões que os vizinhos, com-*

*movidos costumavam dizer com sincera compaixão: "Pobresinho."*

*Numa tarde de domingo, a mãe chorava amargamente; e o menino, depois de haver esgotado todos os meios para consolal-a, lançára-se aos pés da Virgem; e, os olhos fitos na imagem, supplicava á Rainha do céo de ter piedade de sua querida mãe. O desgraçado pae acabara com todo o dinheiro; não pudera naquelle dia satisfazer sua paixão pelo vinho; e, de mais a mais, soffrêra da parte de seus companheiros de devassidão, affrontas vergonhosas.*

*De volta á casa queria bater como de costume, na esposa e no filho. Vinha exaltado, não pelo vinho desta vez, mas pela desordem de seus pensamentos e pelas decepções que soffrêra.*

*Porém, hoje o converteria a graça divina alcançada por Maria Santissima. Com effeito, apenas erguera o braço sobre sua mulher e seu filho, um raio de luz penetrou-lhe na alma. Sentiu remorsos á vista de tamanha doçura e de tão angelica paciencia. Atirou-se em cima de sua pobre cama para esconder a confusão e a dôr. Estava mudado! Lagrimas deslisavam-lhe pelas faces, soluços lhe sacudiam o peito e, dahi a pouco, beijava a esposa que tanto fizera soffrer e o filho cuja virtude triumphára.*

## ORAÇÃO

Amo-vos, ó minha terna Mãe, e quem me déra ter um coração capaz de vos amar por todos aquelles que vos abandonam! Amo-vos, ó minha Mãe, mas receio ao mesmo tempo não vos amar bastante, pois ouvi dizer que o amor nos torna semelhantes áquelles a quem amamos, e ha entre mim e vós tamanha differença que ás vezes duvido de meu amor. Mas, já que me amais, ó Maria, peço-vos que me torneis semelhante a vós.

S. AFFONSO DE LIGORIO

# VIGESIMO TERCEIRO DIA

## O CALVARIO

No centro do Oriente, paiz riquissimo em reminiscencias biblicas, ergue-se uma montanha para sempre celebre. O propheta a saudára de longe e dava-lhe o nome de "montanha de Deus"; os christãos a veneram ha mais de dezenove seculos: é o "Calvario". Ponto culminante do mundo, esta montanha o divide em duas grandes vertentes. Na primeira metade dos tempos as almas volviam-se para este lado como o viajante que interrogava o levante de onde estão prestes a jorrar a luz e a vida; na segunda, os povos não pódem afastar os olhares deste cume que irradia toda a verdade. Antes do drama do Calvario uma esperança invencivel orientava a humanidade para este monte; depois do drama, uma lembrança indelevel para alli a dirige sem cessar. Nomear o Calvario é nomear o lugar santo por excellencia, a terra maravilhosa respeitada mesmo por aquelles que não commungam nas nossas crenças e pisada com devoção pelos amigos de nossa fé.

Mas, quem deu a esta montanha tamanha celebridade? Quem lhe deu essa torrente de luz que se derrama pelo mundo inteiro e deslumbra os que ella não allumia?

Todos o sabem. Um dia, uma multidão deshumana arrastou até alli um homem abandonado e indefeso. Os juizes de sua terra o tinham condemnado como criminoso; alguns viam nelle apenas um perturbador e um insensato. Subia dolorosamente aquellas encostas ingremes, com as vestes manchadas e esfarrapadas, levando na cabeça ironico e sangrento diadema de espinhos. Chegado no alto do monte, após indiziveis tormentos, seu corpo todo chagado

foi pregado no madeiro; e, depois de longas horas de uma agonia cruel, expirou, pronunciando o "*Consummatum est.*" "Tudo está consummado".

No mesmo instante, a terra estremeceu de horror e de espanto; entreabriram-se os rochedos da montanha; eclipsou-se o sol; e, ao longe, lá na cidade, rasgou-se de alto a baixo o sagrado véo do templo sob a acção de um vento mysterioso que perpassava sobre o mundo, pois este homem era Deus!

Então completou-se a scena mais assombrosa, o espectaculo mais empolgante que foi dado ao homem contemplar. No cume silencioso desta montanha, num céo repentinamente escurecido como em tremenda tempestade, a cruz destacou-se na sua lugubre e imponente magestade; e, junto desta cruz, uma mulher, de pé, na attitude pungente de uma dôr infinda. Esta mulher era mãe d'Aquelle que acabava de expirar. Quadro devéras sublime entre todos! Quadro que o pincel de genio portentoso de Miguel Angelo não ousava abordar.

Ah! é porque nesta montanha cumpria-se então o que podemos chamar o mysterio da vida, por opposição ao mysterio da morte, que se déra no paraiso terrestre; o Calvario, com seu abandono e seus soffrimentos, era a resposta ao orgulho revoltado, ao sensualismo do Eden.

1.º — No principio de nosso mundo antigo, um homem e uma mulher, Adão e Eva trazem na sua vontade os destinos de todos seus descendentes; no berço do mundo regenerado, o novo Adão e a nova Eva reparam a primitiva culpa.

Adão e Eva peccam: com elles fica amaldiçoada a terra inteira. Jesus e Maria unem-se numa mesma immolação; e salva-se o mundo todo por este sacrificio.

Adão e Eva resumem em si o mundo decahido; Jesus e sua Mãe trazem comsigo o mundo remido. Adão e Eva transmittem-nos a decadencia, a corrupção, communican-

do-nos um sangue viciado na sua fonte; o sangue de Jesus e as lagrimas de sua Mãe merecem-nos a graça e a salvação. Este sangue e estas lagrimas, maravilhosamente confundidos, formam o rio caudaloso que, partindo do Calvario, leva por toda a parte a seiva fecundante de uma vida renovada em Deus.

Doravante, as almas viverão e se justificarão na medida que haurirem nesta fonte a força e a vida. Ah! mil vezes abençoada tambem Aquella que tão generosamente trouxe o concurso de seus soffrimentos!

Até então, nada conseguira elevar o genero humano a estas alturas de justiça e de moral que fazem as sociedades pacificas, os lares respeitados e o homem digno de Deus; ora, estas cousas que a humanidade não póde dispensar sem se degradar, nos foram dadas pela immolação do Calvario; e é principalmente a começar daquella hora que vêmos justificada esta palavra de outróra: "Sou a verdade e a vida."

2.º — Mas, esta cooperação de Maria na grande obra da salvação collocou-a como intermediaria entre Deus e as almas culpadas. A seu lado, notamos o discipulo João e Magdalena; a humanidade toda nas duas alternativas em que sempre ha de encontrar-se. Ora, entre o Deus que vae remir a humanidade com a sua morte e esta mesma humanidade, quarenta seculos de erros e de vicios cavaram um abysmo intransponivel pela propria graça. Quem virá então destruir esta distancia? unir estas margens oppostas, o céo e a terra? e conduzir-nos de uma para outra?

Alli está Maria, collocada entre a cruz e as almas que esperam. A primeira que, no dia de sua immaculada conceição, beneficiou da graça redemptora, está hoje preparada para servir de intermediaria e de canal; ella é realmente a ponte lançada entre duas margens agora proximas uma de outra.

Jesus, vendo que tudo está disposto, que não falta nada a esta scena de reparação, volve seu divino olhar para o discipulo que elle ama e com uma voz que o amor torna ainda mais sentida, diz-lhe: "Filho; eis ahi a tua Mãe." Era a affirmação solemne do caracter já impresso na alma da Santissima Virgem.

Bossuet observa que o acto que a uma mãe da terra, confere a honra da maternidade, é o mesmo que deposita dentro de seu coração o germem dos instinctos maravilhosos que se vão desenvolver nella e que, mais tarde, lhe inspirarão tantas e tão suaves ternuras. Pelo facto de ser mãe, nada precisará aprender do que precisará conhecer quando vier o filho. Esta lei tão maravilhosa acha a mais feliz applicação na palavra que constituia Mãe dos homens a Santissima Virgem. Abriu em seu coração abysmos de caridade; e tornou este coração bastante vasto para abraçar num mesmo amor a universalidade das almas.

O' Maria! não permittaes que seja improficua esta meditação de vossas dôres redemptoras. Ellas nos dizem que, si foi o soffrimento que nos salvou pela primeira vez, é tambem nas provações christãmente acceitas que se ha de operar a nossa transformação. Hoje, como outrora, a graça nos gera nos gemidos, isto é, nos sacrificios e nas immolações; assim o quiz Deus.

Ah! em nossas penas como em nossas alegrias, esquecemo-nos muito facilmente de Deus e deixamo-nos cegar pelas circumstancias que as occasionaram. Quando padecemos, accusamos ás vezes a injustiça dos homens, e então o odio não deixa de nos azedar o coração; outras vezes accusamos a nossa má sina, e tristemente apresentamos a cabeça aos golpes de não sei que fatalidade cega e sem nome; em outros casos accusamos até a nossa imprudencia, a nossa falta de habilidade e nos amaldiçoamos a nós mesmos.

Ignorantes e insensatos, não vemos que além do curso ordinario das cousas, além das perseguições ou da má vontade dos homens, além dos nossos proprios erros, alguem ha que tudo dirige, tudo aproveita para o nosso maior bem. Quando o infortunio bater á nossa porta, recebamol-o com coragem, soffremos com paciencia, esperando o dia marcado por Deus para a reparação de todas as injustiças e para a compensação de todas as dôres. Si alguma vez os nossos olhos se marejarem de lagrimas, volvamol-os para o Crucificado do Calvario, volvamol-os para Aquella que chora ao pé da cruz; sentiremos baixar destas sacrosantas alturas o que nos póde dar a felicidade no meio de nossos tormentos: as consolações da fé, as celestes esperanças da immortalidade.

## EXEMPLO

### *A PROTECÇÃO DE MARIA*

*Por uma fresca manhã de primavera, estação tão deliciosa sob o nosso céo ameno, dirigi-me alegre, com o rosario na mão, para o santuario de N. Snra. da Graça.*

*Chegado ao alto da santa montanha, onde se ergue o monumento consagrado á Rainha dos anjos, entrei na igreja confiada as PP. Maristas.*

*Fui muito edificado e fiquei vivamente impressionado ao vêr um venerando ancião ajoelhado nos degráus do altar da Virgem e, ao lado delle, um jovem soldado profundamente recolhido, inclinando, quasi até o chão, o semblante queimado pelo sol... Ao sahir da igreja, approximei-me do velho com quem travei conversa. "Este moço, contou-me elle, é meu filho; é soldado no 1.º regimento de linha e volta do Oriente, onde tomou parte nos combates sangrentos travados entre o exercito anglo-francez e os russos. Antes da despedida, viemos orar neste santuario. Meu filho poz-se sob a protecção de N. Snra. da Graça: tomou suas gloriosas librés, revestiu-se de seu escapulario, suspendeu ao pescoço*

*sua medalha, e eu com os olhos orvalhados de lagrimas conjurei essa bôa Mãe que o trouxesse novamente são e salvo ao lar paterno. Fiel á sua promessa, dirigia cada dia, mormente antes da batalha, suas orações a Maria. Nos encontros mais formidaveis, as balas, os obuzes e a metralha o respeitaram sempre; seu escapulario foi uma couraça impenetravel, da qual pareciam fugir os dardos inimigos. Achando-se na trincheira em frente de Sebastopol, parece-lhe ouvir uma voz mysteriosa a dizer-lhe: "Muda de lugar, muda de lugar." Dá dois passos para diante; immediatamente um obuz cahe, explode e despedaça o corpo do soldado que o tinha substituido e cuja cabeça ensanguentada vem bater com violencia de encontro ao seu kepi. Derrubado, julga-se morto; mas não tarda em recuperar os sentidos e reconhece que não tinha ferida alguma e que o sangue que o tinha inundado era do seu mallogrado companheiro de armas.. Preservado de maneira toda especial por Maria, que sempre o cobriu com seu manto protector e o arrancou aos numerosos perigos do mar e do campo de batalha, aqui veiu agradecer sua divina libertadora. Acompanhei-o nesta piedosa peregrinação para, eu tambem, agradecer á Virgem misericordiosa que se dignou ouvir as minhas supplicas e restituir-me o filho, unico amparo de minha velhice."*

*Esta singela narração de um ancião de costumes patriarcaes, de fé simples e profunda, impressionou-me sobremodo e julguei agradar aos leitores revelando-lhes mais um rasgo da inexhaurivel ternura de Maria.*

## ORAÇÃO

O' minha Mãe, conjuro-vos em nome de quanto soffrestes, vendo Jesus caminhar para a morte, me alcanceis a graça de carregar com perfeita resignação todas as cruzes que Deus me enviar. Oxalá pudesse eu acompanhar-vos até á morte levando a

minha cruz! Como poderia eu recuar diante della, quando vós Jesus, para me salvar, não receastes tomar aos hombros uma cruz tão pesada?

Alcançai-me, Senhora, a graça de que tenho maior necessidade, a perseverança e a resignação nas afflicções que me fôrem reservadas. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO QUARTO DIA

## A RESURREIÇÃO

Alleluia! Com este brado de alegria, a Igreja saúda cada anno o anniversario da Resurreição. Esse brado, ella o dirige a Maria, com quem se congratula, porque a Virgem Santissima teve a honra insigne, a felicidade incomparavel de contemplar antes de todos a gloria do divino Ressuscitado. Quanta consolação nesta palavra, dois dias após a separação tão dolorosa! Que allivio para esta alma tão profundamente afflicta!

Segundo as leis ordinarias, a morte não nos restitue os que nos foram arrebatados. Apenas os chamou, entram para sempre no descanso, donde sahirão só no fim dos tempos. Si ás vezes nossa dôr nos illude e pedimos á impiedosa morte que se compadeça de nós, sentimos bem a inefficacia de nossa supplica, e prevemos a hora não muito remota em que teremos de nos separar dos poucos entes que nos amam. Esses entes confiamol-os á campa e a campa se fecha deixando-nos a esperança de nos encontrar com elles na eternidade. Ah! porque a morte tem direitos sobre nós; direitos absolutos contra os quaes nenhuma potencia humana póde rebellar-se; direitos inflexiveis que lagrimas não conseguem destruir nem abrandar.

Não assim com Nosso Senhor Jesus Christo. Nenhum direito tinha a morte sobre elle. Só com ordem formal de Deus, approximou-se; e só consentiu tocar nesta humanidade santa, quando o divino Supplicado nisto consentiu. Mas, livre do imperio da morte, devia ser livre tambem de todas as consequencias humilhantes que acompanham: não devia, por isso, soffrer a corrupção do sepulcro.

1.º — Era na manhã do terceiro dia. Tudo repousava ainda na cidade deicida. Sózinhas provavelmente, algumas senhoras dirigiam-se pressurosas para a montanha do Calvario, levando comsigo aromas e faixas de linho que se costumam empregar nas sepulturas. Naquella hora do arrebol, a aurora reflectia suas côres cambiantes de ouro e purpura nos vertices do Monte das Oliveiras. Era a hora da Resurreição.

Deste acontecimento os evangelistas deixaram-nos uma narração de exactidão e precisão admiravel. Sentimos que os minimos pormenores têm importancia capital. Nada foi omittido, nada esquecido. Uma só pessoa não apparece e que lá devia estar antes de todas as outras: a Santissima Virgem. Seu nome nem siquer é mencionado; São João, o apostolo querido entre todos, parece deslembrado do papel saliente que a Mãe das Dôres representou no drama do Calvario.

Porque este silencio? Que razões singulares tiveram os evangelistas para afastar assim Aquella cujo nome estava em todos os labios e cuja presença movia todos os corações? Porque deixaram elles na sombra, com tanta persistencia, Aquella que fôra mais do que todos, associada aos diversos acontecimentos da resurreição?

Alguns autores explicam que Maria não foi envolvida nestes acontecimentos, nem favorecida com apparição alguma. As apparições, dizem elles, tinham por fim convencer algumas pessôas do facto da resurreição para estas pessôas serem depois testemunhas do milagre. Mas, a Santissima Virgem acreditava e não devia nunca ser chamada a confirmar o facto com a autoridade de sua palavra.

E' verdade, os proprios amigos de Jesus não tinham fé na resurreição. Comprehendemos então porque os evangelistas narram circumstanciadamente cada uma destas apparições. Tal disposição era necessaria para que houvesse

testemunhas fidedignas tanto mais autorisadas quanto mais convencidas.

Mas que utilidade teria para nós a relação de apparições a Nossa Senhora?

Nenhuma absolutamente. Para todos os que o Evangelho devia instruir, essa narração parecia superflua. Não faltaria quem a dissesse muito interessada, para ser testemunho valioso da resurreição. Eis porque os historiadores sacros silenciaram as apparições de Jesus a sua Mãe.

Mas, este silencio vem a ser mais uma garantia a favor das apparições que Maria terá tido antes de qualquer pessôa. E' para deixar mais impressionante a autoridade das outras apparições que estas não vêm consignadas.

Nunca a Igreja teve duvidas a respeito. Suarez, o grande theologo, escreveu: "Esta crença tem para si tantas razões que foi acceita sem controversia por todos os fieis, por todos os doutores e mais catholicos. E' o parecer constante da Igreja. E' tão antigo que não se póde dizer quando se manifestou esta opinião. Santo Ambrosio, no seu terceiro livro das Virgens, diz: "Maria, a primeira, viu a Jesus ressuscitado."

Jesus mostrou-se a sua Mãe Santissima! Que encontro! Que emoções!

"Que momento para Nossa Senhora! Que milagre foi preciso para ella não morrer de gozo! Tudo o que é demasiado nos cansa e foge, mas, si ha excesso mais supportavel, é a dôr, e não a alegria. A Santissima Virgem contempla a seu divino Filho, adora-o no extasis de seu amor, prostra-se a seus pés, beija-lhe as mãos estigmatisadas, a chaga do lado e a face sacrosanta. Quanta ternura ineffavel! Quantas bençams! Quantas acções de graças! No Calvario, Jesus e Maria padeciam ambos a mesma paixão; neste momento ambos saboreiam as mesmas delicias!"

2.º — E agora, que nos importam os pormenores destas differentes apparições de Jesus e Maria! Dizem que na

vespera solicitou do jardineiro de José de Arimathéa uma hospitalidade mais proxima do sepulcro, e que, para perpetuar a memoria desta breve permanencia de Nossa Senhora nesse lugar, edificou-se alli uma capella: é possivel. Dizem que Jesus, por um prodigio, permaneceu sempre de accôrdo com os desejos de seu coração, com ella; que viveu na companhia de sua mãe, sob uma fórma sobrenatural novamente aquella vida suave de outrora, que reatou logo as suas relações intimas. Dizem que aproveitou os quarenta dias passados sobre a terra para instruir mais perfeitamente esta santa Mãe acerca de tudo o que devia acontecer, desvendando-lhe o futuro e revelando-lhe o plano completo da redempção. Manifestou-lhe então o destino glorioso que lhe cabia na Igreja. Todas estas supposições são piedosissimas.

Essas cousas admiraveis, os evangelistas as conheciam ou podiam conhecel-as, mórmente o apostolo São João; não as divulgaram, preferindo o silencio. Podemos pensar que, Maria, nisso interveiu, antepondo os gozos intimos e discretos á manifestações publicas de amor. Quiz, e devia servir de modelo ás almas que procuram a Deus no silencio de sua devoção e não nas fórmas mais ou menos espalhafatosas do sentimento religioso. Modelo das almas que prezam a virtude pelo que tem de mysterioso, preferem o merito á reputação da caridade, e são humildes sem a honra das apparencias da humildade?

3.º — Lá vão vinte seculos e o prestigio da Resurreição se reproduz sem cessar debaixo de nossos olhares. Certamente Jesus Christo não apparece no meio de nós sob a fórma sensivel de um ressuscitado, mas elle passa diante de nossas almas nas irradiações de nossa fé baseada no facto da Resurreição; e, hoje como outrora, illumina tudo com a sua divina luz.

Na eternidade cahirão todos os véos; então acordaremos na plena luz de Deus e comprehenderemos de que nos terão servido nossas virtudes cá na terra. Sómente então

veremos que nossas obras, por mais modestas que sejam transformadas pela caridade, tornam-se obras immortaes, e nossas penas, acceitas com a resignação da fé, produzem um peso immenso de gloria; então comprehenderemos tudo quanto Deus fez por nós e as benevolas attenções de sua providencia para comnosco.

Todavia, já neste mundo, rasgam-se os horizontes e das alturas divinas cahem raios que se projectam sobre as realidades que nos cercam e as banham na sua luz sobrenatural; dir-se-ia que está alli um fóco occulto, deixando chegar até nós alguma cousa de suas poderosas incandescencias.

Para as almas que se deixam assim esclarecer, o mundo não é mais um livro completamente fechado. Os acontecimentos já não são enigmas impenetraveis. Estranham menos as suas provações; estas parecem mais justas. Em tudo, vislumbram alguma intenção providencial e este pensamento, por si só, é um consolo.

O' Jesus! somos parecidos com os dois discipulos vossos que iam, desapontados e melancolicos, pelo caminho de Emmáus. Jaziam desmoronados para elles todos os sonhos do futuro. Não alimentavam mais esperanças, porque nada entendiam dos acontecimentos de vossa vida e de vossa Paixão. Vinde a nós, como outrora o fizestes com aquelles dois discipulos inquietos. Dai-nos o entendimento, não das Escripturas, mas das coisas que nos perturbam; accendei em nossos corações uma fagulha da caridade que abrazava ambos; e, si a vossa vontade é que soffremos fazei, Senhor, que vos reconheçamos nas angustias de nossos corações como elles vos reconheceram na fracção do pão!

## EXEMPLO

## *OS MILAGRES DE LOURDES*

*Em fins de agosto de 1887, um sacerdote de Valence e o que escreve estas linhas, dois romeiros amigos, se encon-*

*travam na santa gruta com a grande peregrinação nacional.*

*No sabbado, 20 de agosto, ficaram em frente da preciosa imagem de N. Snra. de Lourdes, das dez ao meio-dia, tomando parte, de todo o coração, nas orações, nos canticos e movimentos religiosos da piedosa e compacta multidão, sob o influxo magico do prégador que occupava o pulpito.*

*A chuva não conseguia arrefecer o ardor dos peregrinos. Dócil ás injuncções do orador, o povo ajoelhava, orava, com os braços em cruz, beijava a terra humida.*

*Durante estas orações, os maqueiros levavam os enfermos diante da gruta nos seus carrinhos e os reconduziam diante das piscinas ou ao grande hospital. A caridade auxiliava a oração e a oração fazia milagres.*

*Mas escutemos a narração do* "Jornal de Lourdes":

*"Um homem que parecia rebelde a todo e qualquer bom sentimento chorava feito criança diante de tal espectaculo. — "Que tendes, indagou alguem, para chorar deste modo?" — "Vêde, respondeu elle, como é tocante! Choro de vêr como essa gente reza."*

*Por quatro ou cinco vezes, o missionario interrompeu as preces para dizer: "Meus irmãos, acabam de me annunciar novo milagre."*

*Gloria a Maria! E, com santo enthusiasmo, se entoava o* Magnificat. *Para não prolongarmos demasiadamente esta narração, citaremos apenas um.*

*"Um dos officiaes do estado-maior que, em 1870, por seu denodo, se impoz á admiração dos inimigos, viera a Lourdes implorar a cura da filha, gravemente enferma. Teve o pensamento de collaborar com os maqueiros; e uma circumstancia providencial fez que ajudasse a levar para as piscinas uma donzella de seus 23 annos. Parecia agonisante. Desde um anno, só lhe restava um sopro de voz e já não tolerava mais alimento nenhum, por minimo que fosse. Qual*

*não foi a commoção do bravo guerreiro vendo que sua protegida sahia do banho completamente curada!"*

## ORAÇÃO

O' Virgem Maria! a mais admiravel das mulheres, mostrai-me, eu vos supplico, o vosso rosto original; fazei resoar a meus ouvidos a doçura de vossa voz: vendo-vos, ouvindo-vos, minha alma receberá a vida. Fazei, eu vos conjuro, com que este amor penetre cada vez mais em meu coração e em minha alma, afim de que eu não sinta sinão tedio pelas cousas da terra e pelas alegrias deste mundo.

Assim seja.

S. BOAVENTURA.

# VIGESIMO QUINTO DIA

## A ASCENÇÃO

Entre todas as dôres a que somos condemnados, uma traz comsigo maior amargura. Não queremos prevêl-a; e, quando nos ameaça, põe nossa alma num estado de angustia inenarravel: é a dôr da separação. Privados do convivio dos que amamos, opera-se em redor de nós, mórmente em nosso coração, um vacuo que ninguem será capaz de preencher. Parece que nosso ser é despedaçado. Parece que a vida nos foge e que da existencia mal conservamos o que basta para não morrer.

Maria conheceu esta dôr. A Resurreição reunira a Mãe e o Filho; a Ascenção separa-os para sempre cá na terra.

1.º — Os quarenta dias marcados por Deus decorrêram. Jesus mostrára-se innumeras vezes. Soára a hora de voltar para seu Pae. Reuniu, portanto, os discipulos numa refeição analoga áquella que precedeu immediatamente á Paixão. De novo, alli deixou transbordar toda sua alma numa palestra que, dadas as circumstancias, assumia gravidade particular. Preparou-os para a proxima separação; e, depois de pedir a todos que fossem ao Monte das Oliveiras, desappareceu.

Este monte dista tanto de Jerusalém, como do Cedron e domina a Cidade e o Calvario, imagem da gloria, sempre superior ás tribulações. Os apostolos foram, pelo caminho da montanha em companhia dos discipulos, dos amigos intimos e das piedosas mulheres que cercavam a Santissima Virgem. No cume do monte, eil-os todos juntos, pensativos, pezarosos! Não falam. Dominam o ruido e agitações da planicie. Estão absortos pelo presentimento do facto deci-

sivo prestes a realizar-se. Scena sem igual, magestosa e commovente!

De repente Jesus appareceu no meio delles, proporcionando-lhes uma ultima vez a indizivel felicidade de o vêrem. Nunca fôra mais dôce seu olhar, mais enternecedor seu sorriso; nunca foram mais sentidas suas palavras: tinha chegado a despedida suprema.

Quem será capaz de nos desvendar o que se passou na alma de Maria? Sua emoção naquella hora que, embora prevista, não deixava de ser muito afflictiva? São Boaventura attribue-lhe palavras singelas e ardentes: "Filho, si quizerdes partir, levai-me comvosco." Jesus respondeu: "Eu vol-o peço, ó Mãe amantissima, não vos incommodeis com a minha ida. Vou para meu Pae. Quanto a vós, convém que fiqueis ainda algum tempo. Voltarei breve e então vos levarei para participardes da minha gloria." E a Santissima Virgem, conformada, repetia a palavra salvadora: "Seja feita a vossa vontade!"

*Fiat voluntas tua!*

Para nós tambem hão de chegar as separações dolorosas arrancando-nos á força entes affeiçoados. Então, diremos a Deus: "Senhor, levai-me! Porque tomais o filho sem a mãe, o esposo sem a esposa, o irmão sem a irmã?"

Mas, logo tambem, uma voz suave resoará aos nossos ouvidos: "Não, ainda não; cumpre ficares para uma tarefa que não está de todo acabada. Logo virei buscar-te para, na minha gloria, unir-te aos ausentes." E, si fôrmos christãos, como Aquella que deixou partir seu divino Filho, exclamaremos: "Faça-se a vossa vontade!" e assim, será essa submissão o nosso primeiro conforto. Bem sabemos que a dôr de Maria nesta separação não se póde comparar com a dôr de nossas separações. Com effeito, ella não tinha nada do que, nos padecimentos da terra, exaspera ou conturba as almas. Muito menos preparadas que a sua, menos affeitas ás cousas de Deus, mais fracas e mais impacientes,

as nossas almas facilmente se perturbam, se irritam e chegam ás vezes a commetter desatinos. Nada disso na alma da Santissima Virgem; soffre, mas nos sentimentos da mais perfeita conformidade com a vontade divina que pede este sacrificio; dolorosamente ferida, guarda sempre esta serenidade propria da fortaleza, sempre superior á provação e que nada consegue abater.

Por outro lado, estava cheia de esperança. "Entra uma alegria immensa em sua alma, e ella se entrega toda á felicidade de ver Jesus abandonando este valle de lagrimas. Por largos annos os homens molestaram a humanidade augusta do Salvador. Eil-o, agora, fóra de alcance. Já se foi o gladio de dôr traspassando o coração de Maria; já se foram os dias consumidos nas pungentes apprehensões do Calvario; já se foram os algozes, as lagrimas de sangue! Aonde sóbe Jesus, alli os homens não o podem perseguir, os golpes dos máus não o pódem mais attingir."

Podemos, nós tambem, encontrar consolo semelhante na dôr de nossas separações. Alegremo-nos com o novo destino daquelles que perdemos. Elles, por sua vez, estão livres dos trabalhos e das penas desta vida. Acharam o descanço que tantas fadigas tinham tornado necessario e pelo qual tantas vezes tinham suspirado. Eil-os, agora, ao abrigo das contrariedades, das injustiças dos homens e das asperezas da sorte. O que nos atormenta, a nós que ficamos, já não os alcançará mais.

Si formos sinceramente christãos, em nossa fé descobriremos um motivo superior de nos alegrar: elles não pódem mais offender a Deus. Comprehenderemos o repouso, a tranquillidade da alma que póde dizer a si mesma: agora não corro mais risco de me perder. O que, nesta terra acabrunha as almas santas, não são as labutas incessantemente renovadas, nem a servidão que nos põe a braços todos os dias com a mesma enfadonha tarefa, talvez com uma longa serie de privações e de soffrimentos. Mas

acautelar-se contra os desfallecimentos que deshonram, mas livrar-se das influencias perniciosas, do arrebatamento humilhante das proprias paixões, numa palavra, ficar bôa diante de Deus, eis o maior anhelo, a maior ancia da alma que se preoccupa com seus destinos. Quanto á alma que já se despediu do nosso desterro, nenhum receio a oppri-mirá jámais.

2.º — Quando Jesus desappareceu nos ares, e os apostolos, immoveis, com os olhares perdidos na immensidade dos céos, procuravam os vestigios daquelle que os tinha deixado, baixou um anjo chamando-os á realidade. Disse que não esperassem mais agora por esse Jesus que tanto amavam. Então, desceram do monte, com o coração túmido, cheio de saudades e mais affeiçoados do que nunca ao Mestre e Senhor.

O Monte das Oliveiras volveu ao seu silencio acostumado. Todavia, num sentido mystico, a montanha da Ascenção é sempre o ponto de reunião das almas que procuram a Deus, das almas que suspiram por este céo onde Jesus as precedeu e donde lhes extende os braços. Com effeito, não será a humanidade inteira que, nas suas horas de desillusões, vae subindo essas mysteriosas ladeiras, e cansada dos combates e dôres da vida, vae, lá para cima, á procura do caminho que conduz ao repouso e á felicidade?

Póde o homem variar os gozos, multiplicar os prazeres; não encontrará a felicidade. Em meio das emoções que lhe inebriam o coração, esse homem geme; seus olhos banham-se de lagrimas; sua alma anhela irresistivelmente uma vida melhor. E' queixa universal, desde Salomão, julgando que tudo era vaidade, até Luiz XIV que, no fim do seu longo reinado, não cessava de repetir saudoso: "Quando eu era rei!" Desde Agostinho, chorando por ter conhecido tão tarde Aquelle que é a belleza sempre nova, até Bossuet admirado da copia de lagrimas que pódem encerrar os olhos de uma rainha.

Sabemos o afan das andorinhas, partindo quando chega o inverno, em busca de uma patria melhor. Qual é esta precisão, esta força, este instincto que as impelle, que as afasta de nós!

Oh! meu Deus! sois vós que, na vossa previdente solicitude, dirigis aquellas creaturinhas para as terras bemditas que entreviram talvez em seus sonhos! Vós fostes que lhes dissestes que existem regiões amenas e que atraz do longinquo horizonte, um céo mais benigno e brando, choupanas hospitaleiras lhes offereceriam um pouso mais quente e suave.

Semelhantes a essas aves migratorias, possuimos, gravado no fundo de nossos corações, um instincto que não engana, uma voz mysteriosa que diz: Alli, nas alturas do firmamento, junto de Deus, está a patria verdadeira.

Ah! si existe patria para a andorinha, para nós ha de existir tambem. Não póde ser um logro! A humanidade, ha quatro mil annos que se levanta, orientando-se para ella, a humanidade, todas as manhãs extende-lhe supplice os braços. Não póde ser uma sombra o que ella evoca!

O Omnipotente que, de modo tão carinhoso responde ás avezinhas, não terá despertado em nós a sêde de um mundo melhor, sinão para satisfazer um dia essa sêde.

Oh! Maria, que vivestes de esperança e, no pensamento do céo, achastes a coragem de supportar os longos annos do vosso exilio, alcançai-nos a graça de vivermos nesta esperança e de merecermos o céo que o vosso Filho nos preparou!

## EXEMPLO

### *A DEVOÇÃO AO TERÇO*

*A devoção de Mauricio para com a Santissima Virgem era como o amor de uma criança que apaixonadamente estremece a mamãe.*

*Quando estava em Roma, nas fileiras dos zuavos pontificios, tinha, junto da cama, uma estatuazinha de Maria*

*a cujos pés, dia e noite, ardia uma lamparina. Estando ausente, a propria dona do hotel cuidava que a luz não fallecesse. Morava perto da igreja de Santo Agostinho, e todos os dias ia visitar a celebre Madona que alli se venera. Attribuia á poderosa protecção de Maria todas as graças que recebêra e sua confiança não tinha limites.*

*"Deitára-me cansado, escrevia elle a sua mãe, e esquecêra-me de rezar o terço.*

*Durante a noite fiquei perturbado com essa falta. Procurei meu terço. Não o encontrando, accendi a vela. Então, descobri na minha cama um escorpião, bicho máu, cuja mordedura, aqui, nos mezes de julho e de agosto, é mortal.*

*Ajoelhei immediatamente para agradecer A'quella que acabava de me proteger tão visivelmente."*

*Cheio de zelo pela honra de Maria, não podia tolerar que a offendessem. "Um dia, conta um collega, estavamos tres ou quatro numa sala. Aconteceu passar na rua um homem que se permittiu blasphemar em alta voz contra o nome da Immaculada Mãe de Deus. Mauricio, cheio de santa colera, precipita-se para a porta, procurando com o olhar o miseravel atrevido para lhe dar o merecido castigo.*

*A muito custo conseguiram acalmar a indignação do seu amor filial melindrado."*

## ORAÇÃO

O' Maria, desde que Jesus, vosso querido Filho padeceu debaixo do açoite dos algozes, os homens não cessam de magoal-o com novos peccados, renovando tambem as vossas dôres. Ah! é o que fiz tambem, eu mesmo infelizmente. O' minha bôa Mãe, alcançae-me abundantes lagrimas para chorar tanta ingratidão, e dignae-vos de proteger-me na minha peregrinação desta vida para a eternidade. Assim seja.

# VIGESIMO SEXTO DIA

## ULTIMOS ANNOS

Diz o texto sagrado que, ao descer do Calvario, São João, obediente á palavra de Jesus, tomou comsigo a Santissima Virgem e desde aquelle dia hospedou-a em sua casa. Esta casa, em que, de alguma maneira, se reconstituia a familia de Nazareth, representa um dos lugares evangelicos mais venerados. Achava-se em Jerusalém, no monte Sião, proximo do cenaculo.

Admiravel coincidencia a que trazia Maria nesta collina, a mais famosa pelas reminiscencias que guardava de David e de Salomão: "Assim, a Santissima Virgem, por muitos annos, devia habitar aquellas mesmas alturas que viram a gloria de seus avoengos e que encerravam as cinzas do rei que Jesus reconhecia como seu antepassado."

Segundo a opinião geral, Maria ainda viveu vinte e dois annos depois da Ascensão. Que longa viuvez para uma alma que nenhum laço mais prendia á terra! Entretanto, esta demora tão extraordinaria devia corresponder a um pensamento muito elevado, desde que minimos acontecimentos têm sua razão de ser. Certamente, Deus, deixando assim sua mãe no mundo, confiava-lhe uma missão que é facil e proveitoso conhecer.

Na ultima entrevista que teve com seus discipulos, Jesus lhes disse: "Não vos deixarei orphams." Alludia ao Espirito Santo promettido. Mas, eis que este pensamento, expressão de uma solicitude carinhosa, terá outra realisação, e não menos bella. Deixava-lhes sua Mãe que, junto delles, continuaria a mesma missão de caridade. Affirmamos, pois,

que Maria permaneceu na terra para ser, na christandade nascente, a testemunha da fé e o coração da Igreja.

1.º — Um dia, falava Jesus a seu apostolos: "Vós haveis de ser minhas testemunhas em Jerusalém e até em Samaria"; isto é, entre nações pagãs.

Logo, eis sua missão: testemunharem pela palavra, pelos actos e talvez pelo proprio sangue, a verdade do Redemptor. Mas não podiam testemunhar sinão o que tinham visto e ouvido. Elles mesmos invocavam o testemunho de seus sentidos para justificar a autoridade de sua palavra. Este testemunho é valioso; mas attingiu tão sómente os factos da vida publica de Jesus. Escapava-lhes, pois, todo o passado. Nada conheciam dos mysterios que rodeavam a origem da Incarnação. A Annunciação, o nascimento em Belém, os pastores, os magos, a fuga para o Egypto, eram outros tantos factos ignorados.

Comprehendemos que durante a vida de Nosso Senhor não lhes fizessem allusão alguma. As multidões e os proprios Judeus nada sabiam a respeito. A prudencia impunha que se corresse discretamente o véo sobre as origens maravilhosas do Messias. O espirito dos proprios apostolos não estava preparado para estas cousas tão intimas, tão delicadas; sua intelligencia não podia elevar-se ás alturas sobrenaturaes onde se vê Deus agindo fóra das leis ordinarias.

Naquella época, o mundo podia difficilmente subir acima das realidades materiaes; era preciso uma nova educação para os espiritos e os corações. Coube á Santissima Virgem ficar na terra para desempenhar este papel. Iniciava os apostolos no conhecimento daquellas cousas das quaes sómente ella falaria com segurança. Esta visita do anjo, este dialogo tão bello na sua simplicidade; a visita á sua prima Isabel, e o "*Magnificat*"; o encontro do velho Simeão, sua dolorosa prophecia e seu cantico: tudo isso só ella o conhecia e podia contar.

Ensina uma piedosa tradição que São Lucas fixou com o proprio pincel as feições da augusta Mãe de Deus. Conserva-se o painel na igreja Santa Maria Maior, em Roma. Pouca cousa da pintura de São Lucas resistiu á acção destruidora do tempo; mas, existe um retrato que os seculos não conseguirão desbotar, retrato em que sempre poderemos admirar as feições mais delicadas de Maria: é o que nos foi deixado no Evangelho. Alli é que, até á consummação dos seculos, havemos de encontrar a mais fiel e mais autorisada testemunha de nossa fé.

A Santissima Virgem permaneceu na terra, depois da Ascensão de Jesus, para ser de alguma maneira o coração da Igreja nascente.

2.º — A Igreja forma um corpo organizado cuja cabeça é Jesus Christo e cujos membros somos nós. Em todo o corpo as partes essenciaes são a cabeça e o coração; a autoridade que manda e o amor que torna facil a obediencia. São Pedro será o chefe visivel e Maria o coração dessa Igreja fundada por Jesus.

Sem negar que a intelligencia seja faculdade importante do homem, podemos affirmar que praticamente, o coração representa o que ha de mais rico e poderoso em nós. Si, na ordem physica, é o principio da vida, melhor ainda na ordem moral. Um homem vale pelo coração: "*Substancia inopis secundum cor ejus.*"

Do coração nascem os sentimentos generosos, as nobres paixões, os bellos enthusiasmos; é o fóco de toda a caridade. Os grandes santos souberam amar de verdade. Suas obras admiraveis foram mais o fructo do amor que do genio: "Amai e fazei o que quizerdes", dizia Santo Agostinho. Elle mesmo devia aos ardores de um coração que nenhuma affeição humana pudéra saciar, as dedicações de sua virtude e os preciosos labores de sua longa existencia: "E' o coração que me arrebata!" "*Pondus meum, amor meus.*"

O que dizemos do coração, podemos affirmal-o da Santissima Virgem. Isso, entretanto, é apenas imagem fraca da influencia que ella exercia, daquella sympathia poderosa que sentiam os que a cercavam. "Foi destinada essa illustre Virgem a ser principalmente mãe dos apostolos e dos fieis, como Jesus Christo fôra pae, de maneira que esta mãe misericordiosa erguesse os cahidos, consolasse os afflictos, fortificasse os fracos, aconselhasse os que estavam na incerteza, numa palavra, que dirigisse a todos e em tudo com sua prudencia, illuminando-os com as suas luzes, animando-os com o seu amor."

Por outro lado, tudo nos diz que não devemos limitar a acção da Santissima Virgem, nestes dilatados annos, ao acto interior do seu coração, ao exercicio de uma oração embora todo poderosa, a uma secreta intervenção junto de Deus. Isto tudo, Maria teria podido fazel-o na gloria da eternidade que a esperava e ella o praticava desde o primeiro instante de sua existencia. Si seu divino Filho lhe pedia para auxiliar a Igreja no berço, é porque, estando elle ausente, a presença sensivel de uma mãe era necessaria. Ella devia provocar o movimento que arrastava as almas para o Deus do Calvario, alentar este impulso, participar dos trabalhos dos apostolos e tornar-se, a alma deste povo christão que se ia formando.

Infundia nas almas esta chamma divina que seu Filho viera accender e que chamamos zelo, paixão das almas que trabalham e se sacrificam por Deus só, não conhecem outro desejo sinão a extensão de seu reino no mundo; outra ambição sinão a de consagrar-se inteiramente a esta causa sacrosanta. "Quereis conhecer a immensa influencia de Maria sobre as primeiras multidões dos baptisados? Contemplai as abelhas ajuntando-se em redor do lirio, vêde como penetram na sua nivea corolla para nella haurir o succo perfumado com que fazem o mel; tereis

assim uma idéa da solicitude e da felicidade dos fieis quando visitavam Maria no Monte Sião."

3.º — Foi realmente Nossa Senhora, o primeiro apostolo dado á terra, inaugurando assim um novo ministerio no mundo: o apostolado da mulher christã.

Para alcançar certas almas, Deus quer usar o intermedio providencial da mulher christã. Num meio desfavoravel, e por isso só que é menos accessivel ás depravações do espirito, saberá conservar a fagulha da caridade e os santos ardores do bem. Si entender sua missão, ella remediará numa proporção admiravel a falta de toda a educação religiosa dos seus protegidos. Deus a preparou maravilhosamente para este papel difficil, dando-lhe um tacto delicado, a intuição de processos engenhosos que fazem o encanto de sua natureza e a força de seu amor. Ha feridas que mão alguma póde tocar a não ser a de uma irmã de caridade.

Do mesmo modo, ha nas almas pontos tão irritadiços que delles ninguem se póde approximar sinão uma esposa, uma mãe, uma irmã.

Talvez estas só tenham como recurso o exemplo silencioso e a efficacia de suas orações; talvez não vejam neste mundo o exito de seu apostolado; entretanto Deus concederá este exito.

Infelizes ha que abrem os olhos á luz da verdade quando attingidos pela desgraça, ferindo entes amados; ha corações que começam a comprehender a virtude, só quando deixa, esta, atraz de si os perfumes de seus bons exemplos. Agora estes exemplos constituem uma atmosphera saudosa que delicia, que inquieta. Acabam chorando, estes corações abalados e atribulados, e promettem áquella que não existe mais, voltar á pratica do christianismo. Digne-se Maria, apostolo da Igreja nascente, multiplicar entre nós as mulheres apostolos!

## EXEMPLO

### *O CULTO DE MARIA NAS CATACUMBAS*

*E' por essas razões elementares, mas inabalaveis como a revelação e simples como a evidencia, que a Igreja sempre honrou com um culto especial a Santissima Virgem e sempre a offereceu a nossas homenagens e invocações como nossa medianeira junto de Jesus Christo.*

*A* "Roma subterranea" *explorada ha mais de tres quartos de seculo, nos traz provas cada vez mais numerosas que attestam de modo peremptorio a fé da primitiva Igreja na intercessão da Bemaventurada Virgem. Alli se depara com a imagem de Maria pintada nas abobadas das catacumbas, acima dos altares em que se celebravam os sacrosantos mysterios, perto dos tumulos onde os christãos perseguidos vinham implorar á rainha dos martyres. A catacumba de Santa Ignez, por exemplo, possue uma Virgem do quarto seculo; as de São Calixto, de Santo Achileu, apresentam Virgens do terceiro seculo e a de Santa Priscilla, Virgens do segundo seculo e do primeiro. Ultimamente ainda, os noticiarios religiosos relataram um facto digno de nota. O Snr. de Rossi, illustre archeologo, cuja perda deploram os sabios tanto como os crentes, acompanhava, ha poucos annos na catacumba de Santa Priscilla, um lente da universidade de Oxford. Chegando numa sala subterranea, cujo forro ostentava pinturas admiravelmente conservadas, o Snr. de Rossi disse ao estrangeiro: "Poderieis dizer approximadamente quando foi feita essa pintura?*

*— Venho, respondeu o doutor anglicano, de Pompeia, cujos frescos estudei attentamente; esta pertence, creio, á mesma época.*

*— Tendes razão. As pinturas de Pompeia e as da catacumba são irmãs, e, por conseguinte, temos diante dos olhos um monumento do primeiro seculo.*

*— Olhai, agora." Com estas palavras o Snr. de Rossi abaixava sobre a parede lateral a luz de sua tocha e mostrava ao estrangeiro uma linda pintura da Virgem Maria, segurando o Menino Jesus em seus braços. — "Reconheceis esta imagem?" perguntou elle a seu companheiro.*

*— E' um retrato de Maria, replicou o estrangeiro.*

*— Pois bem! continuou o Snr. de Rossi, ha tres mezes, esta galeria toda estava obstruida pela areia com que os primeiros christãos a tinham entupido, como praticavam sempre que todas as sepulturas fossem occupadas. Eis, portanto, um monumento da Igreja primitiva; e vem abonar a antiguidade do culto da Santissima Virgem."*

## ORAÇÃO

O' Maria, já que desejais a minha salvação, justo é que eu deposite em vós todas as minhas esperanças. O' Virgem abençoada, sim, em vós confio; supplico-vos, em nome de vosso Filho, pedi-lhe que se compadeça da minha alma pela qual este Cordeiro Immaculado não hesitou em derramar seu sangue.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO SETIMO DIA

## A MORTE DE MARIA

Depois de acompanharmos a Santissima Virgem nas principaes circumstancias da vida, alcançamos o limite dos annos com que a Deus aprouve tecer-lhe a dilatada existencia.

Nosso Senhor não chegou a ser velho. Morreu aos 33 annos. E "a grande tristeza da velhice, affirma um autor, é não ter sido santificada por Nosso Senhor Jesus Christo. Sómente para esta derradeira estação da vida, o divino Mestre não deixou exemplo." Si esta lacuna é real, foi preenchida por Maria.

Deus deixou-a viver até uma idade muito avançada para, de alguma maneira, abençoar e animar a velhice. E precisava mesmo, porque o mundo, ás vezes, se mostra muito duro e cruel para os velhos. Mas aqui, é uma questão saber si realmente devia morrer a Santissima Virgem. Isenta da culpa original, não devia ella escapar da morte que é ao mesmo tempo consequencia e castigo do peccado?! E' natural esta supposição; e, todavia, considerando attentamente os factos, facil será convencermo-nos de que altas razões justificam a lei que sujeitou a Mãe de Deus ao nosso destino commum.

Antes de tudo, sua morte foi um sacrificio agradavel offerecido a Deus.

1.º — Nosso Senhor podia resgatar o mundo sem passar pelas humilhações da morte; mas, para identificar-se mais completamente com o papel que tinha adoptado, condemnou-se a esta immolação que constitue a propria essencia do sacrificio. Morreu. E, quando si-

lencioso e immovel, com toda a magestade da morte, appareceu sobre a cruz, essa cruz substituiu verdadeiramente o altar dos holocaustos em cima do qual a victima degolada era consumida lentamente.

A participação intima de Maria, até então na obra da nossa redempção exigia que ella seguisse a seu divino Filho até ao ultimo e supremo sacrificio: o sacrificio da vida. Morreu. E ella tambem silenciosa e immovel no seu leito funebre, tomou a attitude da victima immolada.

Adão e Eva, no paraiso terrestre, abusando da existencia, associaram-se para introduzir a morte no mundo; da mesma maneira, o novo Adão e a nova Eva, uniram-se na morte para nos dar a vida.

Uma lei de morte sahira da obra commum de nossos primeiros paes; uma dupla corrente de vida vae jorrar desta dupla morte e renovar o mundo. Mas esta morte era mais do que um sacrificio offerecido a Deus; era um novo merito para Maria.

2.º — Um personagem celebre do Antigo Testamento, avisado por um propheta na hora de sua morte, soltou este unico grito de amarga decepção: "E' pois assim, ó morte, que me separas de tudo."

Desde o começo do mundo esta palavra é o éco de uma queixa universal. Para espiritos levianos, superficiaes, a morte é apenas uma separação e a crueldade desse sacrificio está nas saudades que provoca. O grande merito do moribundo consiste em offerecer a Deus todos os sacrificios que a morte impõe, em acceitar todas as renuncias que exige; por isso, quem acceita, submisso e conformado, a morte, quer imposta pela natureza, quer voluntaria pelo martyrio, dá a maior prova de amor que uma creatura póde dar a seu Creador.

Nossa Senhora na verdade não tinha de fazer sacrificios taes. Desde muito realizára em seu coração a renuncia antecipada de que nos fala o Evangelho. Mas tinha

mesmo assim outros laços muito suaves a romper. Essa Igreja nova, que em redor della congregava a familia das almas tão grande e tão amada; estas sympathias com que a cercava o discipulo que fôra para ella amigo e defensor: haveria alli vinculos bastante fortes para constituir uma verdadeira separação a acceitar.

Parece que vemos Maria Santissima nessa hora suprema, lançando o olhar para o passado. Ella enfeixa num quadro unico tudo quanto fizéra nos annos tão cheios de sua vida e offerece tudo a seu Creador: "Acceitei, ó meu Deus, a missão que me confiastes. Cumpri a minha tarefa. Provei sem orgulho todas as alegrias que permittistes. Soffri sem murmuração todas as dôres com que vos aprouve experimentar a minha fé. Exgotei os annos que vossa sabedoria me destinou. Agora, como vosso e meu Filho, ó Deus, em vossas mãos entrego minha alma." Pronunciou pela vez derradeira na terra o "*Fiat*" que fôra a divisa de sua vida; e a palavra santificadora de sua longa existencia, deu á sua morte o merito da mais sublime resignação. Assim foi este sacrificio supremo um dos exemplos mais consoladores que a Santissima Virgem nos deixou.

3.º — Considerada sob o ponto de vista humano, a morte é objecto de espanto. Seu nome é lugubre, e custa afugentar as imagens repulsivas com que a imaginação exaltada dos homens tantas vezes a apresenta.

Para nós a morte não vae sem tristezas e inquietações. Ao passo que nos approximamos da campa, tudo escurece em redor de nós. Alegrias, si algumas nos ficam, são como esses crepusculos melancolicos do dia prestes a findar. A vida nos fôra risonha e feliz; e sempre estavamos familiarisados com as desgraças inevitaveis, e eis que de repente, é preciso abandonal-a para entrar no desconhecido.

Lembranças temerosas assustam nossa alma. E custa livrar-se destes receios.

Para a Santissima Virgem, pelo contrario, a morte dava novo incremento á sua alegria e projectava luzes sempre novas sobre sua vida.

Era uma alma de formosura sem par que se alava das regiões escuras da campina para as alturas radiantes de luz! E quanto mais se chegava a essas regiões divinas, tanto melhor se illuminava Maria com as irradiações da eternidade. A chamma do amor que a consumia fôra crescendo a todo o instante: já é tempo da união entre ella e o ente amado.

Derramar na alma o amor de Deus, é introduzir nella no mesmo tempo a confiança, a tranquillidade, a alegria. O amor, incompativel com tudo o que póde desagradar ao objecto amado, afasta qualquer causa de perturbação, todo o motivo de receio. Quando uma alma affeiçoada a Nosso Senhor só quer a vontade delle, tudo se lhe torna agradavel e facil. Nessas condições, a morte vem a ser o que foi para a Santissima Virgem: cousa suavissima.

4.º — A morte, tão cruelmente temida por muita gente, é ardentemente desejada por outros!

Almas ha que esperam a morte, suspiram por ella, chamam-na como bemfeitora: São Francisco de Assis lhe dava o nome de "irmã"!

E' uma santa impaciencia. Taes almas passam mal neste mundo. Semelhantes á ave prisioneira, esbarram nas grades de uma gaiola muito acanhada. Precisam de espaço. Querem os ares do paraiso, os horizontes infinitos de Deus para sempre. Outras almas serão desencantadas, indifferentes; seus gemidos e gritos são o fructo amargoso de uma tristeza incuravel. Umas não comprehendem a vida, já não se lembram que a realidade brutal das cousas esconde thesouros depositados pela mão de Deus. Outras

são falhas de coragem. Ignoram que Deus é quem mede o fardo de cada um, e que a alegria é a recompensa do dever fielmente cumprido.

Quantos ha que se atemorisam com o pensamento da morte e chegam a amaldiçoar a mensageira importuna!

Que de angustias quando ella vem se approximando! Angustias e terrores! São pessoas que não entendem a morte. Estão esquecidas de que a morte não é a ultima palavra da vida, sinão a primeira. Com a morte nada acaba, mas tudo começa. Ella nos livra de uma existencia que não é vida e nos abre as portas da morada unica digna de nós.

Onde está, pois, a verdade? No exemplo que nos dá a Santissima Virgem. Suspirar pela morte é cousa licita, bôa. Mas devemos querel-a sómente quando cumprida a obra que Deus exige de nós, e não receal-a quando vier. Infeliz de quem, na calma do seu coração, deseja morrer emquanto tem de fazer algum sacrificio, distribuir alguma felicidade, prevenir alguma necessidade, enxugar algumas lagrimas!"

Santa Thereza disse um dia: "Morro de não poder morrer." Santa Thereza, em outra circumstancia, fazia esta bella prece: "Concedei-me, ó meu Deus, o favor de não sahir desta vida antes que sejais o unico objecto de todos os meus desejos e não ame cousa alguma fóra de vós."

Palavras admiraveis que conciliam, numa harmonia feliz, a submissão á vontade de Deus com o desejo do céo.

Contam que no momento em que depositavam no sepulcro os restos mortaes do pintor Corot, fallecido nos sentimentos da fé christã mais profunda, uma ave veiu pousar num galho perto do tumulo e poz-se a cantar. Mera coincidencia. Ha quem viu nisso uma homenagem tributada pela natureza á memoria daquelle que, em vida, tão bem comprehendêra e interpretára sua belleza. Em todo o caso, é um symbolo. Podemos pensal-o, por sobre

a campa christã viceja o ramo verdejante da esperança e a alma vem cantar alli antes de evolar-se para o céo.

## EXEMPLO

### *O "RENDEZ-VOUS" NO PARAIZO*

*Santo Estanisláu, um dos servos mais fieis de Maria, ouviu no primeiro dia de agosto, um sermão do Padre Canisio. O prégador exhortava os noviços da Companhia a se portarem cada dia como si fosse o ultimo da vida. Acabado o sermão, Estanisláu disse aos collegas que, para elle, este conselho fôra a voz de Deus, já que devia morrer no corrente mez. Assim falava, ou porque tivera alguma revelação divina, ou porque o presentimento da morte o impressionasse.*

*Quatro dias depois, Estanisláu, indo com o P. Emmanuel para Santa Maria Maior, conversava acerca da festa da Assumpção: "Eu creio, padre, disse o moço, que neste dia glorioso o paraiso é mais lindo porque celebram de modo especial a gloria de Maria coroada rainha do céo e collocada á direita de N. Senhor, acima de todos os córos dos anjos. Certamente todos os annos, renovam essa festividade no céo. Desta vez, espero tomar parte nos regosijos." No dia de São Lourenço commungou e pediu a este santo que apresentasse a Nossa Senhora uma supplica para ser testemunha dos festejos nos páramos celestes.*

*No fim daquelle dia teve febre. Pouco forte, na verdade. Mas o doente não deixou de considerar como certa a graça da morte proxima. Foi para a cama, dizendo com transportes de alegria: "Não mais me levantarei deste leito."*

*Horas depois, com o Padre Acquaviva, accrescentou: "Estou certo que São Lourenço me alcançou da Santissima Virgem a graça de entrar no paraiso no dia da Assumpção." O padre não ligou importancia a estas palavras. Na ves-*

*pera da festa o doente sentiu que o mal peorava e disse a um irmão leigo* "que morreria na outra noite". *Este respondeu*: "*Maior milagre será morrer por uma cousinha destas, do que sarar.*" *Porém Estanisláu cahiu quasi logo numa fraqueza mortal. Um suor frio gottejava-lhe do corpo.*

*O padre superior foi chamado. Estanisláu pediu para ser deitado no chão, querendo morrer como penitente. Fizeram-lhe a vontade. Confessou-se, recebeu o Santo Viatico com admiravel piedade, e depois, a Extrema Unção. No dia* 15 *do mez de agosto, ao raiar da aurora, expirou, os olhos fitos no céo, sem a minima agonia. Apresentando-lhe a imagem de Maria, notaram sua insensibilidade e viram que se partira para a mansão dos bemaventurados.*

## ORAÇÃO

O' dôce Soberana, deixastes a terra e entrastes em vosso reino. Ah! infelizes peccadores somos nós! Não eramos dignos de vos possuir comnosco neste valle de lagrimas. Sabemos porém que a culminancia da gloria a que fostes elevada não nos desterrou de vossa memoria nem tão pouco do vosso coração. Sabemos que, longe de seccar, a fonte de vossas misericordias para com os filhos de Adão, alargou-se e tornou-se mais ardente ainda e mais abundante.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO OITAVO DIA

## ASSUMPÇÃO

"Foi decretado que todo o homem havia de morrer", dizia São Paulo; mas é apenas metade da maldição; Deus, dirigindo-se ao homem, accrescentou: "E's pó e pó te has de reverter."

Desde que a morte feriu ao homem, desde que a alma sahiu do corpo, permanece o cadaver silencioso, immovel na sua rigidez glacial de marmore. Esta magestade tranquilla do derradeiro somno indica-nos que uma cousa importante se realisou. Este descanço é apenas apparente. Começa um trabalho mysterioso. Novas forças apoderam-se destes despojos humanos e os levam para outro destino. Apezar do respeito com que o rodeamos; apezar da nossa affeição aos entes queridos victimas da morte, comprehendemos que nos cumpre restituir á terra o que é della. A terra reclama o que lhe pertence. No seio da terra, diz Bossuet, o corpo tornar-se-á "uma cousa sem nome em lingua alguma."

De facto, está entregue a uma verdadeira destruição; amanhã, já será confundido de mistura com o pó da terra. Está muito direito e muito justo. O corpo tem destino immortal e, um dia, deve unir-se novamente á alma para compartilharem da mesma sorte. Mas, o corpo entrou na vida com a mancha original. Durante longos annos ficou associado aos actos da alma. Tambem elle deve expiar. Para se purificar, a alma tem o arrependimento e o uso dos sacramentos. Si tanto fôr preciso, soffrerá na outra vida. Quanto ao corpo, a campa, a destruição humilhante no sepulcro constituirão o castigo, o purgatorio.

1.º — Não podemos applicar estas theorias ao corpo immaculado da Santissima Virgem. Elle jámais conheceu o halito envenenado da paixão. Foi na terra, o tabernaculo de Deus, a custodia da humanidade santa. Nosso corpo, sim, antes de entrar na eternidade, necessita passar pela prova purificadora do tumulo! Esta cabeça em que fervilharam tantos designios de iniquidade se deve purificar de suas ignominias. Estes olhos que brilharam tão immodestos ás vezes e deram entrada a tantas imaginações maleficas; estes labios que favoreceram a mentira e a duplicidade, justo é que soffram a pena salutar do anniquilamento momentaneo. Estes pés que palmilharam os caminhos da perdição, e estas mãos que se prestaram a tantas obras peccaminosas hão de tambem ser lavados. Este corpo todo, amimado com tanta delicadeza, lisongeado com tantos afagos, adereçado com orgulho, idolatrado com escandalo; justo é que este corpo seja derrubado e transformado pelo trabalho degradante de uma decomposição sem nome.

Mas, para Maria, nada disso havia de acontecer. Seu corpo sem macula não conhecêra o peccado; logo não a attingiria a corrupção, consequencia e castigo do peccado. Deus não haveria de partir um vaso de eleição que se conservára purissimo. Eis porque se apressou em arrancal-o do sepulcro.

Não, membros associados de modo intimo á obra santa da Redempção, não serviriam de pasto aos vermes! Os braços que tinham embalado o Menino Deus, os labios que lhe sorriam, os olhos que o haviam contemplado e choravam em todas as dôres do filho; o corpo inteiro honrado com os grandes mysterios realisados na Santissima Virgem, este instrumento das obras de sua alma, não: tudo isto não ficaria esquecido, sem honras, no olvido da campa até ao grande dia da resurreição geral com as cinzas communs da humanidade, sem merito nem gloria, emquanto a alma reinasse na eternidade! Não, semelhante

thesouro, Santo Agostinho o diz, pertence ao céo e não á terra.

Ainda que Deus tenha determinado um prazo commum para a resurreição de todos os corpos, vemos que ha razões particulares obrigando-o a modificar o prazo a favor de Maria.

O sólo dá fructos sómente na estação propria, todavia existem terras cultivadas com tanto esmero que nellas a colheita amadurece mais cedo. No jardim do Esposo divino se encontra essa terra fertilissima, e o corpo de Maria tal preparo recebeu que logo hão de apparecer nelle os fructos da immortalidade.

Tres dias depois do sepultamento da Virgem, um apostolo, ausente na occasião em que foram prestadas as ultimas homenagens aos seus despojos mortaes, quiz contemplar ainda uma vez as feições da augusta Mãe de Deus. O sepulcro estava vazio; as faixas funerarias jaziam abandonadas e a gruta estava cheia de rosas e lirios.

Debruçára-se Deus sobre este tumulo e chamára aquella cuja corôa já estava prompta: "*Veni coronaberis.*"

2.º — Para os nossos corpos, Deus reservou para o fim dos seculos o privilegio da resurreição.

Quando se encerrar a série dos tempos, quando se abrir a eternidade, levantar-se-á da cova nosso corpo. Mãos amigas alli o haviam depositado, mas não era este o nosso destino definitivo: a morte não anniquila, transforma e purifica.

E mais, não é a obra de Deus. Nem ella nem suas consequencias. São antes uma modificação lastimosa que se intrometteu nas obras de Deus por culpa do inimigo. Mas, o divino artifice é invencivel. Dá ao homem corpo e alma, um feito para outro, completando-se e aperfeiçoando-se mutuamente. Embora separados, por algum tempo, guardam um para o outro affinidades profundas,

secretas, indestructivas: chamam-se e reclamam-se um ao outro como ao complemento da propria vida.

Ressuscitaremos. E' o grito da natureza. Por toda a parte Deus espalhou com mão prodiga imagens da resurreição afim de avivar sempre mais em nossas almas este pensamento cheio de esperança. Como o lavrador lança o grão ao sulco, assim tambem a morte nos confia á terra. O grão é destruido. Mas na apparencia só, que desta cousa destruida, ha de surgir a planta, a medrar viçosa, a florescer, a fructificar. O insecto fecha-se em prisão estreita, verdadeira sepultura para elle, e ahi morre. Morreu e não morreu, porque breve vemos sahir a vistosa borboleta que agita as azas e vôa nos espaços. O corpo humano, conjuncto e resumo sublime das obras da creação, corpo preso durante a vida aos actos do pensamento e do amor, este corpo, acaso teria sorte inferior á sorte do grão de trigo ou do insecto cuja existencia ephemera occupa um lugar tão humilde na escala dos sêres?

Mas, não esqueçamos que a gloria da nossa resurreição será proporcionada ás nossas virtudes e que o homem ha de recolher o que tiver semeado.

## EXEMPLO

### *MARIA E AS ALMAS DO PURGATORIO*

*Maria, todos os sabbados, desce ao purgatorio. Isto nos ensinam revelações dignas de fé. Eis o que conta a veneravel Irmã Paula de Santa Thereza, religiosa dominicana.*

*Num dia de sabbado, arrebatada em extasis e transportada ao purgatorio, ficou admirada por ser esse lugar de supplicios, como que transformado em paraizo cheio de luz. Como indagasse da causa deste portento, a religiosa viu a Maria Santissima cercada de uma infinidade de anjos. A estes, Maria ordenava que fossem buscar as almas que, na*

*terra, lhe tinham particular devoção. E logo seguiam para o céo os mensageiros e as almas libertadas.*

*Assim acontece aos sabbados. Melhor ainda quando se commemora algum anniversario glorioso para nossa Mãe do Céo! As festividades de Maria tornam-se então festividades do purgatorio.*

*E entre todas, o dia da sua milagrosa Assumpção. Ensina-nos São Pedro Damião, doutor da Igreja, que todos os annos a Rainha do céo chama á bemaventurança muitos milhares de almas.*

*Elle conta o seguinte: "Uma vez, na vespera da Assumpção, uma senhora de alta estirpe, estava ajoelhada na basilica de "Ara cœli", no Capitolio, em Roma. Eis que de repente, com pasmo e espanto, vê, adiante uma mulher conhecida que fallecera no decorrer do anno. Esperou fóra da Igreja para conversar.*

*Logo que a viu sahir, deu-lhe a mão, e perguntou: "Não sois, minha madrinha Narozia que me assistiu á pia baptismal? — Pois não, sou eu mesma. — Oh! como é que estais agora aqui, si morrestes faz quasi um anno? Que estais fazendo na outra vida? — Até hoje, fiquei num fogo horrendo expiando numerosos peccados de orgulho que commetti na mocidade; mas, nesta bellissima solennidade da Assumpção, veiu a bôa Virgem e me livrou com muitas outras almas para que entrassemos no céo hoje mesmo.*

*E' assim todos os annos. O numero de almas libertadas desta vez eguala ao dos habitantes de Roma (cerca de 200.000). Por isso, transportamo-nos, esta noite, aos santuarios consagrados a Maria. Vós me vêdes a mim tão sómente, mas tenho muitas companheiras."*

*Vendo que esta senhora estupefacta parecia duvidar, a apparição, accrescentou: "Como prova das verdades que affirmei, eu vos digo que daqui a um anno, na festividade da Assumpção haveis de morrer. Si viverdes além deste prazo, considerai tudo isso como sonho á tôa."*

*São Pedro Damião narra que esta matrona assim prevenida, passou o anno na pratica de obras santas preparando-se á passagem terrivel. Na vespera da festa, adoeceu aquella senhora e morreu no proprio dia da Assumpção como lhe fôra annunciado.*

## ORAÇÃO

O' Maria, do throno onde triumphais, volvei para nós vossos olhares; poderosa Soberana, compadecei-vos de nós. Obtende-nos, pelos merecimentos de vossa morte, a perseverança no amor divino. Fazei que ao deixarmos esta vida mortal, possamos ser admittidos nos córos dos Bemaventurados que, prostrados a vossos pés por toda a eternidade, vos louvam, e exaltam condignamente a vossa gloria. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# VIGESIMO NONO DIA

## GLORIA DE MARIA NO CÉO

Dizem que Deus é o Deus dos contrastes e das metamorphoses. Sabe tirar o bem do mal, entremeia de alegrias os nossos prantos, promette eternas recompensas aos que padecem perseguição pela justiça e regula a gloria de seus escolhidos nos céos pelo abaixamento voluntario que soffreram na vida. Esta lei seria sufficiente para nos dar uma idéa da gloria de Maria, coroada após uma existencia tão humilde, mesmo com a grandeza de sua missão.

1.º — Nada refere o Evangelho acerca do seu nascimento, dos seus primeiros annos de sua apresentação ao templo, das circumstancias de seu matrimonio. Cumpre pedir tudo ás tradições, ás inspirações particulares. A Virgem Santissima se envolve sempre no manto de sua profunda humildade.

Depois da morte de Jesus, descerá do Calvario para se encerrar novamente no mysterio mais impenetravel. Nada conseguiremos saber dos vinte ultimos annos de sua vida e nem do seu fallecimento. Morre ignorada de todos. Leva para o tumulo o segredo de sua supereminente santidade. Mas então, Deus de novo olha para a humildade de sua serva. E justamente porque essa humildade foi um abysmo, elle vae completar as "Grandes cousas" que já operára em Maria. No céo começa sua gloria e dalli irradiará pelo mundo através dos tempos.

Esta gloria não se póde avaliar nem provar com demonstração alguma, porque é uma das cousas que não têm analogia com o que conhecemos, que supera o que ha de maior e mais deslumbrante. As imagens mais ousadas dos

oradores autorisados, são fraquissimas, infieis, pallidas. Entretanto, é maravilhosa aquella mulher do Apocalypse que São João nos mostra revestida do sol como de um manto glorioso, tendo na fronte excelsa um diadema de estrellas e nos pés o astro suave que illumina a noite. E' tambem maravilhosa aquella rainha de Sabá que Salomão recebe com toda a magnificencia da pompa oriental, e que toma lugar no throno que o faustoso monarcha mandou armar para ella no seu palacio de ouro e marmore. Mas tudo isso não passa de meras pinturas. São representações, tão distantes da verdade como o sonho é distante da realidade. Que é, pois, a gloria? No céo, a gloria é a coroação, é a santidade de uma alma desabrochando na atmosphera divina. A gloria está para a graça como o fructo para a flôr, como a chamma para o foco.

Mas esta gloria é proporcionada á santidade da alma. Calcula-se pela maior ou menor somma de perfeição que levamos para a eternidade. Adapta-se ao genero de virtudes que praticamos. E' um como manto feito de accordo com o nosso corpo: "Ha varias moradas na casa de meu pae." Quanto mais perfeita é a santidade de uma alma, tanto mais resplandecente é a sua gloria; e, suppondo uma alma com a maior somma possivel de graça santificante, sua glorificação attingirá os ultimos limites.

Ora, alguma cousa conhecemos da santidade de Maria. Saudou-a o anjo "*cheia de graça*", isto é, realisando já aquella plenitude que nenhuma creatura jámais attingirá. Plenitude da graça original, a que Deus déra a Adão no instante de sua creação; plenitude da graça da maternidade divina: esta maternidade estabelecia entre ella e seu Filho um verdadeiro parentesco de natureza que a elevava a uma dignidade sem par; plenitude da graça da Redempção: Jesus Christo déra-lhe a melhor parte dos fructos de sua morte. Foi verdadeiramente "bemdita entre todas as mulheres."

Esta santidade não ficará immovel. Ha de crescer em sublimes *ascensões* preditas pelos prophetas. Cada acto de amor, conforme a sua intensidade, augmenta em nós a graça: é uma lei. Quanto mais numerosos estes actos, tanto mais importante será o accrescimo. E' um thesouro que augmenta ao passo que se vão aperfeiçoando as disposições sobrenaturaes de quem o possue. Ora, na Santissima Virgem, todo acto de amor sendo perfeito na intensidade, multiplicava a graça já adquirida e a santidade ia se desenvolvendo segundo as leis de uma progressão maravilhosa. Veiu a hora que esta graça santificante teve toda a riqueza que uma simples creatura, póde ajuntar. Era a hora da morte. Maria então gozará de uma gloria que os céos nunca conheceram.

2.º — Entretanto, cumpre não o esqueçamos: esta gloria foi comprada por um grande preço pela Santissima Virgem.

Segundo a palavra de Santo Agostinho, quando Deus recompensa os bemaventurados, corôa ao mesmo tempo os meritos delles e os proprios dons. Somos os artifices de nossa gloria.

Somos, indispensavelmente os autores de nossas futuras beatitudes.

A vida tem sua aurora e seu crepusculo, suas ascensões risonhas, suas ladeiras ingremes e desanimadoras. Chegados ao cume, sentimos alguma saudade ao volvermos o olhar para o caminho percorrido; avivam-se nossas reminiscencias, interrogamos o passado e perguntamo-nos a nós mesmos o que fica desses annos transcorridos. Pelo menos é o que não póde deixar de fazer quem toma a vida a sério, maximé o christão que tem o cuidado de seu destino.

Si os annos passados foram ricos e fecundos, convém alegrar-se, agradecer a Deus e não ter outra afflicção sinão a de vêr desapparecer, para não voltar mais, o tempo em que se póde ganhar alguma cousa. Si, pelo contrario, o

passado foi esteril, ah! neste caso, o coração verdadeiramente grande se entristece e lastima as agitações inuteis, as paixões egoistas de sua existencia. E todavia, naquella hora, no derradeiro instante da vida, não está tudo perdido ainda... Vieram um dia annunciar a um general que a batalha estava perdida. Consultou simplesmente o relogio e respondeu: "São tres horas, temos tempo de ganhar outra."

No fundo de toda a alma por fraca e desamparada que pareça, occultam-se thesouros de energias e secretas aptidões para o bem. Alli está uma chamma, como outr'ora nas cisternas dos Judeus durante o captiveiro. Está sepultada no lodaçal. Mas, para espadanar faiscas, espera tão sómente ficar livre da humida mortalha. E tal chamma, quando accesa, ha de consumir a alma com ardor intenso.

Alimentar-se-á com aquillo tudo que o passado lhe trouxer de censuras e de remorsos.

Si fossemos, por acaso, um desses que chegaram de mãos vazias, ao termo da vida, poderiamos sempre resgatar o passado e garantir o futuro. Ainda que offertassemos a Deus um coração chagado, elle acceitaria, purificadas, as poucas gottas de amor que ficassem no fundo deste coração. Ainda que lhe apresentassemos os andrajos do prodigo, passo cambaleante, feições emmagrecidas, olhos sem brilho fronte sem belleza; si nos arrependermos, Deus se esquecerá desses extravios, saciar-nos-á a fome e restituirá a nossa alma empobrecida a primeira tunica de innocencia que se mudará em vestes gloriosas na bemaventurada eternidade.

## EXEMPLO

### *NOSSA SENHORA DAS VICTORIAS*

*Um moço fizera estudos brilhantes.*

*Conseguiu como galardão de seus esforços, uma viagem a Paris. Alegre foi annunciar a bôa nova aos amigos e offerecer seus prestimos, pois pretendia seguir breve.*

*Entre outras despedidas, foi bater á porta do castello onde residia uma senhora de muita piedade e, pediu em que a pudesse servir na grande capital. Aquella senhora, penhorada, agradeceu a fineza; e, parecendo ter uma lembrança repentina, disse: "Pois não, tenho mesmo um recadinho, mas receio que o incommode. — Nada! minha senhora, fale, que estou inteiramente a seu dispôr. — Pois bem, peço-lhe ir rezar por mim uma* "Ave Maria" *diante do altar do Coração de Maria, na igreja de Nossa Senhora da Victoria." O moço que não era lá muito fervoroso, não esperava por esta e pensava comsigo: "Que idéa! E' verdade o que se diz: a gente devota é cheia de exquisitices." Todavia, não podia deixar de consentir em levar recado tão simples. Em Paris, foi em toda a parte. Mas não ia a Nossa Senhora das Victorias. Só na vespera da partida, é que se lembrou daquella sua promessa da* "Ave Maria". *Reflectiu. "Qual! não vou, não; é maçada. Comtudo eu prometti, e a senhora, quando me vir certamente perguntará si dei conta do recado. Essa gente não se esquece, não. Melhor que eu vá." Foi. Escondeu-se num canto da capella numa hora em que não havia ninguem. Alli, fez esforço para recordar as palavras da* "Ave Maria". *Começou e esta oração penetrou até ao mais intimo de sua alma. Ficou impressionado com o pensamento de estar sósinho diante de Deus.*

*Permaneceu longo tempo prostrado, chorando copiosamente. Depois ouviu alguem atraz de si. Olhou. Era o reitor do santuario. O moço, dirigiu-se commovido para o sacerdote. Este, tomando-o pela mão, falou com bondade: — "Estou certo, meu amigo, que o Snr. é um daquelles pobres transviados que N. Senhora nos envia de vez em quando. — Creio que sim, Snr. Vigario."*

*Foram para a sacristia. O moço confessou-se; adiou sua viagem; commungou; e, de volta, sua primeira visita foi para a senhora da* "Ave Maria".

## ORAÇÃO

O' Maria, dai-nos o temor de Deus e santificai as nossas almas. Fazei este milagre que vos proporcionará maior honra do que si restituisseis a vista a um cego ou chamasseis do tumulo muitos mortos. Sois tão poderosa junto de Deus, vós, sua Mãe, que elle nada vos póde recusar. O' Rainha amavel, não aspiramos o favor de vos contemplar cá na terra; mas esperamos de vossa inexgottavel misericordia a graça de vos vêr no paraiso por toda a eternidade. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# TRIGESIMO DIA

## A DEVOÇÃO A MARIA É SIGNAL DE PREDESTINAÇÃO

Contam que Antipater escreveu um dia a Alexandre uma carta cheia de accusações contra Olympias, mãe deste. Alexandre viu nisso uma injuria pessoal; mas, disse apenas: "Antipater ignora que uma lagrima de minha mãe, póde apagar todas as injurias que escreverem contra ella." No céo está uma mãe, cujo poder é tal que, vindo Satanaz accusar diante de Deus as almas, Jesus poderá responder: "Uma lagrima de minha Mãe apaga todas as faltas dessa alma."

O poder de Maria no céo, a favor dos peccadores que recorrem á sua intercessão é grande. Por isso se diz que a devoção á Nossa Senhora é "*signal de predestinação.*"

1.º — Predestinação é o designio formado por Deus, desde toda a eternidade, de conduzir por meio da graça certos homens á salvação eterna. São Thomaz nos diz que é o modo pelo qual Deus leva a creatura racional a seu fim a vida eterna. Falar nisso é levantar uma das questões mais temiveis da historia religiosa das almas; é lembrar a incerteza terrivel que pesa sobre todos nós até sobre os melhores dentre nós, desde que ninguem póde saber si é digno de amor ou de odio.

Todavia, Deus nos infunde em proporções sapientissimas temor e confiança. Nada conhecemos com certeza absoluta; mas teremos signaes que bastam para nossa tranquillidade. De todos os signaes de predestinação, nenhum ha mais certo, fóra de revelação especial, do que a devoção á Santissima Virgem.

A Igreja applica-lhe esta palavra da Escriptura Santa: "Quem me encontrar, encontrará a vida." E é verdade não

só com as almas que vivem sob o patrocinio da Rainha do céo, na pratica habitual das virtudes christãs, mas tambem com outras conservando tão sómente uns resquicios da fé de seu baptismo, esquecidas de tudo o mais até dos deveres essenciaes do christianismo. Si guardarem esses pobres transviados um pouco de amor para com Maria, si tiverem para com ella algum sentimento de piedade filial, si lhe derem provas deste amor e, principalmente, si lhe pedirem sinceramente auxilio hão de ser predestinados. São Bernardo disse sem rebuços e sem reserva: "A alma devota de Nossa Senhora não póde perecer."

O motivo desta predestinação mysteriosa, encontramol-a em Deus, segundo São Thomaz e São Boaventura. Desde toda a eternidade, Deus gera seu Verbo e com o Verbo gera tambem todos os que fôrem chamados á participação de sua gloria e que serão filhos nesta grande familia dos eleitos. Alli estão no pensamento de Deus; alli vivem inseparaveis daquelle que é o "primogenito". Mas esta geração eterna dos eleitos e predestinados manifesta-se no tempo pela Incarnação. Maria, cooperadora do Pae, communicando a Jesus Christo a vida do corpo, gera de algum modo os que hão de ser irmãos de Jesus na eternidade.

Ella tambem, traz os nomes dos predestinados e previamente os assignala para a gloria; ella os guarda inscriptos no livro que o Apocalypse chama o livro da vida do Cordeiro.

Mas, como posso eu lêr no coração de Maria? Como conseguirei saber si o meu nome está escripto naquelle livro de vida? "Lêde no vosso proprio coração, responde Monsr. Pie. Sentis alli um amor terno e forte, um amor invariavel por Maria? — Pois bem, si amardes a Maria, ella vos amará, e, si o seu nome está gravado em vosso coração, tambem tereis o proprio nome gravado no coração della. Ora, o Coração de Maria, repetimos, é copia fiel do livro de vida e ninguem ha inscripto nas entranhas

da Mãe do Cordeiro sem estar tambem inscripto no seio do Pae."

Quem ama a Maria é amado por ella. No mundo, a reciprocidade das affeições nem sempre existe; as vozes do coração nem sempre têm éco no coração dos outros. O maior tormento das amizades terrestres é serem desprezadas ou pagas com frieza ou ingratidão. Os que desejam ser amados têm de soffrer muito da inconstancia, da incerteza ou da duvida. A Santissima Virgem, cujo coração se transformou pelo contacto do Coração de Deus, retribue generosamente a todos.

Mas, o amor verdadeiro, promove por todos os meios o bem do objecto amado. Ter um lugar no seu coração de Mãe é, portanto, estar inscripto no livro de vida.

2.º — Como se realisará a predestinação dos que se consagram á Santissima Virgem? E' o segredo de Deus, mas ha de realisar-se comtanto que, fieis a esta santa devoção, nunca opponham aos misericordiosos designios maternos a obstinação de uma vontade perversa. Maria fará surgir coincidencias taes, enviará o auxilio de uma graça tão opportuna, dará ás circumstancias uma influencia de salvação tão efficaz, que essas pobres almas serão vencidas pelos ardores de sua caridade. Sob a inspiração de Maria, cedo ou tarde, vivas claridades hão de inundar essas almas, emoções fortes hão de abalar esses corações e a sua conversão se tornará como que natural e necessaria.

Mais ainda. A oração desta Rainha poderosissima elevar-se-á em pról dos seus devotos cuja confiança nunca fraquejou.

E Deus se deixará aplacar, revogando a sentença de condemnação.

Deus quer a salvação de todos; não póde por outro lado destruir sua justiça; logo fica por assim dizer de braços amarrados. Porém accorrentou a justiça com os

laços de uma misericordia maternal a quem nada recusa. Deus é o pae cioso da autoridade que elle não deve comprometter. Mas, para conciliar tudo, deixa á Mãe de seus filhos culpados o direito de intervir efficazmente e de desaggravar a justiça ultrajada.

Vemos como se suspendem, como se desviam os raios desta justiça. Pela intervenção de Maria! Uma unica palavra desta Mãe chega. Para crer, é preciso lêr esta doutrina nas obras dos santos que são os luminares do mundo. Santo Anselmo assegura que será salvo aquelle por quem Maria tiver implorado uma só vez.

Santo Agostinho diz: "Aquelle, por quem Maria tiver orado está tão certo de sua salvação como si já estivesse na gloria."

Ah! que immensa confiança para os verdadeiros devotos de Nossa Senhora, que lhe dirigem tantas vezes a supplica ardente: "Rogai por nós, agora e na hora da nossa morte!"

Maria é mãe de Deus, sua missão é sobrenatural.

Para todas as afflicções a divina Providencia tem um lugar de refugio. O marinheiro açulado pela tempestade, tem a segurança do porto que o espera. Os exilados, encontram no lar estrangeiro as doçuras de uma hospitalidade generosa. O mendigo goza dos inexgotaveis recursos da caridade.

A criança tem o regaço materno. E nossas almas? Não terão ellas seu refugio? Os proprios homens obedeceram a este sentimento de profunda e efficaz compaixão, e estabeleceram refugios para os culpados. Os templos eram outrora asylos inviolaveis para os desgraçados que alli conseguissem retirar-se. Mais humanos ainda, os Hebreus deram como refugio cidades inteiras para maior segurança daquelles que a justiça perseguia.

Por severas que fossem as leis contra o culpado, ellas perdiam toda a força no limiar desses templos, nas

fronteiras dessas cidades. Pois bem! Deus que suggeria aos homens intenções tão caridosas, não podia deixar de fazer outro tanto a favor das almas. O refugio dellas, é o amor de Maria Santissima, e no santuario deste amor já não entram os direitos da justiça. Logo, uma de nossas invocações mais queridas deve ser esta: "Refugio dos peccadores, rogai por nós."

## EXEMPLO

### *MARIA NOSSO REFUGIO*

*Fôra escolhido o ultimo dia do mez de Maria para a tocante ceremonia da Primeira Communhão na capella das Damas do Sagrado Coração. O Padre de Ravignan presidia.*

*Emquanto estava no pulpito para a consagração á Santissima Virgem, cobriu-se o céo repentinamente. Uma tempestade violenta abalou a fragil cupola e a noite, antecipando hora, envolveu em trevas o sanctuario. Só ficava illuminado o lugar das vinte e cinco neo-commungantes. Suas velas accesas formavam um foco luminoso. No meio destacavam-se calmas e recolhidas, as meninas.*

*De repente estala trovão medonho. O orador cala-se, escuta um instante, abaixa os olhares cheios de doçura sobre o grupo angelico e deixa escapar estas palavras de paz: "Estais ouvindo, filhas, o rugir da tempestade: é a imagem da vida cheia de perigos, de angustias, de trevas e enganos. Necessitais de um abrigo, não é verdade? Ide a Maria, escondei-vos debaixo de seu manto tutelar. Por ventura receiais alguma cousa agora? Nada! porque ella vos traz, como a filhas estremecidas, no seu regaço materno.*

*Eu tenho experiencia da vida das almas. Pois bem, afianço-vos que si um coração recebeu do céo o dom inestimavel de amar a Maria e de recorrer a ella nas suas penas, lutas ou provações, este coração experimenta as delicias da*

*paz, a abundancia da graça: elle tem um penhor infallivel de salvação eterna. O caminho da alma confiante em Maria é sempre caminho mais livre, mais direito e mais suave; não o esqueçais, bôas meninas, e seja o manto de Nossa Mãe o vosso amparo e escudo no dia da tentação, no dia do perigo. Então, como hoje, em céo tempestuoso e caliginoso podereis guardar calmo e sereno o vosso coração."*

## ORAÇÃO

O' Maria, de que serviriam todas as vossas lagrimas, si eu me perdesse para sempre? Alcançai-me, pois, pelos merecimentos de vossa vida, o verdadeiro arrependimento de minhas culpas. O' minha Mãe, por quanto tendes soffrido, alcançai-me uma bôa morte. E, como, naquella hora tremenda, a voz e as forças fugirão de mim e nem serei capaz de pronunciar o vosso nome com o de Jesus, por isso quero, desde já, invocal-os e dizer-vos, como si tivesse de exhalar agora mesmo o meu derradeiro suspiro:

Jesus e Maria, em vossas mãos entrego a minha alma. Assim seja.

S. A. DE LIGORIO.

# TRIGESIMO PRIMEIRO DIA

## MARIA E O BRASIL

Si a devoção á Santissima Virgem é signal de predestinação, o seu culto é uma gloria, e pertence ao Brasil.

Em cada nação o culto de Maria parece tomar forma particular e revestir um caracter em harmonia com os gostos e as tradições do povo. A Italia artistica é a terra das madonas; a nobre Hespanha se chamava, nas chronicas de outr'ora, "o Dote da Santissima Virgem". Quando a Inglaterra era ainda a "Ilha dos Santos", designava-se "Feudo de Maria". Antes que a maior iniquidade social tivesse riscado a altiva e generosa Polonia do mappa da Europa, ella dava a Maria o nome de "Grande Dama". A França enthusiasta e cavalheiresca escolhêra a Maria como Rainha; e, por uma consagração especial e solemne, o reino de França era "o Reino de Maria"; é por isso sem duvida que ahi se deram as mais notaveis manifestações da Rainha dos Anjos e dos homens. No Brasil, desde a descoberta, Maria foi a protectora do paiz e de cada casa em particular, e o povo, no seu entranhado amor, diz simplesmente, mas com quanto affecto! essas duas palavras que synthetizam todos os sentimentos do coração: "Nossa Senhora".

O Brasil nasceu nos braços da Virgem da Conceição; e, apenas nascido, foi por irresistivel amor attrahido para ella, unindo eternamente o seu coração ao coração incomparavel desta incomparavel creatura.

O culto da Senhora da Conceição cresceu e floriu desde logo em toda a vastidão interminavel do nosso territorio, onde se não contam os altares e as igrejas grandiosas ou humildes, opulentas ou desvalidas, edificadas em sua honra.

O mesmo se póde dizer de N. S. do Rosario. Não ha aldeia, por minima que seja, que não tenha a sua igreja ou capellinha do Rosario. Aliás, o Rosario foi sempre a grande devoção do brasileiro. Antigamente em todas as familias, ao anoitecer, ao toque tão poetico quão melancolico das Ave Marias, abria-se o oratorio e todos rezavam o terço. Nas fazendas, a elle assistiam os camaradas e escravos; e a esta pratica seguiam-se geralmente o canto das ladainhas, o curso de doutrina feito pelo proprio chefe de familia, e as orações da noite tiradas pela mãe ou por um filho do fazendeiro. Esses ditosos costumes que fizeram as gerações sadias, fortes, robustas e de rigida tempera dos tempos idos, desappareceram em grande parte, infelizmente, da população heteroclita das nossas grandes cidades, porém, conservam-se nas pequenas cidades do interior e nos centros agricolas donde sahem a maior parte dos homens eminentes do paiz.

A esse dois titulos: N. S. da Conceição e N. S. do Rosario com que o brasileiro se compraz em honrar a Maria, elle junta o terceiro: N. S. da Bôa Morte, que se confunde com o de N. S. da Abbadia, sendo muitos dos templos sob este vocabulo, lugares de romarias annualmente muito concorridos.

E' de notar que não ha brasileiro que não saiba, com a Ave Maria, a Salve Rainha e o Lembrai-vos, e, não raro as ladainhas em latim de N. Senhora.

Os nossos primeiros apostolos gravaram nas praias de Iperoig e nas almas dos nossos selvicolas o nome bemdito de Maria Immaculada; e, ao proclamar a nossa independencia, o primeiro imperador, confirmando a velha provisão de 1646, declarava a Virgem da Conceição padroeira do Brasil no momento solemnissimo em que confiava ao valor dos nossos primeiros soldados a honra das nossas primeiras bandeiras.

A nossa historia que começára junto a um altar de Maria, a ermida de Nossa Senhora de Belém, donde zar-

pára Pedro Alvares Cabral, vinha desdobrando-se junto a um altar da Virgem, porque eramos a terra de Santa Cruz e não se comprehende a cruz sem Maria.

O nosso passado era garantia do nosso futuro, e certos estavamos de que a nossa historia continuaria sendo uma magnifica epopéa, a terminar-se em deslumbrante apotheose de immenso reconhecimento a Nossa Senhora.

Maria amára o Brasil desde o seu berço, amal-o-ia até ao fim, porque jámais abandonou um povo que nella houvesse depositado toda a sua confiança.

E, no entanto, na grandeza do nosso amor para com ella, não nos achavamos satisfeitos porque aspiravamos vel-a surgir do amago da nossa patria, como a Italia a vira levantar-se um dia das ruinas de Pompeia, o Mexico das montanhas do Tepeyac e a França das planicies de Brebières. E Nossa Senhora ouviu propicia a nossa prece, e, um dia, revelou-se á nação, aqui e acolá, por todas as provincias do Brasil e até nos recantos mais afastados do sertão, surgindo então, como por encanto, aquella multidão de templos celebres em que Maria, cada anno, numa ou outra época, attrahe a si ingente concurso de fieis devotos, derramando sobre elles copiosa abundancia de favores espirituaes e temporaes.

E' assim que temos N. S. da Apparecida e da Penha, em São Paulo, N. S. de Nazareth no Pará, no Rio e no Espirito Santo, N. S. da Piedade em Pernambuco, N. S. da Gloria, a Candelaria, o templo mais sumptuoso do Brasil, N. S. da Abbadia em Minas, Goyaz, etc., etc., etc.

Desde esse momento a Virgem Santissima foi para nós como a nuvem em cujo seio pesava uma enchente de graças, que, no decurso dos annos, deveria espargir sobre o nosso povo o orvalho bemfazejo dos seus dons.

Em verdade, os seus prodigios multiplicaram-se copiosamente e a fama dos seus portentos trouxe aos seus pés, de todos os recantos dos nossos sertões e das nossas cidades,

uma multidão cada vez mais ingente, como uma onda que vae e que vem, entra, sahe, volta depois, impellida por uma força occulta que a domina. Pontifices, clero, governantes, magistrados, representantes da nação, nobreza, burguezia, todas as classes sociaes, sem excepção, vieram implorar-lhe allivio para seus soffrimentos, conforto em seus pezares, bençam para suas emprezas.

Os sanctuarios da Virgem, são casas reaes, porque nelles estabeleceram o seu alcácer o rei dos reis e a rainha das rainhas, e são casas populares, porque o povo não se cansa de visital-os em continuas romarias. A gloria delles, em verdade, são as constantes peregrinações de que são alvo, e esta gloria cresce dia a dia.

O nosso Deus não se assemelha ao orador romano queixoso do seu povo por ter, com suas frequentes consultas, feito da sua vivenda uma basilica.

Não, Jesus Christo ama as multidões. Quando as via consternadas nos transes amargos de acerba oppressão, commovia-se até ás lagrimas; e pronunciou um dia esta sentença. que o paganismo ouviu impassivel, mas que lhe havia de aluir os alicerces: "*Misereor super turbam!*" Compadeço-me da turba!

Queria junto a si os ingentes e os humildes, para alental-os em suas penas, e, admittindo-os á sua intimidade dulcissima, annunciava-lhes que viera implantar no mundo confortadora igualdade; a mesma oração em todos os labios e a mesma hostia em todos os corações.

E a Virgem, delicada e pura, ama tambem as multidões; e, do pinaculo dos seus campanarios, deixa cahir sobre ellas uma chuva de flôres e uma chuva de graças, acoroçoando-as em seus intentos, regosijando-se com o exito de seus trabalhos e dirigindo-lhes maternas admoestações nos caliginosos dias em que as paixões desregradas as arrastam á voragem funesta do peccado.

E o nosso povo ouve docilmente os conselhos de sua Mãe celeste, porque o nosso povo ama a Nossa Senhora. E um povo que ama é um povo immortal.

Por isso, faz mais de tres seculos que elle vai passando ininterruptamente, como as correntezas majestosas dos nossos rios, ante os perennes sanctuarios da Virgem Santissima; e, ajoelhando-se diante das venerandas Imagens da sua augusta Rainha, deposita-lhe aos pés a homenagem que lhe é mais grata: o reconhecimento da divindade de seu Filho Jesus.

E, emquanto no mystico recolhimento de seu orar, o coração do povo palpita unisono com o coração da Virgem, um côro angelico faz resoar nas arcarias daquelles templos as suavissimas palavras que prophetizaram a gloria da mais formosa dentre as filhas da Judéa: todas as gerações proclamar-me-ão bemaventurada. "*Beatam me dicent omnes generationes*". Vamos, pois, beijar aquelles muros consagrados pelo contacto das veneradas Imagens da Virgem Santissima, ungidos com tantas e tão fervorosas preces; cobertos de milhares de ex-votos, engalanados por innumeros estandartes, abençoados por tantos pontifices, écos de tantas harmonias; memorial de tantas solennidades, escrinio das nossas glorias e penhores da nossa prosperidade! A mentira não cria, o nada não cria; si aquelles sanctuarios fulgem, pois, de tanto esplendor, é que Nossa Senhora é grande, é poderosa, é a verdadeira Mãe do Filho de Deus!

Vamos, pois, ouvir a sua voz, a meiga voz da Virgem de Nazareth que gravou indelevelmente o seu nome bemdito em tantos montes e devezas do nosso paiz para transformal-o numa dependencia do céo.

Vamos todos, sempre que o pudermos, em romaria áquellas regiões de silencio e de mysterio, onde a voz de Deus mais claramente se escuta que por entre o ruido ensurdecedor das grandes cidades. Lá é bello o espectaculo

da natureza, dilatado o horizonte, purissimo o ar que se respira: pallida imagem das grandezas e bellezas de Maria, excelsa Rainha do mundo e especialmente do Brasil que a reconhece por soberana Senhora e parece lhe offerecer todas as suas riquezas ao mesmo tempo que todo o seu affecto.

Alli, quando do alto do seu throno a Virgem contempla milhares de homens abrigados em seus sanctuarios; quando centenas de amorosos olhares anciosamente a buscam para lhe segredarem as suas maguas e as suas alegrias; quando innumeras mãos em attitude supplicante se extendem para Ella como a quererem arrancar do seu materno coração as graças de que hão mister; quando mil corações e mil vozes fervidamente se elevam até ao Coração adoravel de seu divino Filho, clamando na hora da amargura: "*Parce Domine, parce populo tuo*", e no dia da exultação: "*Te Deum, laudamus*", Ella, a dôce Mãe dos homens, a amorosa bemfeitora do nosso povo, não fica insensivel ás supplicas de seus filhos.

O seu coração é um ninho de compaixão e um ninho de ternura, e ha muita fé, muito amor nas vozes soltadas pelas turbas, sequiosas de seus carinhos e apaixonadas de sua belleza!

Sim, a Rainha do céo e da terra não é insensivel ás acclamações de todo um povo; e nós, aqui reunidos ao pé de seus altares, neste ultimo dia do mez que lhe é particularmente consagrado, vamos levar-lhe, com a nossa saudação e o nosso amor, a saudação e o amor de todo o povo brasileiro.

Disse com muita verdade um illustre orador, que, como a França fôra o reino de Maria, a Inglaterra o feudo de Maria, a Hespanha o dote de Maria, a Italia, a terra de Maria, a Hungria a familia de Maria, o Mexico a nação de Maria, o Brasil era ainda mais: "era a posse de Maria."

De facto, o Brasil é a posse de Maria, porque foi ella a divina protectora de seus dias de criança, o esplendoroso

luzeiro dos dias tenebrosos da sua adolescencia, é hoje o seu guia e a sua fortaleza, e amanhã será a sua gloria e a sua recompensa.

Abri o livro da nossa historia. Que digo? Antes mesmo de desprendermos o vagido primeiro, Maria apparelhava a nossa patria, para vir a ser a sua posse.

Alcandorai-vos, com vôos de aguia, á mente altissima de Deus; e, da summidade de sua altitude, lançai livremente um olhar sobre o panorama arrebatador da creação: quanto mais se sobe, mais horizontes se abrangem, da sublimidade de Deus tudo se comprehende.

Contemplai então os povos soterrados pelas lavas incandescentes dos vulcões; as cidades varridas pela furia indomita das procellas; as nações exterminadas pela vehemencia espantosa dos terremotos, e, quando vossos olhares, amortecidos pela tetrica visão de tantas ruinas, se concentrarem na região bemdita que ha de ser a terra da nossa patria, e a virdes satisfeita, isenta de todos aquelles cataclysmos, supportar satisfeita o jugo brasileiro, curvando as suas alterosas montanhas ao peso da vegetação e da vida e embalando os seus verdes mares na placidez das serenas e perfumadas brisas de uma eterna primavera, emquanto seu seio não abriga fogo devastador, mas sim thesouro sem conta, repetireis, reconhecidos: somos a posse de Maria, tanto mais que Maria, segundo as palavras da Sabedoria que a Igreja lhe attribue, presidia com Deus á creação do universo e á collocação dos continentes, dos mares, dos povos todos.

Admirai agora os encantos da nossa natureza, ante a qual tudo quanto ha de grande e majestoso no universo se perde ou se desbota.

O estrangeiro, extasiado diante da sua magnificencia, exclama: E' aqui o portento, a joia do mundo! e essa joia foi lapidada por Deus com particular esmero para della fazer presente a Maria. Realmente, somos "a posse de

Maria." Porém, para os olhos e o coração de Maria, o maior thesouro, o brilhante de mais estima é o coração dos brasileiros, que lhe dedicaram, dedicam e dedicarão o maior affecto, a mais suave ternura, predicados esses realçados por sublime grandeza de alma, infinda bondade de caracter, illimitada generosidade. Disso não ha que se maravilhar, porque somos a posse de Maria.

Sim, a Virgem Santissima apparelhou a nossa patria e apparelhou o nosso povo para ser a sua posse.

E esta affirmação não é uma hyperbole arrojada, porque diz a Escriptura que, quando o universo não existia ainda, Maria já era o encanto da mente divina, e o Omnipotente tudo operou com os olhares fitos n'Aquella que era a portentosa meta das maravilhas todas evocadas das profundezas do nada, pelo seu "fiat" creador: e si o Brasil sahiu a terra de todas as maravilhas, ainda mais maravilhosa pelo seu povo, é que era já destinada a ser "posse de Maria".

Percorrei depois os quadros de nossa historia e lêde uma a uma as paginas escriptas com o sangue da nossa bravura e com o sangue do nosso heroismo, e dizei-me, dizei-me quando o sopro nefasto das heresias com o seu cortejo de crimes e horrores maculou a pureza da nossa fé? quando cruentas revoluções nos dividiram? quando a peste ou a fome amontôou cadaveres nas ruas das nossas cidades? dizei-me o dia em que fomos humilhados pela prepotencia estrangeira; a hora em que nossos soldados recuaram diante da morte; o momento em que o brasileiro deixou de cumprir todo o seu dever ao perigar o seu torrão natal?

Não! este momento, esta hora, este dia não existiu; este dia, esta hora, este momento em tempo algum ha de existir, porque somos a posse de Maria.

E Nossa Senhora tomou posse da nossa patria desde os caudalosos rios do Pará e das ilhas das suas aguas até aos campos e cochilhas do Rio Grande do Sul, erguendo a

sua branca igrejinha em cada angra, em cada outeiro, em cada bahia, em cada cimo, em cada promontorio, em cada planicie, para repetir aos extranhos e relembrar ao nosso povo: O Brasil é a posse de Maria.

Os nossos usos, os nossos costumes, as nossas familias impregnaram-se de suas bellezas e o seu amor é o apanagio de todo coração brasileiro.

Levantemo-nos e digamos-lhe pois em nome da nossa patria estremecida:

## *SUPPLICA DO BRASIL A NOSSA SENHORA*

*Sim, ó Virgem, Nossa Senhora, o Brasil é tua posse porque tu és a sua unica Soberana e a sua unica Senhora!*

*Reina sobre elle e reina sobre nós do fastigio grandioso dos teus sanctuarios, onde te sublimou o amor do nosso povo.*

*Ahi, ó Virgem, tens por escabello os nossos montes alterosos ou as nossas graciosas collinas; por tapete o verde esmeraldino dos nossos campos de uma formosura sem par, franjado pelas aguas crystallinas dos nossos formosos rios ou pelas brancas areias das nossas plagas hospitaleiras; por docel, o nosso céo borbado com a cruz de teu filho, e o nosso sol tão cheio de vida é o teu lampadario.*

*Amerceia-te de nós, que te pertencemos, e sê a excelsa atalaia e guardian das nossas montanhas, dos nossos mares, das nossas cidades, das nossas familias.*

*Conserva a nossa fé, perdôa as nossas culpas, illumina a nossa intelligencia, fortalece a nossa vontade.*

*Piedade, ó Virgem, da Santa Igreja e do Pastor supremo que, lá em Roma, curte as agruras da sua prisão e sente uma a uma todas as dôres de seus filhos! Concede-lhe um triumpho egual ás suas dôres.*

*Piedade dos nossos bispos, do nosso clero, dessas vergonteazinhas que crescem nos seminarios, agasalhadas no*

*teu manto protector! Abençôa-lhes os santos emprehendimentos e generosos esforços.*

*Piedade dos nossos governantes e piedade do nosso povo!*

*Abençôa os nossos governantes para que governem com justiça e para que governem com doçura, e abençôa o nosso povo para que obedeça com resignação e para que trabalhe com amor.*

*Piedade dos nossos soldados para que não lhes desfalleça a coragem na refrega sanguinolenta dos combates!*

*Cobre-os com o teu manto e seus feitos se contarão por victorias.*

*Abençôa a nossa bandeira, symbolo das nossas riquezas e brazão das nossas glorias. As estrellas que a recamam são raios de luz para augmentar o brilho do teu sol; o ouro que a ornamenta e as esmeraldas que a embellezam, são pobres adereços para aprimorarem a sumptuosidade do teu solio e o rumorejar do seu pannejamento quando desdobrada ao vento dos nossos triumphos, são cantos accrescentados ao poema immortal das tuas grandezas.*

*Ao falar-te em nossa patria, ó Maria, apenas sinto forças para erguêl-a até ao teu throno, e pedir-te que a colloques dentro do teu coração para que ella seja eternamente grande, eternamente immaculada, eternamente victoriosa!*

*Soergue os que labutam na imprensa para que não banhem as suas pennas no fel ou na lama e sustenta aos que da tribuna devem apontar ás multidões o caminho da verdade e do bem!*

*Piedade das virgens consagradas ao amor de teu Filho para não empannarem a alvura das suas almas nos sonhos enganadores do mundo, e piedade dos orphãozinhos desapercebidos do conchego de seus paes, para que não venham a definhar por falta de pão e por falta de luz!*

*Piedade das esposas fieis que te pedem mercê nas ausencias do esposo; das mães que te imploram a felicidade de seus filhos: das viuvas que, sem o arrimo do teu braço, cahiriam no desespero ou no peccado! Pela innocencia de seus filhinhos, tem piedade dellas, ó Virgem santa!*

*Piedade da numerosa mocidade do Brasil, particularmente dos que se educam nas casas religiosas para que, como teu divino Filho, sempre cresçam em idade, sciencia e sabedoria. Traze a todos elles ao pé dos altares para que a miudo, sinão todos os dias se venham reanimar e fortalecer na fonte da vida e da felicidade, a sagrada Eucharistia, a santa communhão!*

*Piedade dos que se foram a dormir o derradeiro somno, e piedade dos que ficam privados dos seus carinhos!*

*Piedade de todos os soffrimentos, de todas as maguas, de todos os pezares que fazem do mundo um mar de angustias.*

*Faze surgir deste pelago revolto de miseria e de morte, muita vida, muita felicidade, muito amor.*

*Sim, ó Virgem! roga, roga muito pelo Summo Pontifice, vigario na terra de teu divino Filho, roga pela Igreja universal, roga pelo nosso episcopado, nosso clero, nosso povo, roga por nossa patria estremecida, e roga tambem muito por nós, pobres peccadores, agora e na hora da nossa morte!*

## LADAINHA DE NOSSA SENHORA

| | |
|---|---|
| Kyrie, eleison. | Senhor, tende piedade de nós. |
| Christe, eleison. | Jesus Christo, tende piedade de nós. |
| Kyrie, eleison. | Senhor, tende piedade de nós. |
| Christe, audi nos. | Jesus Christo, ouvi-nos. |
| Christe, exaudi nos. | Jesus Christo, escutai-nos. |
| Pater de cœlis Deus, miserere nobis. | Deus, Pae celestial, tende misericordia de nós. |
| Fili Redemptor mundi Deus, miserere nobis. | Deus Filho Redemptor do mundo, tende misericordia de nós. |

Spiritus sancte Deus, miserere nobis.
Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis.

Sancta Maria, ora pro nobis.
Sancta Dei Genitrix.
Sancta Virgo virginum.
Mater Christi.
Mater divinæ gratiæ.
Mater purissima.
Mater castissima.
Mater inviolata.
Mater intemerata.
Mater amabilis.
Mater admirabilis.
Mater Boni Consilii.
Mater Creatoris.
Mater Salvatoris.
Virgo prudentissima.
Virgo veneranda.
Virgo prædicanda.
Virgo potens.
Virgo clemens.
Virgo fidelis.
Speculum justitiæ.
Sedes sapientiæ.
Causa nostræ lætitiæ.
Vas spirituale.
Vas honorabile.
Vas insigne devotionis.
Rosa mystica.
Turris davidica.
Turris eburnea.
Domus aurea.
Fœderis arca.
Janua cœli.
Stella matutina.
Salus infirmorum.
Refugium peccatorum.
Consolatrix afflictorum.
Auxilium Christianorum.
Regina Angelorum.
Regina Patriarcharum.
Regina Prophetarum.

Ora pro nobis

Deus Espirito Santo, tende misericordia de nós.
Trindade Santa, que sois um só Deus, tende misericordia de nós.

Santa Maria, rogae por nós.
Santa Mãe de Deus.
Santa Virgem das virgens.
Mãe de Jesus Christo.
Mãe da divina graça.
Mãe purissima.
Mãe castissima.
Mãe immaculada.
Mãe illibada.
Mãe amavel.
Mãe admiravel.
Mãe do Bom Conselho.
Mãe do Creador.
Mãe do Salvador.
Virgem prudentissima.
Virgem veneravel.
Virgem digna de todo louvor.
Virgem poderosa.
Virgem clemente.
Virgem fiel.
Espelho de justiça.
Templo de sabedoria.
Causa da nossa alegria.
Vaso espiritual.
Vaso honorifico.
Vaso insigne de devoção.
Rosa mystica.
Torre de David.
Torre de marfim.
Casa de ouro.
Arca da alliança.
Porta do céo.
Estrella da manhã.
Saude dos enfermos.
Refugio dos peccadores.
Consoladora dos afflictos.
Auxilio dos Christãos.
Rainha dos Anjos.
Rainha dos Patriarchas.
Rainha dos Prophetas.

Rogae por nós

| | Ora pro nobis | Rogae por nós |
|---|---|---|
| Regina Apostolorum. | | Rainha dos Apostolos. |
| Regina Martyrum. | | Rainha dos Martyres. |
| Regina Confessorum. | | Rainha dos Confessores. |
| Regina Virginum. | | Rainha das Virgens. |
| Regina Sanctorum omnium. | | Rainha de todos os Santos. |
| Regina sine labe originali concepta. | | Rainha concebida sem peccado original. |
| Regina Sacratissimi Rosarii. | | Rainha do Santissimo Rosario. |
| Regina pacis. | | Rainha da paz. |
| Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, Domine. | | Cordeiro de Deus, que tiraes os peccados do mundo, perdoae-nos, Senhor. |
| Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine. | | Cordeiro de Deus, que tiraes os peccados do mundo, ouvi-nos, Senhor. |
| Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis. | | Cordeiro de Deus, que tiraes os peccados do mundo, tende misericordia de nós. |
| V. Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix. | | V. Rogae por nós, Santa Mãe de Deus. |
| R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi. | | R. Para que sejamos dignos das promessas de Christo. |

*Oremos*

Senhor, defendei de todo o mal, vol-o supplicamos, pela intercessão da Bemaventurada Virgem Maria, esta familia que, de todo o coração, se prostra diante de vós; e, pela vossa misericordia, livrai-a de todas as insidias de seus inimigos. Por Jesus Christo Senhor Nosso. Amen.

*Oremus*

Defende, quæsumus, Domine, beata Maria semper virgine intercedente, istam ab omni adversitate familiam, et toto corde tibi prostratam, ab hostium propitius tuere clementer insidii. Per Christum Dominum nostrum. Amen.

## ORAÇÃO

Lembrai-vos, ó piissima Virgem que nunca se ouviu dizer que algum daquelles que recorreram a vossa protecção, imploraram a vossa assistencia e reclamaram o vosso soccorro fosse por vós desam-

parado. Animado eu, pois, com igual confiança, a vós, Virgem entre todas singular, como a minha mãe recorro; de vós me valho; e, gemendo com o peso de meus peccados, me prostro a vossos pés. Não desprezeis as minhas supplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado; mas, dignai-vos de as ouvir propicia e de me alcançar o que vos rogo. Assim seja.

## CONSAGRAÇÃO Á SANTISSIMA VIRGEM

O' Maria! ó nossa terna Mãe! eis-nos prostrados a vossos pés para prestar-vos a affectuosa homenagem da nossa dedicação. Que outros, si quizerem, dediquem ás vãs alegrias e aos frivolos prazeres a mais risonha e a mais amavel das estações da vida; nós que vos conhecemos, poderiamos deixar de consagrar os nossos mais bellos annos á mais pura das virgens e á mais extremosa das mães?

Dignae-vos, ó bôa Mãe, acceitar o tributo de reconhecimento e de amor destes vossos filhos. Abençoai todos aquelles que aqui vêdes ajoelhados ao pé do vosso altar. Abençoai nossas resoluções, mórmente aquella que formulamos antes de qualquer outra e ora renovamos com todas as véras da alma: a resolução inabalavel de sempre esperar, nunca desesperar, desde que nos offereceis o dôce refugio do vosso coração de Mãe.

O Maria, Virgem poderosa, a nós volvei esses vossos olhos misericordiosos! Sim, sem restricção alguma, queremos dora em diante ser vossos; queremos viver e morrer na vossa amizade, na graça de vosso divino Filho. Do mais intimo do coração prorompemos neste grito que hoje é nossa alegria como um dia será nossa gloria: "Para sempre somos vossos, ó Jesus! para sempre somos vossos, ó Maria!"

# INDICE


| | Pagina |
|---|---|
| Abertura do Mez de Maria | 3 |
| 1.º dia. — Predestinação de Maria | 10 |
| 2.º dia. — Maria prophetisada | 17 |
| 3.º dia. — Natividade de Maria | 23 |
| 4.º dia. — Maria Soberana. | 29 |
| 5.º dia. — Maria Illuminadora | 35 |
| 6.º dia. — Apresentação de Maria ao templo | 41 |
| 7.º dia. — As nupcias virginaes | 48 |
| 8.º dia. — A Annunciação | 55 |
| 9.º dia. — A Visitação | 62 |
| 10.º dia. — O Magnificat . | 72 |
| 11.º dia. — Belém | 79 |
| 12.º dia. — As alegrias de Belém | 86 |
| 13.º dia. — A Mãe | 92 |
| 14.º dia. — Nossa Mãe. | 100 |
| 15.º dia. — Jesus apresentado ao templo | 107 |
| 16.º dia. — O gladio de dôres | 114 |
| 17.º dia. — Os annos de exilio | 121 |
| 18.º dia. — O thesouro perdido | 129 |
| 19.º dia. O milagre de Caná . | 137 |
| 20.º dia. — Os dois apostolados | 144 |
| 21.º dia. — Maria e a Eucharistia | 151 |
| 22.º dia. Compaixão de Maria | 158 |
| 23.º dia. — O Calvario | 165 |

24.º dia. — A Resurreição 172
25.º dia. — A Ascensão 179
26.º dia. — Os ultimos annos. 185
27.º dia. — A Morte de Maria 192
28.º dia. — A Assumpção. 199
29.º dia. — Gloria de Maria no céo 205
30.º dia. — A devoção a Maria 211
31.º dia — Maria e o Brasil . 217
Ladainha de Nossa Senhora 229
Consagração á Santissima Virgem 230

---

**Nihil obstat**
F. Mac-Dowell,
Censor.

**Imprimatur**
S. Paulo — 25 Sept. — 1919.
A. Emilius Teixeira,
Vic. Generalis.

† Livros Católicos para Download